

SUMÁRIO

ESTUDO DE TOMBAMENTO	03
Dos objetos	03
IGREJA CATÓLICA – CONTEXTUALIZANDO	04
O direito do padroado	04
As ordens militares	05
Companhia de Jesus	06
Padres católicos	07
A Igreja Católica no Brasil após a Proclamação da República	08
A Igreja Católica em São Paulo	08
IMIGRAÇÃO	10
O processo de imigração	10
O imigrante italiano e a religião católica	11
INDÚSTRIA E OPERÁRIOS	12
As indústrias no Brasil e em São Paulo	12
As indústrias em Santo André e região	13
SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO À ATUAL SANTO ANDRÉ	14
Santo André da Borda do Campo	14
Borda do Campo	15
Bairro Estação de São Brenardo – Atual Santo André	16
DIOCESE DE SANTO ANDRÉ – CATEDRAL NOSSA SENHORA DO CARMO BREVE HISTÓRICO	17

A missão da igreja católica	17
A padroeira	18
O início do catolicismo na atual Santo André	19
Padre Luiz Capra	20
Antonio Queiroz dos Santos: doador do terreno da Igreja	21
Da Igreja à Catedral	23
Estilo arquitetônico	28
Catedral Nossa Senhora do Carmo	30
Planta de implantação da Catedral Nossa Senhora do Carmo	33
BISPOS DA CATEDRAL NOSSA SENHORA DO CARMO	36
1º Bispo: Dom Jorge Marcos de Oliveira – O Bispo dos trabalhadores	36
Movimentos Operários Cristãos no bispado de Dom Jorge	42
2º Bispo: Dom Cláudio Hummes – O Frei que acolheu os metalúrgicos	48
3º Bispo: Dom Décio Pereira	53
4º Bispo: Dom Néelson Westrupp – O presépio nas igrejas e nas casas	55
5º Bispo: Dom Pedro Carlos Cipollini	57
Dados municipais sobre o prédio da Igreja	61
As residências dos padres	63
A mitra	64
O escudo da diocese de Santo André	65
Celebrações na Catedral	66
A PRAÇA DO CARMO	66
Construção, intervenções e algumas histórias	66

Informações de banco de dados	72
Área envoltória	74
Mapas da região no entorno da Praça do Carmo – de 1919 a 1951	75
A CONCHA ACÚSTICA	80
Sobre Adoniram Barbosa	81
Intervenções e eventos	82
CONCLUSÃO	84
Catedral Nossa Senhora do Carmo – Parecer Técnico	84
Praça do Carmo – Parecer Técnico	86
Concha Acústica – Parecer Técnico	89
REFERÊNCIAS	91

ESTUDO DE TOMBAMENTO

Dos objetos

Trata o presente, estudo de tombamento solicitado no processo 26035/2013-1 de 01.07.2013.

Em atendimento ao disposto no art. 15 da Lei 9071/2008, o trabalho foi estruturado de forma a contemplar o previsto nos incisos I, II, III e IV.

Nesse sentido, de forma sucinta, contextualiza-se a história da cidade de Santo André da Borda do Campo à Santo André dos dias atuais; a igreja católica; o processo imigratório; indústrias e operários; e os objetos do presente estudo que são: Igreja Nossa Senhora do Carmo, Praça do Carmo e Concha Acústica.

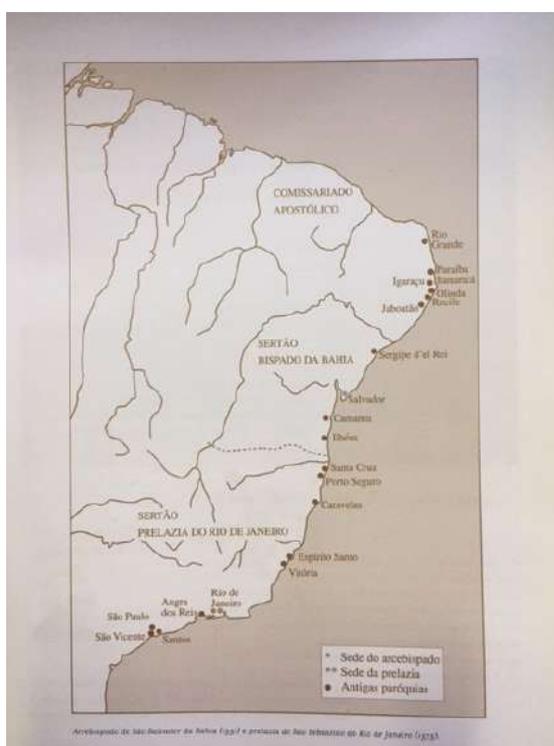
Ao final, emite-se a conclusão, com o parecer técnico, para análise e deliberação do COMDEPHAAPASA.

IGREJA CATÓLICA - CONTEXTUALIZANDO

O direito do padroado

O Brasil na época de seu descobrimento pertencia ao vicariato de Tomar, região sob responsabilidade da jurisdição da Ordem de Cristo. Posteriormente passou a pertencer ao bispado de Funchal. (Souza, 2004)

Com a criação do bispado de São Paulo Salvador da Bahia, em 25 de fevereiro de 1551, introduziu-se no Brasil colonial o regime de privilégios seculares e espirituais concedidos pelo papado à Coroa portuguesa, como patrona das missões católicas e instituições eclesiásticas na África, Ásia e Brasil. O chamado direito do padroado. O direito do padroado era uma troca de favores onde a Coroa responderia pelo sustento econômico para estabelecer a Igreja nos novos territórios que deveriam ser evangelizados, com compromisso de empenhar-se em manter, e expandir, a fé católica. Por sua vez, a hierarquia eclesiástica assumia o compromisso de colaborar intimamente no fortalecimento do projeto colonial. (Souza, 2004).



Mapa do Arcebispado de São Salvador da Bahia (1551) e prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro (1575). (Souza, 2004)

A primeira Constituição brasileira, outorgada por D. Pedro I, imperador do Brasil, em 1824, manteve a religião católica e o direito do padroado, conforme estabelecido no regime colonial. O clero cumpria seu papel, comunicando o povo das decisões do poder temporal e zelava pela ordem pública. Essa situação, contudo era embaraçosa, pois sabiam ser sustentados pelo Estado formado por uma elite de pensamento maçom-liberal. O Império, porém entendia que o catolicismo era elemento de coesão e aglutinação de uma população muito heterogênea, que a religião era valorizada como condição para a paz e para a ordem, e garantia tanto a unidade nacional quanto a tranquilidade e a moralização do povo. O catolicismo era visto como um legitimador da ordem pública. (Souza, 2004).

Porém com a Proclamação da República, em 1889, o catolicismo deixou de ser a religião oficial do Brasil e o direito do padroado chegou ao fim. A igreja então iniciou reformas, que detalharemos mais a frente, face ao novo cenário que se expunha.

As ordens militares

Segundo Souza (2004), não se poderá seguir uma análise do direito do padroado, que no Brasil durou quase quatro séculos, sem uma visão das Ordens Militares e todo o processo histórico posterior que culminou com a separação entre espiritual e temporal.

As Ordens Militares surgiram na época das Cruzadas para proteger os peregrinos. Eram compostas de soldados e monges, sujeitos a votos religiosos que seguiam as regras da Santa Sé. A Ordem dos Templários é uma delas, e a mais importante para essa contextualização, pois após sua supressão em 1312, nasceu em Portugal, em 1318, a Ordem de Cristo, a qual a instituição do padroado estava intimamente ligada. (Souza, 2004).

A Ordem dos Templários foi fundada em 1119, em Jerusalém, por um grupo de 11 cavaleiros, que uniram aos três votos religiosos, de pobreza, castidade e obediência; à defesa aos peregrinos cristãos, as estradas e os lugares santos da Palestina. Por esse trabalho ganharam privilégios dos papas, e os reis da península ibérica lhes deram imunidades, terras e castelos. Tornaram-se mais tarde uma sociedade financeira a qual a hierarquia eclesiástica e a Coroa recorriam quando precisavam. (Souza, 2004).

O rei francês Felipe IV, o Belo, cobiçando o poder dos templários os acusou de heréticos, e em 1305, expediu um mandado de prisão a todos os membros da ordem. Contudo, através de

um concílio, proposto pelo papa Clemente V, em 22.11.1308, os templários foram absolvidos (exceto na França). Souza (2004).

A pedido de Dom Diniz, rei de Portugal, o papa João XXII, sucessor de Clemente V, criou uma nova ordem militar religiosa, a Milícia de Jesus Cristo, que ficou com os bens adquiridos dos Templários. Com esse valor essa Ordem armou caravelas e preparou marinheiros para conquistar as novas terras. Obtiveram da Coroa privilégios e da Santa Sé a administração e jurisdição espiritual nas terras conquistadas por Portugal (Souza, 2004).

Com o passar do tempo os reis portugueses foram assenhorando-se do governo da nova Ordem, Receberam dos papas poderes para governar tanto a jurisdição temporal quanto a espiritual nas colônias, que fossem descobertas por eles. Tinham o direito de construir igrejas e estabelecer o clero católico, com consentimento das autoridades eclesiásticas. Souza (2004). E para evangelizar o Brasil foi escolhida a Companhia de Jesus composta pelos jesuítas.

Companhia de Jesus

A Companhia de Jesus era formada por poucos, mas ardorosos membros, preocupados em revigorar a fé católica. Foi aprovada pelo Papa Paulo III em 1540.

Chegaram ao Brasil em 1549 junto com Tomé de Sousa e eram liderados pelo Padre Manoel da Nóbrega. Vieram com a missão de evangelizar os indígenas na religião cristã, domesticá-los e ensiná-los à vida comum. Deveriam ainda fixá-los junto à população, onde poderiam trabalhar, mediante uma remuneração. (Souza, 2004).

Nos primeiros aldeamentos, os jesuítas difundiam a religião católica em capelas e oratórios e com o desenvolvimento multiplicaram as igrejas. (Gaiarsa, 1991)

Do final do século XVI até meados do século XVIII, os jesuítas foram os responsáveis pela formação da maior parte do clero colonial. Também foram os primeiros professores do povo e do clero paulista. Em São Vicente, por exemplo, o Padre jesuíta Leonardo Nunes construiu, em 1549, a primeira escola-seminário para os meninos brancos e índios que, ampliada em 1553, tornou-se o 2.º Colégio Jesuíta do Brasil.

O padre Nunes teve especial importância para Santo André da Borda do Campo, pois idealizou sua primeira capela e rezou a primeira missa. Foi também o primeiro evangelizador do planalto. Outros padres jesuítas como Manoel da Nóbrega, José de Anchieta, Manoel de

Paiva estiveram por lá. Sua importância para a cidade foi eternizada em uma estátua de bronze, de autoria do escultor contratado Antonio Canever, que está instalada na Praça do Carmo no Centro da cidade de Santo André. Fonte: (Gaiarsa, 1991)



Busto do Padre Leonardo Nunes na Praça do Carmo – Foto: David Rego Jr. (2019)

O conflito jesuítas, índios e população começou quando parte dos moradores quis escravizar os índios, devido a dificuldade em obter mão de obra, à época. Os jesuítas se posicionaram contrários a essa situação, gerando graves e inúmeros problemas que levaram a expulsão da Companhia em 13.07.1640.

Com a expulsão dos jesuítas, o ensino da colônia piorou e muito, pois eles eram conciliadores de desavenças e inimizades. Bastou a ausência deles para o desmoronamento de Barueri e de outros aldeamentos. Assim em maio de 1653 ela foi restituída. Souza (2004).

Padres católicos

No Brasil, diferentemente do ambiente europeu, houve uma grande participação dos padres nas revoltas populares, como no governo provisório de São Paulo, aclamado em 23 de junho de 1821, que contou com um bom número de eclesiásticos, e também na Proclamação da Independência de 1822, que obteve o apoio do clero de São Paulo, demonstrando assim a presença da igreja nas decisões político-administrativas. (Souza, 2004).

A Igreja Católica no Brasil após a Proclamação da República.

A Proclamação da República determinou a separação total entre Igreja e Estado. O catolicismo deixou de ser a religião oficial do Brasil, pelo decreto de 07.01.1890, pondo fim ao direito do padroado.

Se por um lado a situação ficou difícil para a Igreja, por outro ela pôde atuar mais livremente. Inicialmente o episcopado brasileiro criou quatro novas dioceses para melhor atender aos católicos, presentes no imenso território nacional. (Souza, 2004).

Os bispos brasileiros, por outro lado, foram reformando aos poucos a Igreja. Dom Lino Deodato, por exemplo, devido à escassez de padres à época, e para atender tanto a população local quanto os imigrantes que aqui chegavam, apostou no clero estrangeiro. Dos 228 padres que entraram no Brasil junto com os trabalhadores imigrantes, 159 eram italianos, sendo em sua maioria das regiões mais ao sul da Itália como Campânia, Calábria e Basilicata. As dioceses de Policastro, Nápoles, Salerno, Avellino, Taggiano, Vallo di Lucania, Caserta (Campânia); San Marco Bisignano, Consenza, Cassano All'Jonio (Calábria) e Potenza (Basilicata) foram as que enviaram o maior número de padres seculares para a diocese de São Paulo (Souza, 2004)

A Igreja Católica em São Paulo

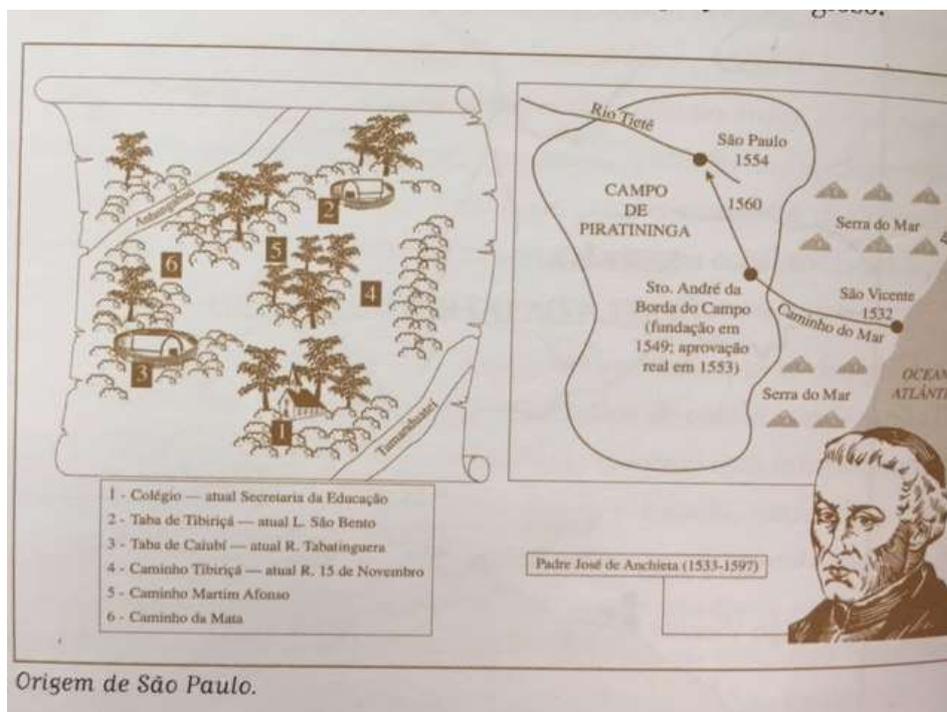
A Vila de Piratininga (atual São Paulo) surge sob a proteção do apóstolo São Paulo, assistida pelos beneméritos padres jesuítas, que administraram inicialmente os sacramentos. (Santos, 1992).

A igreja paulista no início pertencia à diocese de São Salvador da Bahia (1551-1575). Depois passou a pertencer à prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro (1575-1676). E em seguida, à diocese do Rio de Janeiro (1676-1745).

O primeiro bispo da diocese foi dom Bernardo Rodrigues Nogueira, que tomou posse em 1746. Nessa época, a diocese de São Paulo abrangia uma área imensa, incluindo o que é hoje todo o Estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e o território mineiro que corresponde à atual arquidiocese de Pouso Alegre. (Souza, 2004).

No período que vai de 1749 a 1968, São Paulo passou por grandes modificações e foi perdendo aquela extensão territorial dos primórdios. Santa Catarina e o Rio Grande do Sul

voltaram a depender da jurisdição do Rio de Janeiro, por carta régia de 20.11.1749. Com a criação da diocese de Pouso Alegre, em 04.08.1900, a diocese de São Paulo acabou perdendo também o território do sul de Minas Gerais. (Souza, 2004)



Mapa – Origem de São Paulo (Souza, 2004)

Com a elevação da Sé Episcopal de São Paulo à Sé Metropolitana, em 07.06.1908, Pio X criou simultaneamente, mais cinco novas dioceses: Campinas, São Carlos, Ribeirão Preto, Botucatu e Taubaté. (Souza, 2004)

A arquidiocese de São Paulo teve seu território reduzido ainda mais quando foram criadas as Dioceses de Santos (1924), Bragança Paulista (1925), Santo André (1958), Mogi das Cruzes (1962) e Jundiaí (1968). E em 1989 foram criadas as dioceses de Osasco, Campo Limpo, São Miguel Paulista e Santo Amaro. (Souza, 2004)

Atualmente, segundo consulta ao site <http://www.cnbbsul1.org.br/sub-regioes/> em 02.03.19. a Regional Sul 1 é composta por 41 (arqui) dioceses e 6 Regiões Episcopais, divididas por 8 sub-regiões Pastorais: Aparecida, Botucatu, Campinas, Ribeirão Preto I e II, São Paulo I e II e Sorocaba.

IMIGRAÇÃO

O processo de imigração

A segunda metade do século XX assinala a libertação formal dos escravos no Brasil. Esse fato abriu espaço à chegada de imigrantes. A elite econômica teve que substituir os braços escravos por braços livres europeus e assumiu a política de branqueamento da população brasileira. (Souza, 2004)

A data histórica que marca o início da imigração branca no Brasil é o ano de 1824, com a chegada dos primeiros luteranos alemães, que foram encaminhados para as províncias do Sul e do Sudeste do país.

No final do século XIX a economia mundial passou por uma grande transformação: a industrialização. Os trabalhadores rurais europeus, dependentes e sem terras, foram obrigados a migrar para os centros urbanos. Houve um inchaço em torno das principais cidades europeias. E as guerras napoleônicas mancharam de sangue a Europa do século XIX, destruíram os campos, criando assim uma série de chagas sociais, entre elas, o nascimento de um proletariado urbano. (Souza, 2004)

As condições particulares em que a Itália se insere nesse mecanismo a transformaram em uma das maiores fornecedoras de mão-de-obra barata no século XIX. Os camponeses eram impelidos a imigrarem para os lugares que lhes eram oferecidos pelo governo. No caso da Itália, muitos camponeses sem terra ou meeiros procuravam melhores condições de vida na emigração, especialmente para os jovens países como os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil. (Souza, 2004)

A Lei da Terra de 1850 incentivou a vinda de imigrantes italianos para trabalhar na manutenção e sustentação da economia cafeeira da província de São Paulo, e na colonização dos rincões mais ermos do país. (Souza, 2004)

A política de atrair mão-de-obra estrangeira, a nível estadual, reservou para a Freguesia de São Bernardo, no final do século passado, dois núcleos criados e implantados na sede de São Bernardo (em 1877) e de Ribeirão Pires (em 1888). E um terceiro núcleo foi implantado em São Caetano (em 1877), à época pertencente à Capital.

Em todo o Estado eram 15 núcleos. Vivia-se o período imperial. Santo André, ao contrário de São Bernardo, São Caetano e Ribeirão Pires, não teve seu território preparado como núcleo colonial, foi povoado com descendentes de europeus provenientes de outros pontos do país. Apesar de não ser núcleo colonial, Santo André possuiu, ainda no final do século XIX, um posto improvisado de imigração. Ficava perto da estação, na Rua General Glicério, e servia como local de repouso dos europeus antes de sua transferência para os núcleos. Este posto foi transferido para São Paulo em 05.06.1897. (Santos, 1992).

A propaganda era que o imigrante italiano era mão de obra qualificada, trabalhadora, frugal, dócil, econômica e, sobretudo católica. (Souza, 2004)

Toda região crescia e por volta de 1913, a cidade de São Paulo apresentava cerca de 70% de habitantes de origem estrangeira. (Reis, 2005)

O Estado subvencionou a vinda dos imigrantes. E após a associação café e imigrante italiano houve um crescimento da economia, enriquecendo a pequena elite em formação. (Souza, 2004)

Quanto a Vila de São Bernardo, há uma descrição interessante feita por Antenor Coradi (apud SANTOS, 1992), que informa:

Na década de 1920 a São Bernardo que me recordo [...] a população era pequena. Na maioria constituída de imigrantes italianos, que se fixavam em terras doadas pelo Estado, chamadas de Colônias. Os homens mais idosos, mulheres e até crianças, cuidavam dos afazeres domésticos, da lavoura e nunca deixavam de ter o plantio de videiras, para que nunca faltasse o bom vinho caseiro, de uvas plantadas e pisadas por eles. Os mais jovens se dedicavam ao emprego das fábricas de cadeiras e móveis. Houve épocas de crise e muitas fábricas eram obrigadas a fechar temporariamente, pois a produção aumentara muito, talvez suplantando a lei da oferta e da procura.

O imigrante italiano e a religião católica

Desde 1840 a igreja estava se tornando mais católico-romana que luso-brasileira.

O catolicismo luso-brasileiro era a simbiose dos elementos culturais e religiosos das três raças que formavam o Brasil, antes da imigração branca do século XIX. As relações religiosas entre o português, o indígena e o africano alimentavam a crença e a vivência própria do povo, que

estava afastado das decisões políticas e distanciado da Igreja e de seus representantes oficiais. Sem a participação direta do clero, o povo manifestava sua religiosidade por meio de danças, festas e mistura de tradições. (Souza, 2004)

O imigrante italiano, fixado na região sul, era um povo que vivia a sua própria religiosidade e também estava acostumado, de certa forma, com a ausência do clero e a mínima atuação pastoral dos bispos. Contudo os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil, e marcados por uma visão tridentina, sentiam a necessidade de uma presença mais atuante e renovada da Igreja, pois tinham uma compreensão religiosa diferente do brasileiro. Para eles, especialmente os Vênetos, a presença do padre na vida cotidiana era essencial, pois para ser plenamente católico não bastava apenas o sacramento do batismo. Deveria haver a prática frequente da confissão e da comunhão para a conservação da graça de Deus em sua vida. A teologia dos sacramentos era o centro da prática religiosa e deveria ser feita mediante a presença de um padre. Assim o catolicismo vivenciado pelos imigrantes colaborou para a reforma da diocese e foi basilar para o desenvolvimento eclesial a partir do final do século XIX. Souza (2004)

A Igreja de Roma procurava orientar arcebispos e bispos da América sobre a condição dos imigrantes que deixavam a Itália em busca de trabalho. Manifestavam preocupação em relação ao destino desses trabalhadores e lamentavam a dificuldade para uma salutar assistência, pois era insuficiente a quantidade de missionários. (Souza, 2004)

A transformação do catolicismo luso-brasileiro em catolicismo-romano pode ser verificada também pelas festas. Se antes as devoções populares eram seguidas de ruidosas festas celebrando a vida, sem a presença indispensável de um padre, com a chegada dos imigrantes, e das devoções europeias, o clérigo passou a eixo celebrativo. Houve a introdução da primeira sexta-feira do mês como data para celebrar a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. (Souza, 2004)

INDÚSTRIA E OPERÁRIOS

As indústrias no Brasil e em São Paulo

O conflito mundial que estourou em 1914, e derrubou as exportações de café, taxado de supérfluo, impulsionou a indústria brasileira, pois a elite passou a fabricar bens de consumo até então importados, como: calçados, bebidas, tecidos, chapéus e cosméticos.

Era o ponto de partida para a expansão das fábricas pelas mãos de Antônio Pereira Ignácio, Alexandre e Francisco Siciliano, Nicola Scarpa, F. D. Pirie, Carlos Villares, irmãos Jafet e principalmente Francisco Matarazzo, que imprimiu estilo e velocidade ao progresso de São Paulo. (Souza, 2004)

Impulsionada pelos intensos fluxos imigratórios, a cidade viveu seu primeiro surto industrial, baseado principalmente nas indústrias têxteis e alimentícias.

Os lugares ocupados pelas indústrias normalmente eram as várzeas por onde passavam as ferrovias, e esses lugares passaram a constituir as grandes regiões operárias da cidade. Bairros como Lapa, Bom Retiro, Brás, Pari, Belém, Mooca e Ipiranga – formaram as primeiras colônias de imigrantes. E casas coletivas, pensões, vilas e sobrados de aluguel abrigavam os recém-chegados. (Souza, 2004)

As indústrias em Santo André e região.

Os antecedentes históricos da indústria na região do atual ABC são marcados pelas atividades das fazendas dos beneditinos e, mais remotamente, no quinhentismo pelas atividades artesanais que perduraram na curta existência da Vila de Santo André da Borda do Campo. (Santos, 1992)

O que se poderia chamar de história da indústria moderna local tem suas origens na exploração da indústria extrativa vegetal de lenha e madeira, no final do século XIX (Santos, 1992). Em 1881 havia a serraria de João Ballotim no bairro de Capivari (hoje Distrito de Riacho Grande) e a serraria de Rodolfo Primitz. No Bairro Estação, hoje Santo André, surge a Companhia Streiff. A serraria de João Ballotim passou para seu genro, João Basso, que a transformou em fábrica de móveis, a primeira do gênero na vila de São Bernardo, e que deu início ao parque moveleiro da cidade, no vale dos meninos. (Santos, 1992)

Relatório de 05.07.1893, preparado pela Câmara Municipal de São Bernardo, mostra um quadro geral da situação da indústria naquele início da vida administrativa independente da região. Havia 56 estabelecimentos industriais, sendo: 30 olarias, 17 engenhos de serra, 06 moinhos, 02 fábricas de cervejas e 01 de licores nacionais. Em São Caetano havia 01 fábrica de formicida. E no Bairro Estação de São Bernardo, hoje Santo André, existia 01 fábrica de tecidos, a Kowarick e Fischer. Nasceria, na década 1890-99, a Silva, Seabra e Cia, conhecida como Ipiranguinha. Em 1897, foi fundada a Companhia Streiff, fabricante de cadeiras e

móveis pequenos. E na última década do século XIX nasceria a nova Kowarick, a Bergmann, Kowarick que se transformaria numa das maiores da região e ganharia renome na produção de casemiras. (Santos, 1992)

Em 1907 teve início o fornecimento de energia, e passou a predominar as atividades fabris.

Outras situações isoladas contribuíram para que determinados tipos de negócios se estabelecessem na região, por exemplo, a abundância de fedspalto propiciou a instalação de olarias e cerâmicas em São Caetano. O granito existente em Pilar (atual Mauá) e em Ribeirão Pires foi utilizado na indústria de paralelepípedos e guias para pavimentação de vias públicas. Os setores químicos e metalúrgicos nasceriam ao longo dos anos 20 e 30 quando se configura de maneira clara a vocação industrial de Santo André e São Caetano, ficando a sede do Município (São Bernardo), naquele momento, num plano bem inferior, com claros reflexos em todos os campos, inclusive o político-administrativo. (Santos, 1992)

A localização da região – entre o Porto de Santos e a capital paulista; a facilitação do transporte a partir da estrada de ferro; a oferta de muita água e energia elétrica a partir da abertura da represa Billings (anos 20 e 30); o espaço generoso nos vales do Tamanduateí e Meninos; o estabelecimento de um sistema rodoviários a partir da Via Anchieta (anos 40); a oferta da mão de obra especializada são alguns dos fatores que propiciaram o desenvolvimento do setor industrial. (Santos, 1992)

SANTO ANDRÉ DA BORDA DO CAMPO À ATUAL SANTO ANDRÉ

Santo André da Borda do Campo

Antes da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, já existia uma trilha indígena, entre a região do litoral e Piratininga (atual São Paulo). Essa trilha foi utilizada, no século XVI, pelos portugueses para as suas viagens e incursões ao interior.

Em 1532, João Ramalho já vivia no Planalto entre os índios, quando Martim Afonso de Souza iniciou a colonização da Capitania de São Vicente. Após a fundação da Vila no litoral, Martim Afonso transpôs a serra, junto com João Ramalho, e instalou no planalto um pequeno povoado.

Nele foi construída uma capela, por inspiração do Padre Jesuíta Leonardo Nunes que em 1550 lá rezou a primeira missa. Três anos mais tarde, esse núcleo urbano era elevado à categoria de

Vila. No ano seguinte, com a instalação do pelourinho foi iniciada a vida municipal e proclamada oficialmente à fundação da Vila de Santo André da Borda do Campo.

O ato que oficializou a Vila data de 08.04.1553. (Medice, 2013).

Contudo em 1560, a Vila de João Ramalho foi extinta, devido às constantes ameaças das tribos indígenas e a necessidade de efetivar a catequese dos nativos estabelecidos em Santo André. Moradores e o pelourinho foram transferidos para São Paulo. Mesmo extinta, Santo André nunca deixou de designar a localidade, estando ela habitada ou não. (Medice, 2013)

É desconhecida, até hoje, a localização desta povoação. Teses variadas apontam lugares distintos. (Santos, 1992).

Desta forma Santo André da Borda do Campo teve existência curta de dez anos, sendo sete anos de vida oficial, mas marcou significativamente a história de São Paulo. (Medice, 2013)

Segundo Medice (2013), dois fatores inserem o grande ABC na história do Brasil, logo após seu descobrimento oficial. O primeiro foi à criação em 1550 da Vila de Santo André da Borda do Campo, sua oficialização em 1553 e sua extinção em 1560; o segundo foram os vários caminhos que ligavam o litoral ao interior de São Paulo.

João Ramalho tornou-se o primeiro capitão-mor da Vila de São Paulo e a região da “Borda do Campo” ficou praticamente abandonada por muitos anos.

Borda do Campo

“Borda do Campo” foi a primeira denominação que teve São Bernardo do Campo. O nome, porém designava vasta região além do solo bernardense, área entre a atual Serra do Mar e Rudge Ramos, atingindo Santo André e Diadema. (Santos, 1991)

O povoamento dessa região foi retomado gradualmente a partir de 1730 com a formação de fazendas, onde se desenvolveram culturas de subsistência como, arroz, feijão e mandioca. Foi assim que se formou a propriedade dos padres beneditinos, a Fazenda São Caetano.

Em 1735, perto da Fazenda do Bonilha, no local entre a serra e o litoral, onde os viajantes e tropeiros faziam suas paradas de descanso, foi erguida uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem. Aos poucos, ao redor da capela, foi se formando um núcleo residencial, que em 1792 possuía 1.182 habitantes.

A igreja da Boa Viagem começou a ser construída em 1812, junto à recém-aberta variante dos antigos caminhos do mar, hoje Rua Marechal Deodoro. A criação da Freguesia de São Bernardo e dessa paróquia, pelo Rei Dom João em 21.10.1812, se dá justamente no momento em que toda Coroa Portuguesa se transfere para o Brasil e a cristandade segue o modelo colonial. (Medice, 2013).

A manifestação de fé mais antiga de São Bernardo e região é a procissão dos Carroceiros. Quando os primeiros imigrantes italianos chegaram à região, nas décadas de 1870 e 1880, essa procissão já era realizada. Ela surgiu da necessidade de proteção divina para os viajantes realizarem suas viagens. (Medice, 2013).

Bairro Estação de São Bernardo – atual Santo André

A inauguração da Estrada de Ferro “São Paulo Railway”, em 16.02.1867, efetivou a ligação do planalto ao porto de Santos. O local para a construção da estação ferroviária, no Bairro Estação de São Bernardo, atual Santo André, foi definido pela necessidade de uma parada para abastecimento de água e carvão das locomotivas que rumavam à Santos ou à São Paulo, e por ser o ponto mais próximo da ferrovia em relação à Vila de São Bernardo (Santos, 1992).

O município de São Bernardo foi criado apenas em 12.03.1889 e sua implantação ocorreu em 02.05.1890 (Santos, 1992).

Alguns fatores fizeram com que o Bairro Estação prosperasse como, a sua localização próximo a estação ferroviária; por estar entre a Capital e o porto de Santos; o baixo custo de suas terras, a água em abundância e a isenção de impostos municipais. Motivos que levaram empresários a adquirir propriedades e instalar suas fábricas ao longo da estrada de ferro, determinando a vocação industrial da cidade, já a partir da última década do século XIX. A vinda de fábricas para a região atraiu trabalhadores, muitos deles imigrantes. Santos (1992)

Segundo Santos (1991) em 1893 a região já contava com sete igrejas.

A instalação do Distrito de Paz em Santo André ocorreu em 18.04.1911 dando início a sua autonomia administrativa. O nome Santo André foi defendido pela família Fláquer em homenagem a antiga e desaparecida Santo André da Borda do Campo.

A Igreja Católica foi pioneira na região, ainda no quinhentismo esteve presente em Santo André da Borda do Campo, representada pelos Jesuítas. E o catolicismo também esteve

presente, no século XVII na capela de Santa Cruz e São Sebastião, no atual Município de Rio Grande da Serra. Assim como em capelas dos beneditinos de São Bernardo e São Caetano e também em outras capelas isoladas, como a do Pilar, em Ribeirão Pires, e da Imaculada Conceição, em Diadema. A Matriz da Boa Viagem venceu todo o século XVIII e começou a ser desmembrada em 1911, com a criação das Paróquias de Santo André e Ribeirão Pires. (Medice, 2013).

A Paróquia de Santo André, atual Igreja Matriz, foi instalada perto da primeira fábrica local, a tecelagem Ipiranguinha, cujos trabalhadores, em sua maioria, eram italianos ou descendentes. Daí a importância da presença dos Missionários de São Carlos (Carlistas ou Scalibrinianos) à quem foi confiada a condução dessa igreja, pois puderam dar a assistência tanto à população local quanto aos imigrantes. (Medice, 2013).

DIOCESE DE SANTO ANDRÉ – CATEDRAL NOSSA SENHORA DO CARMO – BREVE HISTÓRICO

A MISSÃO DA IGREJA CATÓLICA

A igreja oferece muitos meios para trazer aos cristãos, de uma forma mais clara, o conhecimento e os ensinamentos de Jesus Cristo. Para isto, a igreja realiza encontros de formação catequética e litúrgica; estudos sobre documentos e orientações do magistério eclesial; semanas de aprofundamento sobre a família, o mundo do trabalho, a liturgia, a catequese, as pastorais e outros temas; retiros de aprofundamentos da fé; cursos de formação de teologia, preparação para missões populares, entre outros. Desenvolve também dias de encontro com crianças, adolescentes, jovens, adultos e famílias. Visando colocar em prática os dons recebidos desde o batismo. A participação nos sacramentos torna-se momentos de manifestação profunda da sua fé, que se manifesta também nas celebrações litúrgicas, procissões, romarias, peregrinações, em orações eucarísticas, na participação em grupos de orações, nas atividades do apostolado e na recitação do Santo Rosário. (Medice, 2013)

A PADROEIRA

A Padroeira da Catedral é Nossa Senhora do Carmo, esse é um dos nomes mais antigos e conhecidos da Mãe de Jesus.

Surgiu no Monte Carmelo, ao norte de Israel, onde se iniciou a Ordem Carmelita. Nesse monte bíblico foi construída uma pequena capela onde os primeiros monges eremitas carmelitas se reuniam para louvar a Deus e venerar a Virgem Santa.

No século XIII, com as invasões muçulmanas, os monges foram expulsos para o Ocidente e levaram consigo a devoção. Nas dificuldades invocavam Nossa Senhora por meio do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo.



Nossa Senhora do Carmo – Foto : David Rego (2019)

O Escapulário tornou-se um sinal, um “sacramental”, que nos recorda o amor materno de Maria e nos convida a viver mais plenamente nossos compromissos com a vida cristã. A devoção ao Escapulário é uma maneira simples e delicada de manifestar o amor à Virgem Santa. O Escapulário é popularmente chamado por muitos de “bentinho. Ele possui o

profundo significado de pertença a Maria. (Fonte: (<http://catedraldocarmo.org.br/site/wp-content/uploads/2012/07/nsracarmo1.jpg> - 29.09.17)



Foto do escapulário

F:<https://www.google.com/search?q=escapulario&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjYlaDXobf>

O INÍCIO DO CATOLICISMO NA ATUAL SANTO ANDRÉ

No início, na região da atual Santo André, não havia assistência religiosa organizada pela igreja. Os moradores, muitos deles imigrantes, encarregavam-se eles próprios das orações e atos religiosos coletivos. Venerava-se Nossa Senhora do Carmo. (Medice, 2013)

Os primeiros serviços religiosos no bairro foram prestados pelo padre Faustino Consoni. Em 1908 o padre consegue a autorização de Biaggio Jacopucci para usar uma sala de sua residência para celebrar as missas. (Medice, 2013)

A casa do Sr. Jacopucci se localizava em frente à fábrica Ypiranguinha e as missas eram realizadas aos domingos. Gaiarsa (1991)

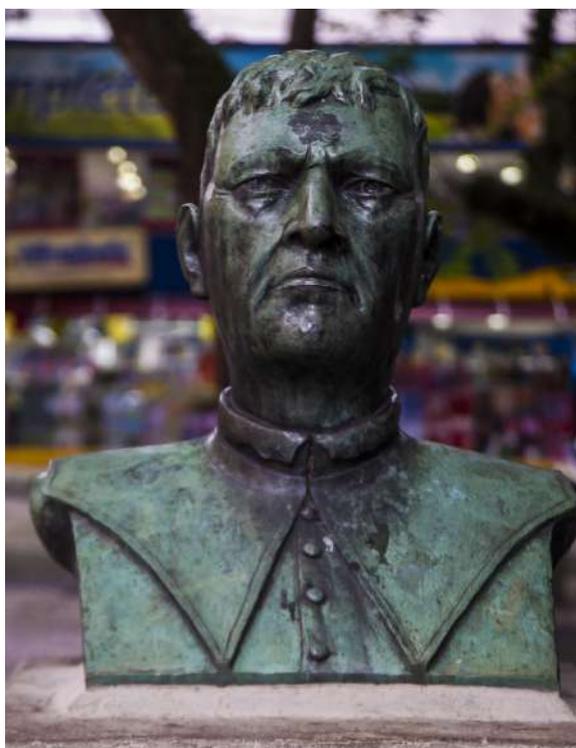
Segundo Gaiarsa (1991) isso ocorria pelo ano de 1910, na atual rua Agenor de Camargo denominada popularmente como rua dos napolitanos, dada a existência de um bom número de meridionais nas redondezas. Um padre italiano celebrava as missas em uma sala onde cabiam algumas dezenas de pessoas, devotas de Nossa Senhora do Carmo. No mês de julho, organizavam-se festas populares, com leilão, tómbola, mesa de dados, rifas e banda de música a fim de arrecadar numerário para os objetos do culto, conservação da sala, etc. As festas encerravam-se com queima de fogos na noite da “Madona do Carmo”.

Os napolitanos (italianos) foram os primeiros a produzir aqui as festas religiosas. A mais concorrida, e que se tornou tradicional, foi a de Nossa Senhora do Carmo.

PADRE LUIZ CAPRA

O Padre Luiz Capra nasceu em Parma na Itália em 1878. Fez os estudos secundários e superiores em várias cidades italianas. Em 1904 ingressou na Pia Sociedade dos Missionários em São Carlos, transferindo-se então, para a cidade de Placência. Aos 8 de abril de 1905 recebeu a ordenação sacerdotal. Foi o primeiro vigário de Santo André e pregou por mais de 10 anos no começo do século no Grande ABC.

Segundo matéria do DGABC de 17.09.78, no livro “Typographia do Orphanato Christovam Colombo, de 1935”, de autoria de Padre Francisco Milini, há informação de que o Padre Luiz Capra também foi capelão no Alto da Serra (atual Paranapiacaba) e Ribeirão Pires.



Busto do Padre Luiz Capra na Praça do Carmo – Foto: David Rego (2019)

Segundo Gaiarsa (1991), era um sacerdote de grande atividade, uma figura de destaque na comunidade andreense. Era grande o seu zelo para que não faltasse o pão espiritual e sua caridade voltava-se também aos indigentes. Foi o primeiro a instituir a assistência aos pobres e tinha especial atenção para com os operários. Chegou a suspender a impressão do “Mensageiro Parochial” para dar o dinheiro da impressão aos indígenas.

Padre Capra, tomou posse no dia 3 de fevereiro de 1912. Foi nomeado para erigir a paróquia de Santo André, atual Matriz. Dedicou-se a essa construção, cujas obras iniciaram de fato em outubro de 1912.

Para intensificar as obras da Matriz, nomeou uma comissão de egrégios paroquianos, como o Coronel Alfredo Fláquer, Saladino Cardoso Franco, Francisco de Mello Freire, José Sitrangulo e Manuel Joaquim de Lima. Estes apresentaram, aos industriais de maior relevo, uma lista de contribuição nominal que muitos subscreveram. Outros contribuíram com maiores quantias como o Dr. José Luiz Fláquer e a exma. Sra. Elisa Fláquer, Antônio Queiróz dos Santos e exma. sra. Dona Paulina Isabel de Queiróz, o próprio Coronel Alfredo Fláquer, além de muitas outras famílias de tradição e também as mais modestas que continuaram a auxiliar as referidas obras com pequenas prestações mensais, durante quase dois anos.

Em 25 de março de 1914 inaugura-se a Igreja Matriz com agradecimento a todos que colaboraram com a obra.

Padre Capra observando o grande desenvolvimento que a paróquia tomava nos arredores da estação ferroviária pensou em levantar ali uma igreja. Em 14.03.1917 conseguiu de Antonio Queiróz dos Santos, e de sua esposa dona Paulina Izabel dos Santos, a doação do terreno com área de 4.000 m². E em 29.06.1919 lançou solenemente a primeira pedra para a construção daquela que é hoje a Catedral de Nossa Senhora do Carmo.

O padre Capra, faleceu em 04 de janeiro de 1920, quando foi a São Caetano celebrar uma missa. Não chegou a ver a Igreja construída. A paróquia de Santo André foi seu último local de trabalho. Há, contudo atualmente na Praça do Carmo, junto à Catedral de Nossa Senhora do Carmo, um busto em sua homenagem.

Antônio Queiróz dos Santos – doador do terreno da Igreja

Segundo Mirella S. Santos em seu texto “Alguns apontamentos sobre Antônio Queiróz dos Santos” há informação de que ele nasceu na cidade do Porto (Portugal) em 1834.

Casou-se em primeiras núpcias com Isabel, com quem teve os filhos: Bernardino, Cândida, Antônio Filho, Maria e Arthur. E, em segundas núpcias com Paulina Isabel, com quem teve os filhos Mathilde e João.

Ele surgiu na região no final do século XIX (1875) e logo se destacou. Foi proprietário de terras na Região do ABC, emprestou recursos à administração municipal, doou terras para abertura de ruas, e ajudou a construir o primeiro hospital da cidade.



Março/1922 – A partir da esquerda , médico Francisco Perrone, Prefeito Saladino Cardoso Franco, escrivão de paz João Evangelista Paiva Azevedo, Antonio Queiros dos Santos (barbas brancas longas , identificado no verso da foto como capitalista), Souza Ramos (cirurgião-dentista) e o motorista Juventino. O possante automóvel Ford é propriedade do Dr. Perrone. (Fonte: Diário do Grande ABC – Matéria e Fotos – 16.03.2001 (Século XX – o século passado)

Iniciou na profissão de carteiro e fazia o trajeto entre São Paulo e Santos em lombo de burro para entregar cartas. Depois passou a vender dormentes para a construção da ferrovia. Não se sabe ao certo como fez sua fortuna, mas no final do século XIX, Queiroz dos Santos já possuía empresas, bens e escravos.

A família Queiroz dos Santos sempre participou ativamente da vida social, política e comunitária da cidade de São Paulo e de São Bernardo.

Antônio Queiroz dos Santos socorreu as finanças da cidade fazendo empréstimos pessoais ao Município, ocupou cargos na cidade, como juiz de paz, por diversas vezes. Foi delegado de polícia entre os anos de 1914 a 1918. Doou à municipalidade, em 1913, a área para a abertura da atual avenida Queiroz dos Santos. Ele também participava com recursos financeiros da vida comunitária das cidades onde tinha residência.

A construção da primeira igreja da cidade também pode contar com a ajuda da família, quando em 1912, o Pe. Capra nomeou uma comissão para arrecadar fundos para a Igreja Matriz.

Antonio Queiroz dos Santos e a esposa D. Paulina doaram, em 1917, o terreno de 4.000 m², próximo à Estação São Bernardo, para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. E continuaram contribuindo para a construção da igreja mesmo após o falecimento do Padre Capra. Em 21 de junho de 1922, faleceu, em Santo André, Antonio Queiroz dos Santos.

DA IGREJA À CATEDRAL

A ideia da construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo surgiu em 1912 no seio da colônia italiana, devota da Virgem de Carmelo. (Gaiarsa, 1991)

Como informado anteriormente, o Padre Luiz Capra, vendo o desenvolvimento nos arredores da estação ferroviária pensou em levantar por ali uma igreja.



Vista da Catedral do Carmo e área central da cidade, 1954 – Foto: Col. Octaviano Gaiarsa, Museus S.A.

Conseguiu a doação do terreno e deu início à construção em 29 de junho de 1919, mediante a ajuda financeira de famílias tradicionais da região. Os alicerces estiveram a cargo do construtor José Pancetti. Com a morte do Padre Capra as obras ficaram paralisadas por um tempo, mas através de doações foram retomadas e chegaram ao nível do piso (Gaiarsa, 1968).

Antonio Queiróz dos Santos então fez outra doação significativa.

Em 1925, após a morte do pai, e desejando prestar-lhe um tributo, Bernardino Queiróz dos Santos resolveu assumir os custos da obra e mandou levantar as paredes até a altura do telhado. Foi gasto Cr\$ 400.000,00, uma verdadeira fortuna para a época. Os trabalhos foram confiados ao Dr. Panchon e Antonio Poloner. (Gaiarsa, 1968)

Mais verbas para a construção foram arrecadadas na comunidade, através de doações feitas por antigas famílias de imigrantes, industriais, etc.

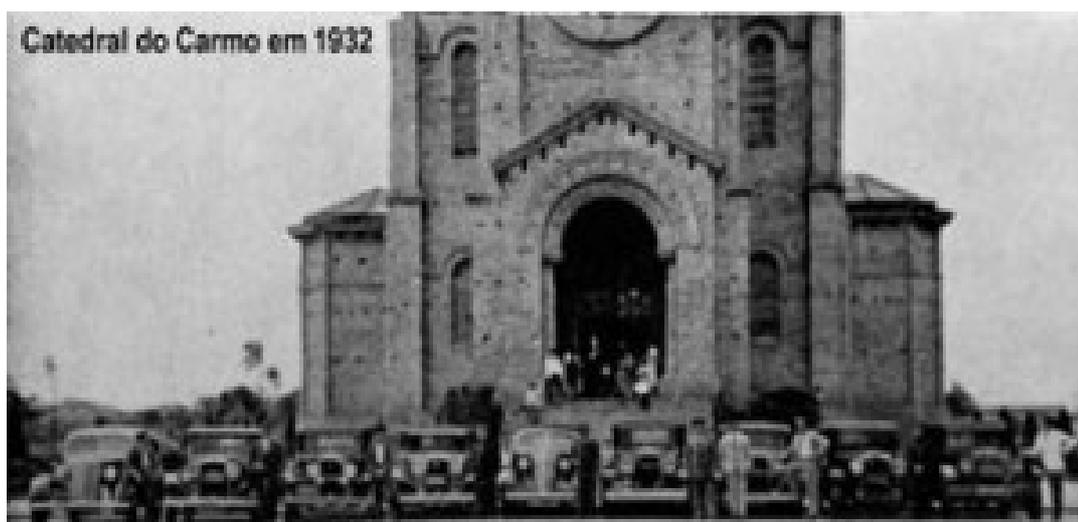
Segundo Medice (2013), as obras de acabamento tiveram prosseguimento pelas décadas afora.

Os primeiros atos litúrgicos foram realizados no Natal de 1925, ainda com a construção ocorrendo devagar.

As oito capelas foram sendo inauguradas em datas sucessivas. Destaca-se a de São José e São Luiz, onde o artístico altar é do escultor Garbarino.

As duas sacristias são de 1928 e os trabalhos internos da capela mor foram dirigidos pelo Engº Sylvio Polacco.

Segundo Gaiarsa (1968) a Associação das Mães Cristãs foi a responsável pela Capela do Calvário em 1931 e a família Fitipaldi encarregou-se do revestimento do piso, que em 1960 foi renovado.



Catedral do Carmo em 1932 - Fonte foto: <http://catedraldocarmo.org.br/site/wp-content/uploads/2012/07/catedral-1932-300x137.jpg> - consulta em 29.09.17

As capelas laterais foram financiadas por várias famílias da cidade e associações religiosas. O piso provisório esteve a cargo das Mães Cristãs. O forro foi construído provisoriamente durante a gestão do Padre. Mario Rimondi e depois substituído pelo Padre Eliseu Murari com acabamento de estuque. Os vitrais ficaram a cargo das associações religiosas. (Gaiarsa, 1991)

Os sinos são da firma Angelo Angeli. E a firma Casani fez o mosaico do piso. (Gaiarsa, 1991)

Em 1940 são feitas as primeiras anotações no livro de tombo da igreja do Carmo, por ocasião da sua elevação à paróquia, desmembrando-se da Matriz de Santo André.

Segundo Médice (2013), em 1942 foi aberto um processo administrativo nº 5404/42 na Prefeitura Municipal de Santo André, assinado pelos engenheiros Francisco Azevedo e Palma Travassos, solicitando alvará para obras de modificações e acréscimos da igreja. A solicitação foi feita pelo Padre Silvestre Murari, vigário da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo que escreve:

“Terminada, será um monumento de arte que muito contribuirá para o embelezamento da cidade”.

A torre da Igreja do Carmo estava sendo concluída na parte de alvenaria em junho de 1945. (Gaiarsa, 1991)

E em 25 de dezembro de 1946, Natal, ocorreu a inauguração do relógio da Igreja do Carmo. Foram os profissionais da medicina e farmácia que custearam as despesas para a sua instalação, num total de Cr\$ 28.950,00. (Gaiarsa, 1968)

A inauguração da paróquia Nossa Senhora do Carmo ocorreu em 25.01.1949.

A capela-mor foi inaugurada a 19.03.1950 com uma despesa de Cr\$ 85.000,00. (Gaiarsa, 1991)

Foram os irmãos Fernando e Enrico Bastiglia, que no período de 1952 a 1955 executaram a pintura das paredes, altares e capela mor. As pinturas da nave central e das paredes laterais, contudo só foram concluídas em 1957.

Devido ao aumento populacional na região, de imigrantes, trabalhadores e cidadãos que chegavam da região suburbana de São Paulo, começou-se a pensar em criar aqui uma Diocese. A solicitação veio do clero, povo, magistrados, do Cardeal Carlos Carmelo de

Vasconcellos Motta e do Arcebispo de São Paulo, pedindo com insistência que se destacasse parte do território de sua Igreja Metropolitana, e se criasse, daí, uma nova diocese na região. (Medice, 2013)

Criou-se uma campanha e uma comissão, integrada pelos prefeitos de Santo André, São Bernardo e São Caetano, pelos presidentes das três Câmaras Municipais, e era presidida pelo vigário da Paróquia do Carmo, padre José Bibiano. A primeira reunião da comissão foi em dezembro de 1953. A segunda reunião em janeiro de 1954.

As primeiras exigências para a criação da Diocese foram: cinco milhões de cruzeiros (patrimônio que permitiria a manutenção das obras diocesanas), um palácio, um seminário e uma Cúria.

Um ofício foi elaborado pela comissão e enviado ao cardeal-arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, e informava resumidamente que: seriam levantados 3 milhões de cruzeiros (sendo: 1 milhão da Prefeitura de Santo André, seiscentos mil da prefeitura de São Caetano, quatrocentos mil por São Bernardo e um milhão através de um livro de ouro passado entre industriais e comerciantes); sugeriam a Igreja do Carmo (totalmente construída), como sede da Diocese; indicavam a casa paroquial existente na Praça do Carmo, que adaptada, poderia funcionar como residência episcopal e Cúria Diocesana; e estimaram em 20 milhões de cruzeiros o patrimônio (excluindo a Matriz) que poderia ser colocado à disposição da Cúria. (Martins, 1994)

Assim, em 22.07.1954, mediante a Bula de SS. Papa Pio XII, foi criada a Diocese de Santo André. Determinou-se a separação da região que abrange Santo André, São Bernardo e São Caetano da região da Arquidiocese de São Paulo. E informou-se que a nova diocese se chamaria Santo André e passaria a ser sufragânea da Sé Metropolitana de São Paulo, cujo Arcebispo Metropolita os bispos de Santo André passam a se submeter. (Medice, 2013)

Os bispos teriam sede e domicílio na cidade de Santo André, que seria elevada ao grau de cidade episcopal, com todos os direitos e privilégios que são próprios de outras catedrais. A diocese e os bispos passariam a gozar dos mesmos direitos e honras, ônus e obrigações, dos quais são investidas as dioceses e seus respectivos bispos pelo mundo afora. (Medice, 2013)

A Bula determinava que se fundisse nesse templo o “Colégio dos Cônegos” e se constituísse um seminário para os meninos vocacionados para o múnus sacerdotal. E que todos os

documentos e atas que concernem aos negócios da Igreja constituída, fossem mandados pela Cúria de São Paulo para a Cúria de Santo André, onde seriam conservados. (Medice, 2013)

Essa notícia chegou ao Grande ABC pelo arcebispo-cardeal de São Paulo, dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, e pelo bispo auxiliar, Dom Paulo Rolim Loureiro em 13.08.1954. Nesta data foi criado o Bispado de Santo André, sendo nomeado seu primeiro titular, D. Jorge Marcos de Oliveira.(Gaiarsa, 1968)

Do gabinete do prefeito Fioravante Zampol, de Santo André, foi enviado telegrama a Dom Jorge Marcos de Oliveira, comunicando o fato. Dom Jorge então era bispo-auxiliar do Rio de Janeiro. No mesmo momento, em toda a região, foram dobrados sinos e estourados foguetes.

Segundo Medice (2013) em 22.08.1958 ocorre a consagração da Catedral do Carmo como igreja-sede da Diocese, em ato presidido por Dom Jaime de Barros Câmara arcebispo do Rio de Janeiro. E desde então, o 22 de agosto é celebrado como o aniversário da Dedicção da Catedral Diocesana. Fonte: “São Paulo no IV Congresso eucarístico Nacional”, agosto de 1942.

Naquele dia, dom Jaime procedeu também a Sagração do altar-mor da Catedral do Carmo, que recebeu as relíquias de São Sebastião e de Santa Maria Goretti. Fonte: “São Paulo no IV Congresso eucarístico Nacional”, agosto de 1942.

A inauguração da Capela do Santíssimo foi feita no dia 10.11.1959, como homenagem ao aniversário natalício de Dom Jorge Marcos de Oliveira. O Altar da Capela do Santíssimo foi idealizado por dom Jorge Marcos que adotou formas e crês da Bandeira Paulista. O pedido de confecção, à firma Baccaro Ltda, foi feito pela Cúria Catedral, ao reverendíssimo Cônego José Benedito Antunes, no mês de maio de 1959. A porta do Sacrário foi feita pela empresa Alus Pinto.

O padroeiro da Diocese é o Apóstolo Santo André, e da Igreja Catedral, Nossa Senhora do Carmo. A região geográfica da Diocese é conhecida como Grande ABC Paulista. Seu território é formado por sete cidades: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra”. (Fonte: Ligas Católicas do Grande ABC - <https://diocesesa.org.br/2014/10/28/historia-da-diocese/consulta> em 28.09.17)

Com a criação da Diocese de Santo André, as várias publicações das paróquias e movimentos são previamente submetidas à análise do bispo. Medice (2013)

Apesar de inaugurada em 1940, apenas 38 anos depois passou por sua primeira reforma devido a problemas hidráulicos e elétricos. Houve também o restauro dos vitrais da nave e dos caixilhos.

Segundo Néelson Cardoso Franco: “As famílias ricas, além de contribuírem para a construção, mantiveram a tradição de luxo da missa das 11 horas de domingo, que era um verdadeiro desfile de moda, mas com a chegada de Dom Jorge Marcos de Oliveira a catedral passou a ser frequentada também por operários”. (Fonte: Santo André reforma igreja – Matéria de 04.03.1979 - O Estado de São Paulo)

Existem grandes obras de arte nas igrejas católicas do ABC, segundo matéria do Diário do Grande ABC, de 15/09/90, só a Catedral do Carmo em Santo André, mantém em suas paredes cerca de 2000 m² de pinturas.

Nosso trabalho enriquece a decoração dos templos. Só em seguida é lembrada a sua finalidade religiosa – diz Ferdinando Bastiglia, 75 anos, que produziu as imagens da Catedral do Carmo há 33 anos, com seu irmão Enrico.

Os templos da região assumem esta face de museu no bom e no mau sentido. Eles mantêm a tradição das igrejas da Idade Média (séculos VI a XIV) de pintar as imagens diretamente nas suas paredes - o que, pelo menos, impede o seu roubo Esta incrustação causa, entretanto a concentração de umidade e de outros atacantes nas peças. Basicamente são duas as tendências pictóricas, a inflamar os católicos do Grande ABC. A acadêmica – dominadora absoluta tanto nos painéis quanto nos vitrais – que retrata suas figuras com requintes anatômicos, perspectiva renascentistas e os recursos do claro-escuro, presentes em igrejas como a do Carmo.

É o tipo de arte que não desvirtua a religião - justifica Bastiglia.

E a outra tendência é a Modernista representada principalmente pelos criativos afrescos. (Fonte: Diário do Grande ABC – Matéria de Nei Bonfim - 15.09.1990)

Segundo matéria do Diário do Grande ABC – em 26.03.1989, os vitrais das igrejas católicas serviam, nos tempos da Idade Média, para ensinar os capítulos principais da história de Jesus aos então incultos fiéis que jamais iriam aprender a ler.

O vidro colorido, que existe desde o século VII, permitia ainda um efeito decorativo e de iluminação para o interior dos templos. Na Catedral do Carmo em Santo André, cada vitral conta uma história sagrada ou homenageia uma figura religiosa. A Catedral de Santo André tem 12 vitrais com mais de 1m50 de altura”. Fonte: Diário do Grande ABC – Matéria – 26.03.1989 (Arte de vitrais: uma linguagem além da religião).

O ESTILO ARQUITETÔNICO

A cultura do café trouxe o desenvolvimento econômico, e para cultivá-lo foram contratados imigrantes europeus, em sua maioria italiana. Esse contingente estrangeiro influenciou a cultura e a sociedade brasileira. A estrada de ferro que os trazia também possibilitou a chegada de novos materiais construtivos, utilizados do outro lado do Atlântico. Foram esses produtos que passaram a influenciar a arquitetura no Brasil, como a arquitetura religiosa.

Engenheiros-arquitetos, tanto europeus, quanto brasileiros formados no exterior, começaram a projetar utilizando esses materiais e muitas ideias novas surgiram. O estilo arquitetônico mais influente à época era o Ecletismo, uma mistura de estilos arquitetônicos de outros países e épocas.

Segundo Reis (2005) “Dentro de sua complexidade, as construções ecléticas, principalmente as religiosas, poderiam ser agrupadas em duas correntes. Segundo essas visões teriam construções pertencentes ao chamado ecletismo historicistas, que retomam o modelo de construções antigas não inspiradas no mundo clássico, como, por exemplo, o neo-gótico, o neo-românico, o neo-bizantino, e, especialmente para o caso da arquitetura civil, o neo-egípcio, o neo-assírio, etc. E, um segundo grupo, que propõe a retomada do tema colonial, com forte coloração nacionalista, denominado estilo neo-colonial. Esse primeiro grupo de estilos históricos é o grupo que mais representantes tem na arquitetura religiosa católica da cidade de São Paulo. O estilo neo-românico, muitas vezes, se resumiu à decoração geral dos edifícios, sem influenciar em plantas arquitetônicas. Também foi frequente a mistura entre o neo-românico e o neo-gótico no mesmo edifício, podendo também haver a inclusão do estilo bizantino.

CATEDRAL NOSSA SENHORA DO CARMO

Não localizamos a autoria do projeto da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, nas pesquisas que efetuamos, porém alguns elementos a caracterizam como em estilo eclético neo-românico. Esse estilo é um revivalismo arquitetônico que surgiu no século XIX e existiu até as primeiras décadas do século XX. Baseia-se na reinterpretação do estilo românico, vigente entre os séculos XI e XIII, durante a Idade Média européia, e foi muito utilizado em edifícios religiosos. Alguns elementos desse estilo podem ser observados na Catedral Nossa Senhora do Carmo.

Externamente podemos identificar :

- a) abundância de arcos plenos sobre os vãos de portas e janelas;
- b) torres poligonais nas fachadas laterais com telhados também poligonais;
- c) arquivoltas na porta da fachada principal;
- d) no meio da fachada ergue-se um campanário encimado por um telhado pontiagudo de forma poligonal.
- e) rosáceas desenhadas em ferro fundido na estrutura do vitral e presentes nas fachadas.
- f) numerosas capelas laterais.
- g) formato da área da nave, capelas laterais maiores e altar/presbitério, formando uma cruz.
- h) edificação com acabamento em tijolo ou pedra monocromática;

Na nave podemos observar o teto abobadado, decorado com pintura artística, de onde pendem 03 lustres. As colunas possuem pintura que simulam revestimento em mármore e nelas estão fixadas arandelas.

As pinturas artísticas internas foram executadas no período entre 1952 e 1957 e são assinadas pelos irmãos Fernando e Enrico Bastiglia.

Alguns vitrais, segundo informação no site da Catedral, são de uma das pioneiras em vitrais do Brasil, a Casa Conrado.



Fachada frontal da Igreja Nossa Senhora do Carmo em construção s/d



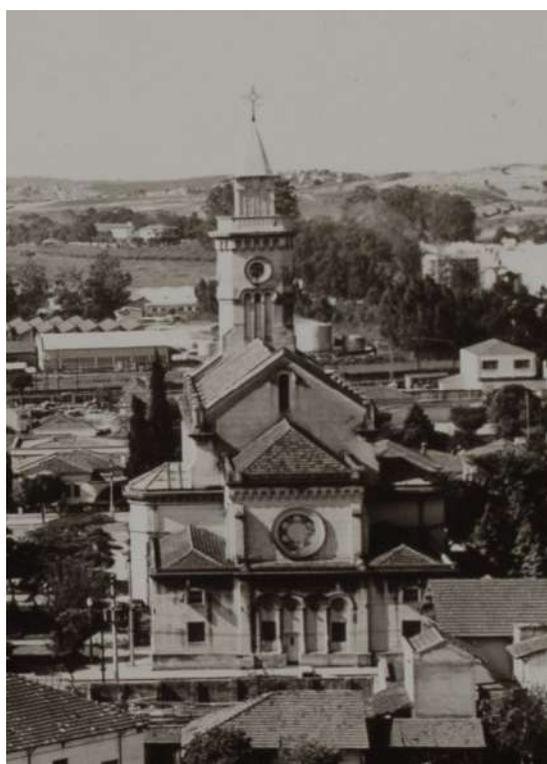
Catedral Nossa Senhora do Carmo – década de 1920 – Detalhe do acabamento da fachada em pedra monocromática.



Igreja Nossa Senhora do Carmo – 1932 – Detalhe do acabamento da fachada em pedra monocromática. Pode-se observar a torres poligonais nas fachadas laterais com telhados também poligonais; a porta da fachada principal em arquivoltas e a os arcos plenos sobre as janelas.



Fachada Frontal – Igreja Nossa Senhora do Carmo – Coleção Museu de Santo André. Poder-se observar a no meio da fachada ergue-se um campanário encimado por um telhado pontiagudo de forma poligonal – s/d

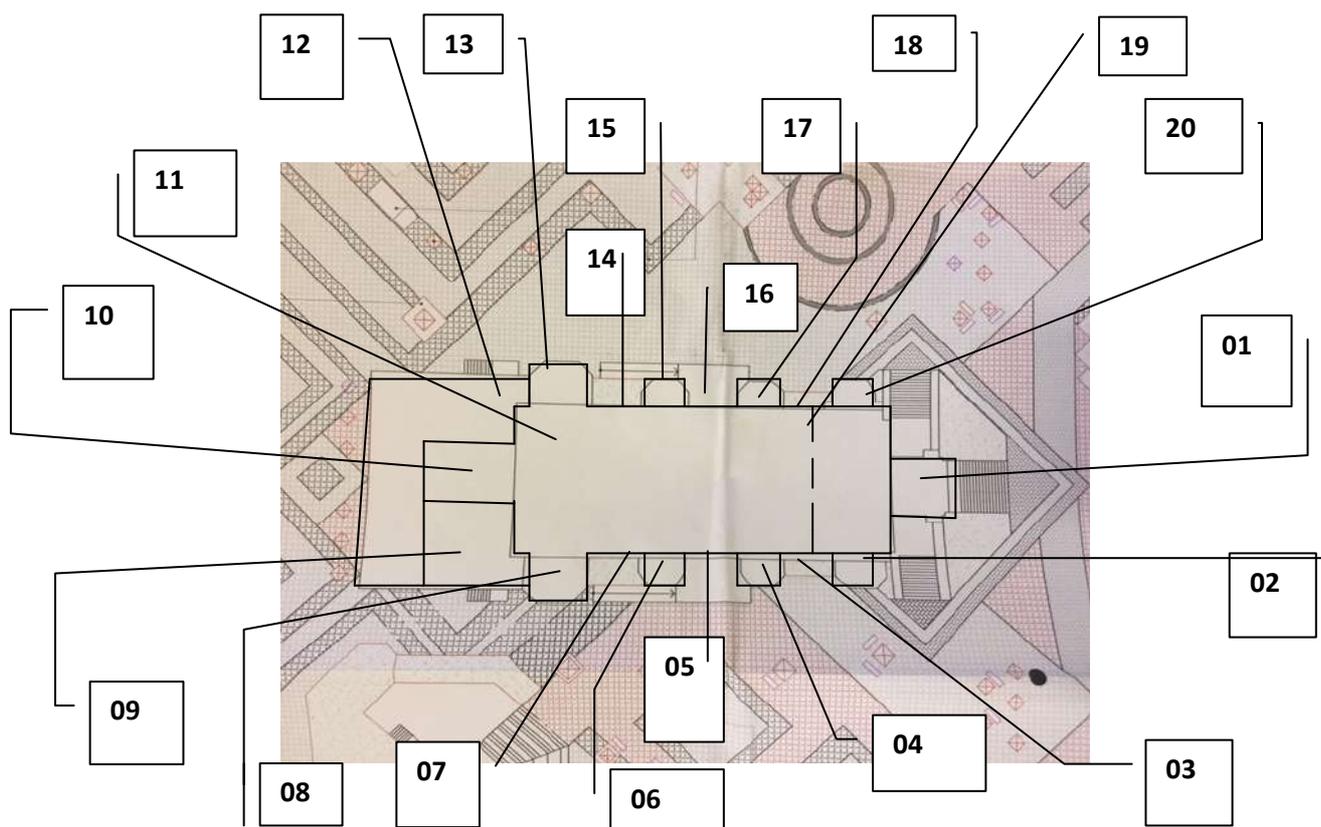


Fachada dos fundos – Igreja Nossa Senhora do Carmo. Atualmente com outra configuração - s/d

(Fotos do acervo do Museu de Santo André – Dr. Octaviano Armando Gaiarsa)

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DA CATEDRAL DO CARMO

Preliminarmente é importante destacar que entramos em contato com a administração da Catedral e nos foi informado que não havia uma planta baixa da mesma. Dessa forma utilizaremos uma planta de implantação elaborada pelo Departamento de Desenvolvimento e Projetos Urbanos (DDPU - PSA) para indicar os usos e atividades desenvolvidas no local.



01 – **Campanário** – É a torre onde estão instalados os sinos. Foi erguida no meio da fachada frontal. Em sua cobertura encontra-se um telhado pontiagudo de forma poligonal, e no topo deste está fixada uma cruz.

02 – **Capela de Jesus Cristo** – Essa capela simula uma gruta, não há janelas nem pinturas, o revestimento é em pedra. Na área frontal visualizamos um altar, sob ele uma imagem de Jesus Cristo, em uma parcial redoma de vidro. E acima do altar, fixado em uma pedra, a imagem de Jesus Cristo crucificado. Também sobre as pedras, três imagens, uma de Nossa Senhora das

Dores, outra de São João Evangelista e ainda outra de uma criança junto ao pé do Cristo Crucificado. O piso é em ladrilho hidráulico e granito. Na entrada duas barreiras imitando pedra com acabamento superior em mármore.

03 – Imagem - de Santo André.

04 – Capela de São José- Nessa capela há um pequeno altar em frente à parede frontal, com a imagem de São José. Estão também localizadas as imagens de Santa Luzia, São Sebastião, São Joaquim e Sant’Ana. Há um vitral em forma de rosácea na parede frontal, iluminando esse ambiente. Os pisos são de mármore e granito. Nas paredes, a meia altura, na parte inferior, o revestimento é mármore e na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. Há uma barreira, na entrada da capela, em cilindros de madeira com acabamento, nas extremidades, em metal e ligação entre os cilindros também em metal. Nessa capela está enterrado o 1º Bispo de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira.

05 – Entrada lateral esquerda

06 – Capela Sagrado Coração de Jesus. Nessa capela há um pequeno altar em frente a parede frontal, com a imagem de Jesus Cristo. Estão também localizadas as imagens de Santa Rita de Cássia e Santa Margarida. O piso é em ladrilho hidráulico, granito e mármore. Nas paredes, a meia altura, na parte inferior, o revestimento é mármore, e na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. Na entrada da capela existem três barreiras em mármore. Nessa capela está enterrado o 3º Bispo de Santo André, Dom Décio.

07 – Imagem – Nossa Senhora Aparecida.

08 – Capela da Imaculada Conceição. Nessa capela há um pequeno altar em frente a parede frontal, com a imagem da Imaculada Conceição. Estão também localizadas as imagens de Santa Gemma Galgani e do Cristo Crucificado. O piso é em mármore, granito e granilite. Na parede frontal há um vitral. Nas paredes, a uma altura de aproximadamente 2,50m, na parte inferior, o revestimento é em peças de granito, formando um desenho, e na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. . É uma das duas maiores capelas laterais da Catedral, poderia ser considerada uma parte do transepto, junto com a capela de

Santa Teresinha do menino Jesus. Está localizada próxima a Capela do Santíssimo e do presbitério e altar. Há um gradil e um portão de ferro na entrada da capela.

09 – **Capela do Santíssimo** – Trata-se de uma capela para cultos, há um pequeno altar com uma pequena imagem de Cristo Crucificado. Existem bancos. Na parede lateral esquerda existem dois vitrais retangulares e uma porta. Na parede esquerda há passagem para o altar. O piso é em mármore. Nas paredes, a meia altura, na parte inferior, o revestimento é mármore e na parte superior da parede e teto o revestimento é em pintura artística.

10- **Altar e Presbitério**– Na parede frontal há a imagem de Nossa Senhora do Carmo e o menino Jesus. Nas paredes laterais existem dois vitrais de cada lado. A meia altura, na parte inferior das paredes laterais e frontal o revestimento é em mármore, e na parte superior e teto em afrescos.

11 – **Nave** – Possui piso em mármore, granito e granilite. Existem cinco portas de madeira que dão acesso à nave, sendo uma em cada parede lateral e três na entrada principal. A iluminação natural é feita através de vitrais que na área da nave são dezessete, ao todo. Cada parede lateral contém 03 vitrais com formato retangular e acabamento superior em arco e 03 vitrais em formato redondo. Na parede de entrada da Catedral existem dois vitrais em formato retangular e acabamento superior em arco e três vitrais menores localizados na área abaixo do coro. As paredes e colunas são revestidas na parte inferior, (alt. Aprox. de 1,50m) em mármore, na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. Existe ainda uma escada helicoidal em madeira, próximo a entrada principal, que dá acesso ao coro e ao campanário.

12 – **Sacristia.**

13 – **Capela Santa Teresinha do menino Jesus.** Nessa capela há um pequeno altar em frente a parede frontal, com a imagem de Santa Teresinha do menino Jesus. Estão também localizadas as imagens de Nossa Senhora de Fátima e são Judas Tadeu. O piso é em mármore e granito e granilite. Na parede frontal há um vitral retangular com acabamento superior em arco. Nas paredes, a uma altura de aproximadamente 2,50m, na parte inferior o revestimento é em peças de granito, formando um desenho, e na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. É uma das duas maiores capelas laterais da Catedral, poderia ser considerada uma parte do transepto juntamente com a Capela da Imaculada

Conceição. Está localizada próximo a sacristia e ao altar. Há um gradil e um portão na entrada da capela em ferro.

14 – Imagem – Santa Maria Madalena.

15 – Capela de Santo Antônio de Pádua. Nessa capela há um pequeno altar em frente a parede frontal, com a imagem de Santo Antonio de Pádua. Estão também localizadas as imagens de São Benedito e São Francisco de Assis. Na parede frontal há um vitral de forma redonda. O piso é em ladrilho hidráulico. Nas paredes, a meia altura, na parte inferior o revestimento é em mármore e na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. A barreira existente na entrada da capela é em material que aparenta o mármore.

16 – Entrada lateral direita.

17- Capela de Nossa Senhora de Lourdes. É uma capela que simula uma gruta. Há a imagem de Santa Bernardete Sua parede e teto são em pedra e concreto. Seu piso é de mármore e placas cerâmicas. Não possui altar nem barreira frontal.

18 – Imagem – Santo Anjo da Guarda

19 – Projeção do Coro

20 – Capela – Sem imagem. Possui um piso em ladrilho hidráulico no padrão mosaico. Nas paredes, a meia altura, na parte inferior o revestimento é em mármore e na parte superior e teto abobadado o revestimento é em pintura artística. Há um vitral na parede frontal de formato retangular e acabamento em arco. Possui um gradil em ferro na entrada da capela.

BISPOS DA CATEDRAL DE NOSSA SENHORA DO CARMO

1º BISPO: DOM JORGE MARCOS DE OLIVEIRA – O BISPO DOS TRABALHADORES.
--

Dom Jorge Marcos de Oliveira foi o primeiro Bispo da Diocese de Santo André.

Segundo Medice (2013), ele entrou para o Seminário Menor de São José aos treze anos de idade, estudou em Paquetá e no Rio Comprido. Em 1934, com dezenove anos, veio para o Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga - SP, onde estudou durante sete anos.

No seminário começou a estudar a Doutrina Social da Igreja. Aos poucos, começou a perceber o homem não como elemento que simplesmente produz porque precisa de um salário para levar a sua vida, mas também um homem que tinha direito a todas as exigências da dignidade humana, sobretudo como filho de Deus. Ordenado em dezembro de 1940, foi para o



Dom Jorge Marcos de Oliveira Medice (2013)

Rio de Janeiro e designado para o Seminário de São José, onde lecionou, e para a direção das Obras das Vocações. Após, tornou-se assistente da Ação Católica Masculina, na sua parte juvenil. E no Rio de Janeiro deu prosseguimento às leituras sobre a Doutrina Social da Igreja e entrou em contato com o Centro D. Vital onde conheceu as obras dos mais importantes intelectuais católicos da época. (Medice, 2013)

O Centro D. Vital fora criado, em 1922, visando recuperar o prestígio e a força da Igreja católica na sociedade brasileira após a Proclamação da República. Reunia a elite da intelectualidade católica, e exerceu importante papel na formação de uma *intelligentsia* proveniente da classe média alta. Foi, portanto sob a ascendência ideológica desses pensadores católicos que D. Jorge Marcos completou a sua formação intelectual. Segundo D. Jorge, o Centro D. Vital procurava fazer uma colocação filosófica diante da realidade

brasileira, quer a realidade católica, quer a realidade política, quer a realidade social e, de maneira assim expressa, a ideia do confronto entre uma nova visão da filosofia escolástica diante da teologia. Medice (2013)

Em 1946 foi nomeado bispo por Pio XII e Bispo-auxiliar de D. Jaime de Barros Câmara. Trabalhou nas favelas do Rio de Janeiro, até a sua nomeação para a Diocese de Santo André. Acreditava na possibilidade de uma filosofia cristã, segundo a concepção de Jacques Maritain, que ajudasse não só no debate intelectual dos grandes problemas da época, mas também na sua resolução prática. E, indicado, justamente, para uma região que na ideia da Igreja era o foco do comunismo corrupto e ameaçador.

“Quando eu fui nomeado, Santo André lutava muito com o movimento comunista, os sindicatos eram todos comunistas” D. Jorge Marcos.

Na realidade na eleição municipal de 1947, foram eleitos o prefeito, o vice-prefeito e treze vereadores (todos operários, dos quais seis metalúrgicos), todos ligados ao Partido Comunista Brasileiro, se bem que eleitos pela legenda do Partido Social Trabalhista. Ainda que impedidos de tomar posse, sob a alegação de subversivos, o fato de ser um dos municípios que elegera um prefeito comunista, marcou Santo André. Medice (2013)

Mas o que chamou a atenção do bispo foi o fato da região ser essencialmente operária, com suas necessidades e problemas. Três fatores foram observados: o grande número de migrantes que chegavam do Nordeste e de Minas Gerais; as condições de vida dessas famílias e o abandono de suas crianças; a violência com que eram reprimidos os movimentos de reivindicações dos trabalhadores, sob a acusação de comunistas. Medice (2013)

Segundo Martins (1994) pode-se distinguir, já no final da década de 50 e início dos anos 60, na diocese de Santo André, dois tipos diferentes de igreja: uma igreja clerical, voltada para a administração de sacramentos e a realização dos ritos religiosos segundo a tradição católica e em que o padre era mais ligado à organização burocrática da Igreja; e outra Igreja “nova”, em que o padre assumia mais a figura de “apóstolo”, inovador dos rituais, permitindo uma maior participação do povo e aceitando com mais facilidade a atração dos fiéis pelas “tentações” do mundo, como o carnaval, por exemplo.

Dom Jorge tinha uma quantidade pequena de padres para atender toda a diocese – sete apenas – e ainda com poucos recursos materiais, como dificuldades de locomoção nas vielas

esburacadas, pois só as ruas centrais dos municípios eram calçadas. Contudo as notícias sobre sua ação pastoral entre os operários foi responsável pela chegada, tanto de padres, quanto dos padres-operários em 1961. Medice (2013)

Atuante, participou de greves e reivindicações no ABC e São Paulo, sofreu pressões e ataques, inclusive físicos. Segundo Martins (1994) enfrentou ao lado de outros padres os cassetetes e as coronhadas das armas dos policiais. Respondeu a oito processos, nos quais foi inocentado.

Promovia reuniões, debates e grandes concentrações de operários. Participou de campanhas importantes com a classe operária da região, como a campanha pelo abono de Natal, pelo décimo terceiro salário, pelo salário-família e pelas reformas de base, estas nos anos de 1962 e 1963. Martins (1994)

Havia também a pressão da classe dominante sobre a Igreja. O ponto crítico da tensão entre os setores da classe burguesa e o bispo era a “pregação proletária” na Catedral do Carmo, local frequentado também pela elite econômica da sociedade andreense. Martins (1994)

Segundo Martins (1994) a aproximação, contudo de D. Jorge entre empresários e políticos, na tentativa de resolver os problemas dos trabalhadores, era entendida como uma atitude de conciliação.

Dom Jorge foi autor da lei que protege os trabalhadores em caso de falência dando-lhes prioridade aos créditos da massa falida. Em gratidão os operários manifestaram uma reação de carinho chamando-o de Bispo dos Operários. Medice (2013)

Compreendia que a preocupação dos grevistas era proteger o ambiente de trabalho. Destacava, contudo que todos deveriam proteger a indústria em que trabalhavam como algo que era seu. O objetivo era evangelizar o meio operário, sob a linha da Doutrina Social. Medice (2013)

Segundo Martins (1994) no caso particular da Diocese de Santo André, a Doutrina Social consistia em reconhecer o operário como uma pessoa humana, como filho de Deus com uma série de direitos como: direito ao trabalho, a uma justa remuneração, direito a distribuição das vantagens decorridas do trabalho, ou seja, direito à saúde, à medicação, à alimentação, à moradia, à condução, à assistência médica, à constituição da família, e à educação. A Igreja

em Santo André reivindicava para o trabalhador os direitos de cidadão. Surpreendente, para muitos, era o fato de que não só o bispo e os padres dissessem isso nos púlpitos como, também fossem às praças públicas e às portas de fábrica acompanhar os trabalhadores em suas reivindicações. Ainda que pretendendo evangelizar a classe operária e retomar para a Igreja o controle dessa parcela importante da população, a atuação do clero na diocese de Santo André representava certa sintonia daquela Igreja com os problemas da sociedade brasileira.

Sugeri aos padres da diocese que usassem o *clergyman*, como forma de romper o afastamento do povo e o impacto provocado pela batina. Esse acessório foi aprovado durante a realização do concílio Vaticano II.



Imagem do clergyman (detalhe branco no colarinho) – Fonte Google

Criou a Associação Lar Menino-Jesus recolhendo crianças desamparadas e dando atendimento material e moral às menores gestantes de primeiro filho. Medice (2013)

No tempo de Dom Jorge as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) estavam começando a aparecer. O cenário político era bipartidário com Arena e MDB, partidos políticos que substituíram a antiga UDN e o PSD, respectivamente. Havia a repressão e o pavor, à época. Porém com a vinda do pluripartidarismo, movimentos de abertura e anistia, fez com que o povo começasse a participar mais da vida social e permitiu que as CEBs crescessem até mesmo num sentido político-partidário. Dom Jorge, entretanto não achava conveniente o

exercício da política partidária dentro das CEBs ou de outros movimentos religiosos. Ele era favorável que o católico se engajasse em lutas políticas, mas fora da igreja. Medice (2013)



<https://diocesesa.org.br/2014/10/28/historia-da-diocese/consulta> em 28.09.17.

Dom Jorge em celebração num dos pátios do Hospital Municipal de Santo André: desde o início a presença em todos os pontos da Diocese, percorrendo as sete cidades, estimulando a criação de comunidade e a participação do clero. Medice (2013)

Dom Jorge permaneceu a frente da diocese de Santo André por 21 anos – de 1954 a 1975. Viu a explosão demográfica e com ela, as favelas, a falta de hospitais, a falta de empregos, etc. Pregou a necessidade da indústria recompensar de forma mais ajustada e adequada o homem que chegava à região, pois valorizavam-se os técnicos que vinham de fora. Por suas ideias foi chamado de “o bispo vermelho” Medice (2013)

Dom Jorge Marcos de Oliveira permaneceu à frente da diocese de Santo André até dezembro de 1975, quando se afastou e foi substituído pelo seu bispo auxiliar Dom Cláudio Hummes. Nos anos posteriores a 1969, doente e com graves problemas cardíacos, distanciou-se dos movimentos de operários católicos, dedicando-se apenas ao trabalho de promoção social .

Em 23 de dezembro de 1975 Dom Jorge anuncia oficialmente que renunciará a diocese de Santo André, e em 29 de dezembro passa o cargo a Dom Cláudio. Medice (2013)

Tanto Dom Jorge como Dom Cláudio, bispo que o substituiu, sofreram com os diocesanos os duros anos da ditadura militar (1964-1985). Fonte: Ligas Católicas do Grande ABC



Dom Jorge Marcos de Oliveira (Medice, 2013, p. 131)

Movimentos operários cristãos no bispado de Dom Jorge

A Catedral do Carmo e a presença de Dom Jorge constituíram-se em elementos fundamentais que sustentaram a atuação e o avanço dos movimentos de operários católicos na diocese como se poderá observar a seguir. Martins (1994)

Em 1923 foi fundada pelo padre Belga León Joseph Cardijn a JOC (Juventude Operária Cristã). No Brasil os primeiros grupos surgiram nos anos 30, mas foi a partir de 1947 que foram institucionalizados, segundo normas da AC – Ação Católica, tornando-se movimento nacional. Seu objetivo inicial era cristianizar a classe operária, trazendo-a para a igreja, pois a JOC tinha estreita ligação com a estrutura paroquial.

Até meados dos anos 50 não havia ações orientadas para a política, apesar dos jocistas serem atraídos pelos temas da classe operária, movimentos populares, política e moral, pois no âmbito da discussão buscavam soluções para os problemas do operariado. Martins (1994)

Os jocistas realizavam inquéritos para saber sobre os problemas nos bairros, nos locais de trabalho de seus companheiros, e no movimento sindical. Refletiam sob a luz do evangelho e agiam com uma solução efetiva e cristã. Segundo Dom Jorge, a JOC atuava dentro da fábrica em conversas na hora do almoço, na condução, na hora do café e do aperitivo. Em Santo André a JOC apesar de ter sido organizada por pessoas bem jovens e que não eram operárias, apresentou uma característica nitidamente operária, contrastando com os grupos de JOC organizados em outras regiões do País. O tema sindicato aparecia com frequência em suas reuniões. Em 1961, depois do 1º Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, os jocistas começaram a participar de eleições sindicais compondo chapas, com objetivo de transformar o sindicato em uma oposição crítica a estrutura sindical. A JOC contou com o apoio de D. Jorge, mas sofreu restrições de parte do clero, que os consideravam um movimento causador de problemas. Eles dependiam da estrutura paroquial para criar e manter os grupos. A JOC introduziu inovações e a participação dos leigos nos rituais da igreja, como ler e discutir a bíblia, rezar parte da missa na língua portuguesa, incluir a participação do leigo no ritual, comportamentos que se constituíram comuns após o Vaticano II. Martins (1994)

A JOC era composta apenas por jovens solteiros. O casamento significava ser adulto e obrigava a saída do grupo. Martins (1994)

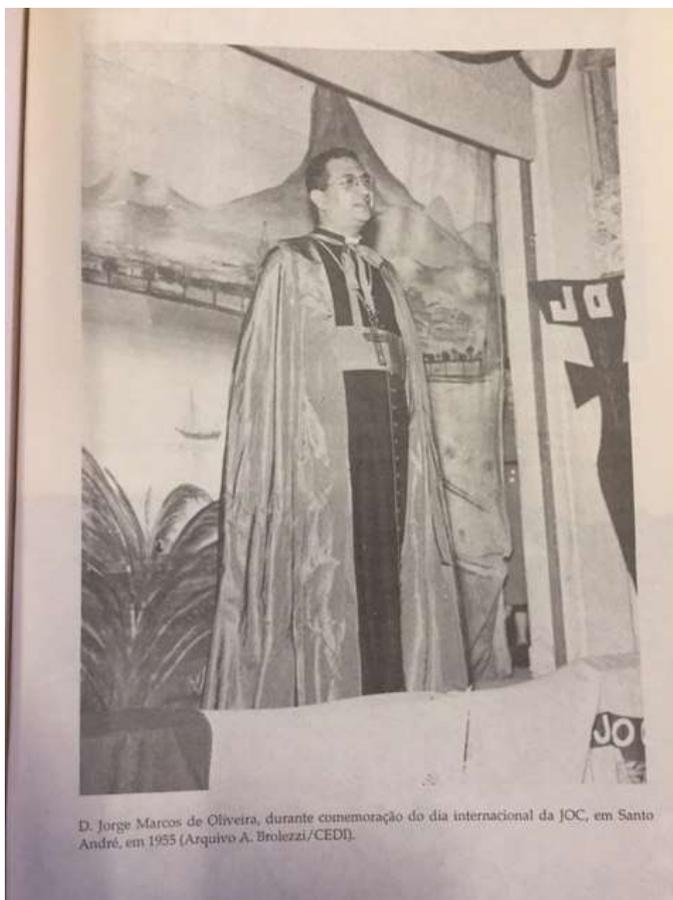
Esses adultos criaram a ACO – Ação Católica Operária. Martins (1994)

A ACB – Ação Católica Brasileira, em 1950, criou a JAC – Juventude Agrária Católica e a JIC – Juventude Independente Católica. Já existiam além da JOC a JUC – Juventude Universitária Católica e a JEC – Juventude Estudantil Católica. Todos movimentos católicos.

Logo após a instalação da diocese foi criada a Federação da JOC do ABC e quando D. Jorge chegou a Santo André já havia na região cerca de trinta militantes operários bastante atuantes, em nível de Igreja.

Na diocese de Santo André tinham os CO - Círculos Operários, corrente católica que atuava junto ao movimento sindical. Eles preparavam mão de obra (cursos de corte-costura, datilografia, serviços de escritório, etc), e atuavam na construção de hospitais, casas para operários, clubes, etc. Tinham como norma a disputa da direção do sindicato com os comunistas. Martins (1994)

Em 1958 foi organizada o MOS – Movimento de Orientação Sindical, que reuniu a JOC, da diocese de Santo André, e o Círculo Operário de São Paulo com objetivo de prepará-los como uma força de militância mais efetiva no movimento sindical.



Dom Jorge Marcos de Oliveira na comemoração do dia internacional da JOC em 1955 (Martins, 1994, p. 101-2)

Os participantes deveriam ser operários cristãos adultos e sindicalizados, com vida ativa no sindicato e não poderiam ser do partido comunista nem “pelegos”. Seu principal incentivador foi o padre Afonso Birk da diocese de Santo André. Esse movimento teve atuação intensa em algumas greves.

Com o cenário político e econômico que se expunha, no final dos anos 50 e começo dos anos 60, esses movimentos começaram a apresentar propostas mais progressistas politicamente, queriam uma participação maior nas lutas sociais junto com os trabalhadores. A esquerda católica, composta pela JUC, MEB e AP assumiram uma posição mais avançada dentro da igreja, influenciando outros movimentos, como a JOC. Martins (1994)

Em 1961, no 1º Encontro Mundial de Trabalhadores Cristãos, em Roma, foi criado o MMTC – Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos, objetivando unir os movimentos operários católicos de todo o mundo, ajudando-os em suas ações. Martins (1994).

Para todos os movimentos e organizações do apostolado laico deveria haver uma obediência à sagrada hierarquia, docilidade ao Bispo, vida cristã intensamente vivida, disciplina ou organização. Martins (1994).

Ao contrário das demais Congregações Marianas da igreja católica, a da Catedral do Carmo de Santo André constituiu-se em uma experiência muito significativa da relação da Igreja e classe operária, especialmente no período que vai de 1962 a 1966. O grupo de congregados da Catedral do Carmo, no final de 1963 e início de 1964, tiveram contatos com a Ação Popular (AP), rompendo definitivamente com as associações Marianas. Martins (1994)

Tanto a MOAC (Mov. Operário de Ação Católica), quanto o MMTC (Mov. Mundial de Trabalhadores Cristãos) tinham o objetivo de favorecer o engajamento dos católicos em organizações operárias, levando o evangelho aos trabalhadores e comprometendo-se com suas lutas. No Brasil a base do MMTC foi a criação da ACO - Ação Católica Operária. Importantes líderes da JOC participaram da fundação da ACO, que se definia como um movimento organizado de Igreja, com o objetivo de não só levar a Igreja para dentro da classe operária, mas principalmente de representá-la dentro da Igreja. Uma das características da ACO era formar militantes que participassem do movimento sindical

Logo depois, com o golpe de 1964, a história da participação desses militantes católicos nas lutas sociais do ABC começou a mudar. Martins (1994)

O golpe significou um desastre para aqueles que lutavam pelas reformas de base. À medida que o Estado autoritário foi se firmando com medidas de exceção, em nome da segurança nacional, dentro da Igreja começaram a ganhar espaço ideias e propostas sociais dos setores mais avançados. O novo sistema político afastou a participação da população na sociedade civil. A única instituição que possuía um discurso social para atrair essa massa era a igreja católica. Sobre o golpe, disse D. Jorge que, após este a Igreja e os católicos organizados passaram a ocupar o vazio político deixado pelas forças de esquerda. Os bispos afirmavam que a Igreja não estava vinculada a nenhuma forma de governo, seu compromisso era com a sociedade, especialmente com os pobres. O golpe fez com que muitas equipes do JOC se

desfizessem. Clandestinamente, porém os grupos como a JOC se organizavam para combater a ditadura. Martins (1994)

Após o golpe houve uma crise econômica que atingiu a região industrializada do ABC. Em maio de 1965 D. Jorge e outros eclesiásticos enviaram carta ao então presidente, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, denunciando a situação da classe trabalhadora em face do desemprego que atingiu 40% da região. Martins (1994)

Em julho/66 a JUC declarou que “não se reconhecia mais como Ação Católica”. Em 12/66 a crise atingiu a JEC, não havia condições de diálogo com os demais membros do movimento e com a hierarquia. Esse distanciamento os fez perder o auxílio econômico, material, o apoio moral e a orientação da igreja. Martins (1994)

A AP começou a formar núcleos de conscientização e formação política atingindo vários municípios do ABC. A atuação era tanto no Bairro quanto na fábrica. A partir de 1967 a AP começou a andar com suas próprias pernas na região e não dependia mais da ajuda da igreja. Martins (1994)

O ano de 1968 foi marcado pelos movimentos de juventude e estudantis. A Igreja apoiou os estudantes acolhendo-os em suas igrejas. Nesse ano agitação foi crescendo, com explosão de bombas em vários pontos do país, assaltos a bancos, por grupos de esquerda a favor da luta armada para a derrubada do sistema. Até que em 13.12.68 foi suspensa a Constituição de 1967 e editado o Ato Institucional nº 05. Ocorreram prisões, censura, violência e tortura. Foi decretada a Lei de Segurança Nacional que se sobrepunha a outras leis e direitos. Martins (1994)

A Igreja começou a aparecer como a instituição da sociedade civil que, legitimamente, tinha condições de oferecer resistência ao estado autoritário. O Estado queria o prestígio da Igreja salientando a identidade de desenvolvimento, justiça e paz, porém pressionava para que ela agisse apenas no campo espiritual.

A comemoração do dia 1º de maio de 1968 na Praça da Sé foi violenta. Houve prisão de operários e estudantes. Iniciou-se a repressão aos participantes. No ABC a repressão foi imediata. Em 05.05.68 foi preso, em sua casa, Monsenhor José Benedito Antunes, da Paróquia Príncipe de Gales, em Santo André, acusado de ter organizado e participado dos incidentes na Praça da Sé. Martins (1994)



Festa de São José Operário – JOC 1959 – (Souza, 2004, p.476)

A mobilização da militância passou a ser feita na clandestinidade. Enterrava-se, na diocese de Santo André, o sonho das grandes concentrações operárias e a mobilização das massas. Entretanto, os católicos, padres e leigos, começaram a se organizar para enfrentar a repressão. Criando um clima de tensão entre a Igreja e o Estado, apesar da hierarquia querer manter uma boa relação entre eles. Martins (1994)

Dados do CEDI (Centro de Documentação e Informação) mostram que pelo menos 122 padres e religiosos, ligados ao movimento popular urbano e movimento operário, foram presos no período (sendo 52,5% no período entre 1968 e 1970), e 273 cristãos leigos engajados nos trabalhos pastorais, (sendo 48% no período entre 1968 e 1970). A partir de 1970, os atingidos foram os que faziam o seu trabalho pastoral junto a lavradores e índios. A repressão atingia a qualquer contestação ao regime. (Martins, 1994, p.214).

Foi a inserção da diocese de Santo André no movimento operário e sindical responsável pelas mudanças ocorridas no interior da igreja e de seus movimentos. O apoio e o incentivo fornecido pelo bispo, e por alguns padres, vieram facilitar a militância desses operários. (Martins, 1994, p.228)

Foi a organização em pequenos grupos de bairros que fez com que a igreja se destacasse como a instituição social que tinha uma proposta de atuação junto as base populares, em um

momento em que vários setores da sociedade, especialmente os de esquerda, viam no trabalho de base a saída para a luta contra a ditadura. A década de 70 foi um período de reorganização, onde houve a definição de que, os movimentos da Igreja eram parte dos movimentos operários e sindicais. A Igreja sempre teve um núcleo de ideias sobre trabalho, trabalhador, relação capital-trabalho, ou seja, um projeto para a classe trabalhadora, expressas na Doutrina Social.

2º BISPO - DOM CLÁUDIO HUMMES – O FREI QUE ACOLHEU OS METALÚRGICOS

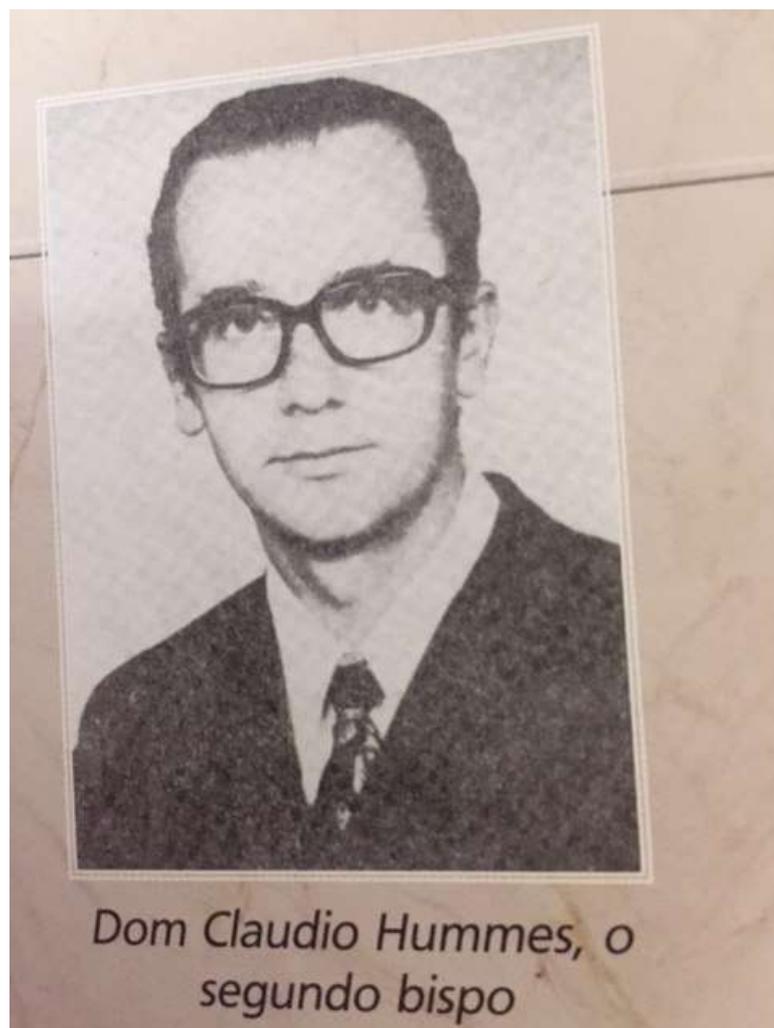
Dom Cláudio Hummes nasceu em Picada Batinga, Montenegro, Porto Alegre – RS, com o nome de Auri Afonso Frank Hummes. Foi ordenado padre em Divinópolis – MG. Foi sagrado bispo na Igreja São Francisco de Assis em Porto Alegre. Em 14 de maio de 1975, Dom Jorge apresenta Dom Cláudio Hummes como seu sucessor. Medice (2013)

Em 29 de dezembro de 1975 Dom Cláudio assume a diocese de Santo André, quando substitui a Dom Jorge, que teve sua renúncia aceita pela Nunciatura de Brasília. Medice (2013)

A posse ocorreu em 29 de dezembro de 1975. Não houve uma cerimônia formal de transferência do comando da igreja do Grande ABC.

Dom Cláudio deu uma entrevista da antiga residência episcopal, na Praça do Carmo. Nesta entrevista ele anunciou completa revisão e replanejamento da Diocese, com criação de várias novas paróquias. Estas seriam suas metas iniciais.

Dom Cláudio Hummes permaneceu à frente da Diocese de Santo André entre 1975 e 1996. Um momento delicado da vida do País, de transição do regime militar para a democracia. Medice (2013)



Dom Cláudio Hummes – O Frei que acolheu os metalúrgicos – Medice (2013)

Suas primeiras palavras já como bispo titular foram sobre a necessidade de um incremento pastoral operário na região. Dom Cláudio comentou que depois do Concílio Vaticano II a Igreja católica passou a atuar com muita independência. Medice (2013)

Na virada da década de 80 para a década de 90 – registram-se as grandes greves dos metalúrgicos do ABC. Dom Cláudio Hummes, coloca-se ao lado dos trabalhadores, tudo fazendo para preservar a paz em momentos tão turbulentos. Medice (2013)

A Pastoral Operária surge como organização somente após a greve de 1980. O sindicato dos Metalúrgicos de SBC sempre foi muito atuante e a Igreja e seus movimentos surgem como alternativas mobilizadoras e orgânicas, quando o sindicato não oferecia possibilidade de participação à classe trabalhadora.

E a PO se apresenta como mais um instrumento de participação, reflexão, formação e luta da classe operária. Nas fábricas os militantes da igreja faziam um trabalho sindical. Martins (1994)



Frei Cláudio Hummes, João XXIII e dom Aloísio Lorscheider. Souza (2004)

Segundo matéria das Ligas Católicas do Grande ABC, as aplicações do Concílio Vaticano II, convocou toda a Igreja a ser pobre e profética, e a presença solidária da Igreja junto aos trabalhadores ficou gravada na memória da região e de todo o Brasil. Vários presbíteros e fiéis, animados pelos pastores, se envolveram na luta pela redemocratização do país. As famosas greves de 1978, 1979 e 1980 são marcos: com o comprometimento da Igreja, com o Reino de Deus e com a liberdade. Fonte: Ligas Católicas do Grande ABC - <https://diocesesa.org.br/2014/10/28/historia-da-diocese/> consulta em 28.09.17.

Dom Cláudio Hummes foi um líder católico na proteção de pessoas que lutavam contra a ditadura na região, de onde o movimento se espalhou país afora. (Fonte: Diário do Grande ABC – Matéria – 25.05.15 - Dom Cláudio Hummes festeja as 04 décadas de bispado que mudaram a história do país).



Dom Cláudio Hummes e os trabalhadores: o cumprimento do bispo durante uma greve na KS Pistões. Medice (2013)

Segundo o pronunciamento de Dom Cláudio Hummes na comemoração dos 40 anos da ordenação episcopal do homem de Deus:

“Santo André ficou no meu coração. Me ajudou a compreender o que é uma diocese e a praticar o lema que escolhi para minha caminhada: “Vós sois todos irmãos” disse o cardeal oriundo da ordem franciscana. “Descobri que aqui era uma grande diocese de trabalhadores que lutavam por seus direitos com métodos pacíficos. “O ano de 1979, quando teve aquela grande greve geral, foi decisivo na minha vida”, afirma ao falar sobre o período em que permitiu que os sindicatos se reunissem em igrejas de sua diocese para articular ações. (Fonte: Diário do Grande ABC – Matéria – 26.05.15 - Dom Cláudio exalta Diocese andreense).

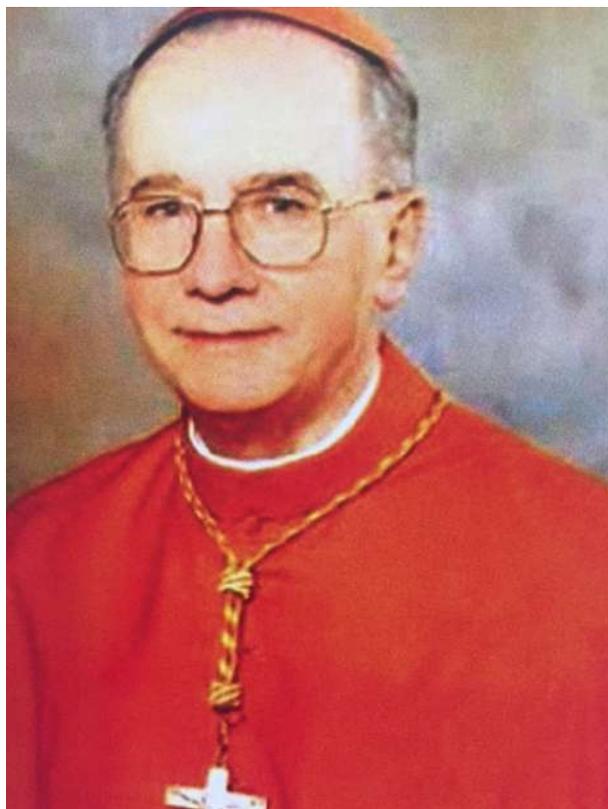
Em 21.07.1996 Dom Cláudio é nomeado arcebispo de Fortaleza (CE). Em 15.04.1998 é nomeado arcebispo de São Paulo. Toma posse em 23.05.1998 e permaneceu no cargo até 2006.

Segundo Souza (2004), a nomeação de dom Cláudio a arcebispo de São Paulo foi recebida com entusiasmo pela esquerda brasileira. O líder grevista da época, o deputado estadual

Djalma Bom, diz ter sido merecidíssima a indicação de dom Cláudio. Para ele, o êxito das greves se deveu muito à solidariedade do então bispo de Santo André

“A contribuição dele foi fundamental”.

O advogado dos líderes grevistas do ABC, o deputado Luiz Eduardo Greenhalgh, disse que a ação de dom Cláudio naquelas greves não se limitou ao apoio e solidariedade ao movimento. Para ele, o bispo resistiu à prisão de lideranças. Segundo Greenhalgh, dom Cláudio ajudava os grevistas a fazer cordão de isolamento para evitar que a polícia invadisse sua igreja para prender líderes do movimento. Em outro momento sua argumentação foi decisiva na suspensão da greve de fome que os líderes faziam na prisão. (Souza, 2004. P. 597)



Dom Cláudio Hummes – O Frei que acolheu os metalúrgicos (Fonte da foto: MEDICE, Ademir. 1950 (?). Semente do Grande ABC 200 anos: 1812 – 2012 : Paróquia da Boa Viagem, Matriz de São Bernardo do Campo [SP]: Formag's, 2013 – pag. 136”).

Em 30.10.2006 Dom Cláudio é nomeado prefeito da Congregação para o clero, no Vaticano. Em 07.10.2010 o papa Bento XVI aceita seu pedido de renúncia por limite de idade. A partir de 18.04.2011 exerceu a função de vigário-geral da Arquidiocese de São Paulo e acompanha as coordenações pastorais do Mundo do Trabalho; Movimentos Eclesiais e Novas

comunidades em âmbito arquidiocesano. Como arcebispo emérito de São Paulo, dom Cláudio Hummes teve papel importante no conclave que elegeu o papa Francisco, em março de 2013. Disse o papa, a jornalistas, que se inspirou nas palavras do cardeal brasileiro para escolher seu nome. Papa Francisco contou que à medida que a eleição, no conclave, evoluía para a escolha de seu nome como novo papa, dom Hummes o abraçou e recomendou: “*Não se esqueça dos pobres*”. Em seguida, dom Hummes o abraçou novamente e o beijou. (Medice, 2013)

Em 04 de março de 2017 dom Cláudio Hummes lançou seu livro “Grandes Metas do Papa Francisco”. A obra, publicada pela Paulus Editora, nasceu da admiração do cardeal Dom Cláudio Hummes pelo Papa Francisco e do desejo de homenagear o Santo Padre pelo seu aniversário de oitenta anos de vida.



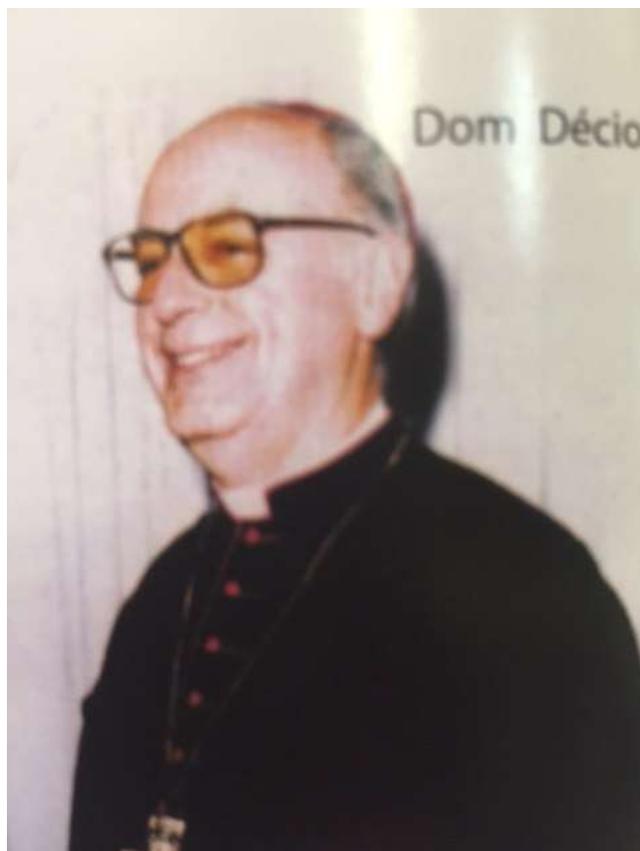
Papa João Paulo II e dom Cláudio no consistório de 2001.(Souza, 2004. P. 596)

3º BISPO - DOM DÉCIO PEREIRA

Dom Décio nasceu em 15 de abril de 1940 no Bairro do Belenzinho em São Paulo – SP. Em 22.01.1967 foi ordenado presbítero, e em 27.05.1979 foi ordenado Bispo. Medice (2013)

Entre 1997 a 2003 foi Bispo Diocesano de Santo André. Medice (2013)

Dom Décio veio da região Episcopal do Belenzinho, bairro da Zona Leste de São Paulo e tal como lá achava que um problema da região era a falta de habitação.



Dom Décio. Medice (2013)

No dia de sua posse, em entrevista ao DGABC, expôs que a reforma agrária deveria ser feita, mas com apoio de entidades governamentais na construção de infraestrutura aos beneficiados. Disse que se precisasse participar de uma greve participaria, mas que a posição sobre esse assunto estava mudando. Que pretendia entrar em contato com entidades sindicais e empresarias para conhecer a comunidade. Medice (2013)

Dom Décio Pereira assumiu a diocese de Santo André, tornando-se o seu terceiro bispo, em 29 de junho de 1997, quase um ano após a nomeação de Dom Cláudio Hummes para a Arquidiocese de Fortaleza. Sua posse relembrou as antigas concentrações católicas do Grande ABC, com uma missa campal defronte à Catedral do Carmo. Dizia-se: Dom Décio seguirá uma linha progressista, como a do antecessor. Era muito amigo de Dom Paulo Evaristo Arns, que anunciara a sua aposentadoria compulsória. Medice (2013)

Dom Décio Pereira criou cinco paróquias novas na região e coordenou as 87 paróquias do Grande ABC. Deu ênfase ao trabalho social com os pobres, à evangelização nas paróquias e também a catequese. Foi um bispo muito dedicado e zeloso, era muito chegado ao povo, pelas questões sociais. Na região de Santo André reforçou esse trabalho. Segundo Dom Cláudio Hummes, em entrevista ao DGABC em 06/02/2003.

Dom Décio Pereira governou a Diocese no período de 1997 a 2003. Fonte Ligas Católicas do Grande ABC. <https://diocesesa.org.br/2014/10/28/historia-da-diocese/consulta> em 28.09.17.

Faleceu em 05. 02.2003, vítima de infarto do miocárdio, a missa e o enterro foi na Catedral Nossa Senhora do Carmo. Em seu lugar assumiu como Bispo da Catedral do Carmo, Dom Néelson Westrupp, quarto bispo a frente da Diocese de Santo André.

Dom Décio escreveu 15 cadernos, com poemas e crônicas do tempo de seminário. É autor do livro de crônicas : “Eu te louvo, Pai” (Medice, 2013, p.141).

Entre a morte de Dom Décio e a posse de Dom Néelson, coube ao bispo auxiliar da Diocese, Dom Airton José dos Santos, responder pela direção da Igreja no Grande ABC.

4º BISPO - DOM NELSON WESTRUPP – O PRESÉPIO NAS IGREJAS E NAS CASAS

Dom Néelson Westrupp, nasceu em 11.09.1939, na cidade catarinense de Imaruí. Em 28.06.64 foi ordenado presbítero.

Foi Diretor no Seminário de Brusque (SC) e atuou como Bispo na Diocese de São José dos Campos por 12 anos, a partir de 11.05.1991.

Com Dom Nelson, a diocese de Santo André alcançou as suas 98 paróquias, a caminho da centésima. Em cada uma, o presépio de Natal, que começou a partir do presépio oficial da campanha “Um presépio em cada lar”. Medice (2013)

Dom Nelson Westrupp, SCJ, tomou posse em 30.11.2003. Edificou o grande edifício-sede da Mitra Diocesana.

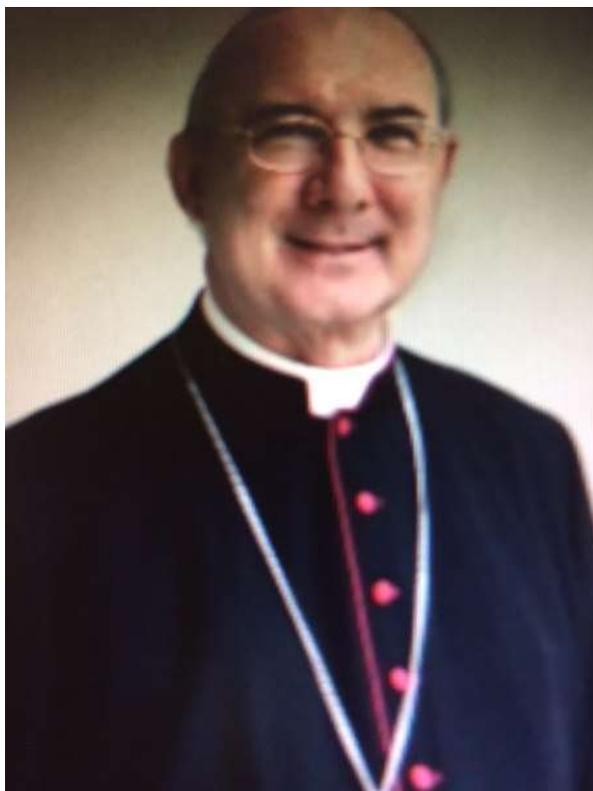


Dom Nélon Westrupp (Fonte: Informativo diocesano 2006)

Fonte: Ligas Católicas do Grande ABC - <https://diocesesa.org.br/2014/10/28/historia-da-diocese/consulta> em 28.09.17.

Dois anos depois de sua posse, Dom Nélon deu nova estrutura ao periódico da Diocese, “A voz da comunidade”. O jornal passou a ser editado por um jornalista profissional contratado. E ganhou nome novo, “A Boa Notícia” que saiu pela primeira vez em dezembro de 2005.

Em dezembro de 2006, durante a 7ª assembleia Diocesana de Pastoral é apresentado o Brasão da Diocese, trabalho artístico elaborado pelo padre Fernando Sapaterra. Medice (2013)



Fonte da foto e texto: http://catedraldocarmo.org.br/site/?page_id=23. Consulta em 29.09.17

Nasceu aos 04 de maio de 1952, na cidade paulista de Caconde. Coursou a escola primária, o ginásio e colegial em Caconde

Em 1972 fez o noviciado nos padres Paulinos. Em 1973, ingressou no Seminário Central Imaculada Conceição, do Ipiranga (São Paulo-SP), pela Diocese de Franca-SP. Coursou Filosofia na FAI (Faculdades Associadas do Ipiranga, UNIFAI, em São Paulo (1973 – 1975) Medice (2013)

Coursou Pedagogia (1975 – 1976), licenciatura em Filosofia e Pedagogia. Fez o curso de Teologia, na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Arquidiocese de São Paulo, obtendo o bacharelado em Teologia (1973 – 1977). Medice (2013)

Foi ordenado diácono na Catedral da Imaculada Conceição em Franca-SP, em 07 de setembro de 1977, e Presbítero na mesma catedral, no dia 25 de fevereiro de 1978.

Foi nomeado pároco da Paróquia São Sebastião, em Franca. Medice (2013)

Em 1980, publicou o livro “Um cristão para hoje”. Medice (2013)

Em Franca foi Coordenador Diocesano de Pastoral (1982 – 1983) e professor e coordenador de estudos do Seminário Propedêutico (1983 – 1984). “Em 1984 – 1985, cursou pós-graduação em Teologia, na Faculdade Pontifícia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, obtendo o Mestrado em Teologia, após defender tese em Teologia Dogmática. No ano em que morou em S. Paulo para escrever sua tese, foi vigário paroquial da Paróquia Imaculada Conceição, do Ipiranga. Medice (2013)

Transferindo-se para Campinas, passou a lecionar no Instituto de Teologia da PUC-Campinas. Foi nomeado pároco da Paróquia dos Santos Apóstolos, na Vila Boa Vista, periferia de Campinas, tomando posse da paróquia em 28 de dezembro de 1985. Foi definitivamente incardinado no clero de Campinas, por decreto do Sr. Arcebispo Dom Gilberto Pereira Lopes, datado de 28 de janeiro de 1987. Medice (2013)

Na Paróquia dos Santos Apóstolos, atuou no sentido de incentivar as pastorais sociais e a participação do povo na melhoria da qualidade de vida. Desenvolveu a Pastoral da Saúde para visita aos doentes. Realizou construções de salas para catequese e capelas nos Parques Santa Bárbara e Fazendinha. Medice (2013)

Durante os anos de 1987 a 1989, exerceu o cargo de Diretor Espiritual do Seminário Propedêutico São José de Pedreira e Seminário Imaculada de Filosofia da Arquidiocese. Foi Vigário Episcopal da Região Episcopal Norte, de 1988 a 1990; membro do Conselho Episcopal e do Conselho de Pastoral da Arquidiocese. Medice (2013)

Cursou o doutorado em Teologia na Itália, residindo em Roma, no Colégio Pio Brasileiro (1990 – 1992). Estudou na Universidade Gregoriana, onde defendeu tese de doutorado em Ecclesiologia, conseguindo a laurea (magna cum laude). Medice (2013)

Regressando a Campinas em 1993, foi nomeado Administrador Paroquial e, em seguida, pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Taquaral. Foi Diretor de Estudos do Seminário Imaculada de Teologia da Arquidiocese de Campinas (1993 – 1994). Retomou suas aulas na PUC-Campinas, a partir de 1993, como Professor Titular, lecionando História da Igreja Antiga, Ecclesiologia, Mariologia e Epistemologia Teológica, Estágio Pastoral. Em 1996, fez parte da Comissão Central do “Projeto de Evangelização Rumo ao Novo Milênio. Foi Coordenador do Departamento de Teologia Sistemática no ITCR PUC-Campinas, de

1997 a 1998. Em 1997, fez o Curso de Extensão Universitária sobre Formação Espiritual nos Seminários Maiore”, em Viamão-RS, promovido pela CNBB e PUCRS. Medice (2013)

Na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, promoveu a reorganização e modernização da paróquia, direcionando-a para ser um centro de pastoral e evangelização. Ajudou na conscientização da população, a fim de reivindicar e conseguir a melhoria das condições de saúde da população do Taquaral, através da construção, pelo município, de um Novo Centro de Saúde, atualmente em funcionamento. Medice (2013)

Escritor e articulista publicou seus artigos no jornal Correio Popular. Manteve uma coluna quinzenal no jornal do Bairro Taquaral (Folha do Taquaral), enquanto ali trabalhou. Aliando ao ministério da pregação da Palavra de Deus no púlpito, o ministério da pregação pela imprensa e meios de comunicação. Medice (2013)

Em 03 de março de 1997, Pe. Pedro Carlos Cipollini foi escolhido para ser Vigário Forâneo da Forania Coração de Maria, uma das cinco Foranias (ou regiões pastorais) em que estava na época dividida a cidade de Campinas, cargo que exerceu até o fim do mandato em 1999. Foi Diretor Espiritual do Seminário Imaculada de Filosofia, da Arquidiocese de Campinas (1997 – 2000) e membro do Conselho de Presbíteros. Medice (2013)

Recebeu o título de “Cidadão Honorário de Campinas”, em 06 de março de 2000, aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal’ Medice (2013)

Em julho de 2000, publicou pela Editora Alínea, um livro sobre pastoral urbana, “Cidade transfigurada: o futuro do mundo urbano passa pela solidariedade”. Em 09 de setembro de 2000, na Basílica Nossa Senhora do Carmo, Pe. Pedro tomou posse como o novo pároco da Paróquia Nossa Senhora do Carmo (Basílica do Carmo), no centro de Campinas. Medice (2013)

Foi Vigário Forâneo da Forania Santos Apóstolos, para o biênio de 2001 – 2002. Exerceu a função de Diretor Espiritual da Ordem Terceira Secular de Nossa Senhora do Monte Carmelo, anexa à Basílica, enquanto lá esteve. Medice (2013)

Em 06 de março de 2001, foi nomeado Cônego Catedrático do Cabido Metropolitano de Campinas. Em 05 de dezembro de 2002, foi nomeado Vigário Episcopal da então Região Episcopal Campinas, cargo que ocupou até a chegada do novo Arcebispo, Dom Bruno Gam-

berini. Foi nomeado Coordenador de Pastoral da então Região Campinas, permanecendo no cargo até dezembro de 2008. Medice (2013)

Em março de 2003 foi nomeado Assessor Eclesiástico da Comissão Arquidiocesana da Pastoral Familiar. De 2002 a 2008, foi membro do Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP) e do Conselho de Presbíteros. De 2004 a 2008, foi membro da Coordenadoria de Pastoral. Recebeu da Câmara Municipal de Campinas, a medalha Arautos da Paz, em 26 de novembro de 2004. Medice (2013)

De 2008 a 2010, foi Assessor da Comissão Arquidiocesana em Defesa da Vida. Foi nomeado pelo presidente da CNBB, Card. Geraldo Magela Agnello, membro da comissão teológica de peritos da Comissão de Doutrina da Fé para o mandato de 2003 – 2006 e confirmado para o período de 2007 – 2009. Medice (2013)

Em 27 de fevereiro de 2009 foi nomeado Capelão da Irmandade e da Santa Casa de Misericórdia de Campinas. Em 16 de março de 2010 foi nomeado Arcebispo (Presidente) do Cabido Metropolitano de Campinas. Medice (2013)

Eleito bispo diocesano de Amparo pelo Papa Bento XVI, em 14 de julho de 2010. Ordenado bispo na catedral de Campinas no dia 12 de outubro de 2010 e empossado dia 24 de outubro de 2010 na Diocese de Amparo. Recebeu o título de cidadão amparense em 21 de Dezembro de 2010. Medice (2013)

No dia 30 de Julho tornou-se professor emérito da Universidade Católica de Campinas onde lecionou por 25 anos na Faculdade de Teologia. Foi nomeado membro da Comissão Pastoral Episcopal para a Doutrina da Fé, da CNBB, para o mandato de 2011 – 2014. Nomeado membro da Academia Amparense de Letras, empossado em 11 de Novembro de 2011. Membro da Comissão de Redação do Tema Central da 51ª. Assembléia Geral da CNBB. Mantém um programa diário na TV Século XXI, “Palavra Divina”, comentando as leituras da liturgia diária, desde 2011. Recebeu também o título de Cidadão Honorário de Amparo, Jaguariúna, Mogi Mirim e Itapira. Editou o livro “Permaneço no meu Amor: para uma espiritualidade presbiteral do serviço” e uma Carta Pastoral dirigida à todos os diocesanos. No seu ministério episcopal em Amparo, criou 7 paróquias, ordenou 13 padres e promulgou o 1º Plano de Pastoral Diocesano. Medice (2013)

Na Assembleia Geral da CNBB de 2015, foi eleito presidente da Comissão Pastoral Episcopal para a Doutrina da Fé, para os anos de 2015 – 2018. Medice (2013)

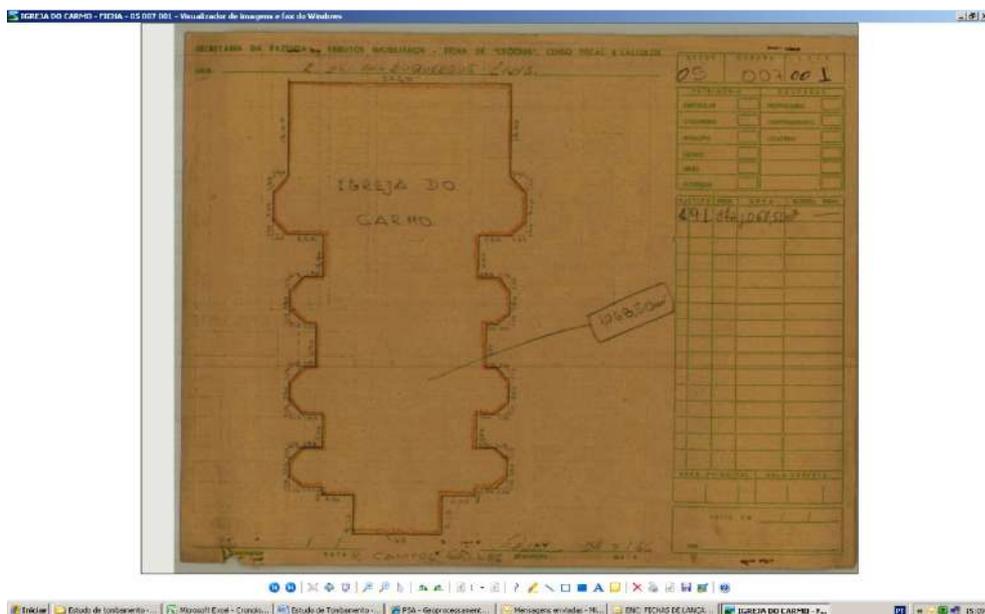
No dia 27 de maio de 2015 foi eleito Bispo de Santo André – SP pelo Papa Francisco, em substituição a D. Nelson Westrupp, SCJ, que teve sua renúncia aceita por limite de idade. Medice (2013)

Dom Pedro Carlos Cipollini, nosso atual bispo, tomou posse em 26 de julho de 2015 e com seu jeito afetuoso e cativante está “em nome de Jesus” evangelizando o grande ABC Paulista. Medice (2013)

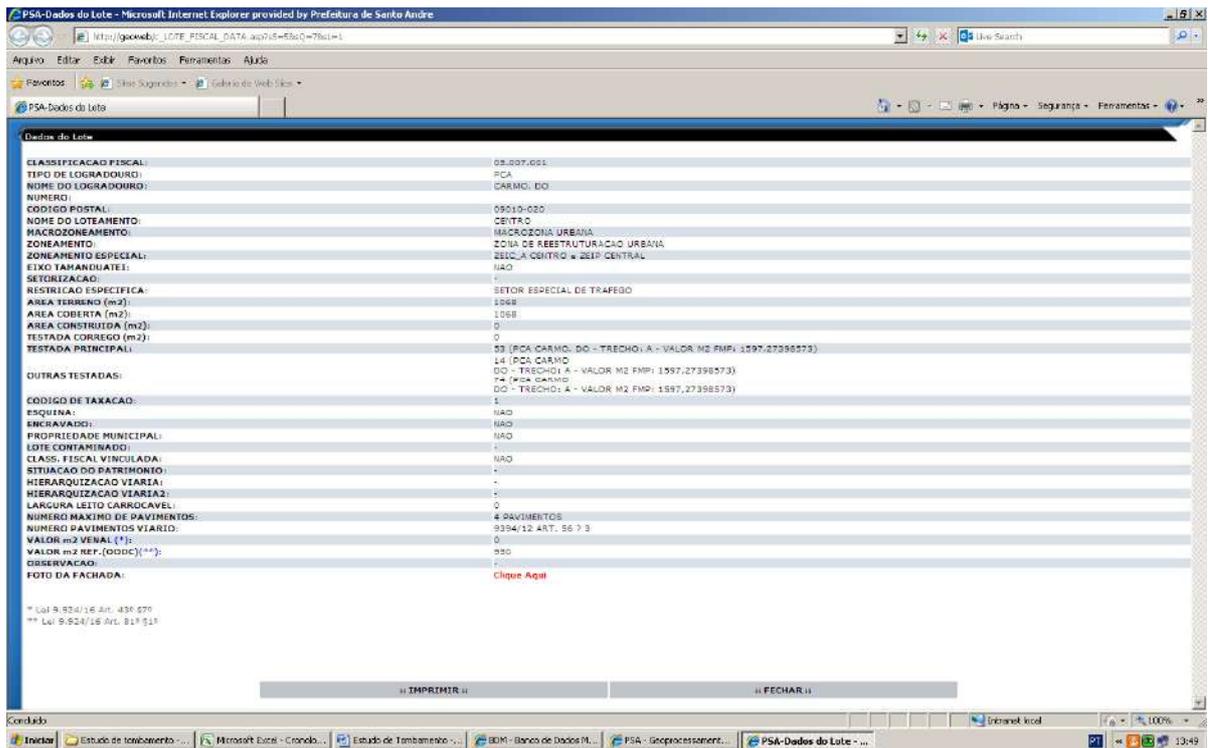
Dados municipais sobre o prédio da igreja

Segundo o sistema Geoweb e BDM (Banco de Dados Municipal) da Prefeitura de Santo André. A Igreja do Carmo é uma propriedade da Mitra Diocesana de Santo André, cujo terreno tem a classificação fiscal 05.007.002. Sua localização é entre a Rua Albuquerque Lins e Rua Campos Sales. Seu endereço oficial é Praça do Carmo, 58 – Centro – CEP: 09010-020.

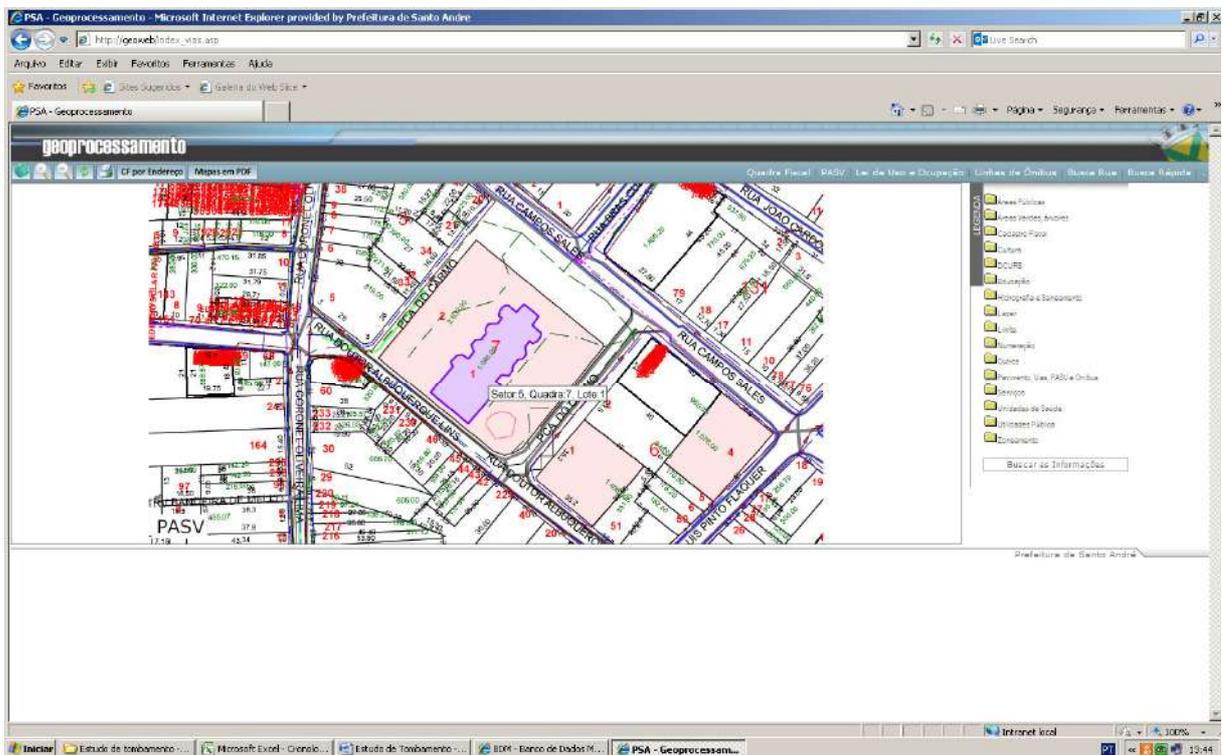
Está localizada em um terreno da Macrozona Urbana, na Zona de Reestruturação Urbana e faz parte da Zeic A – Centro e ZEIP Central; e Zona Especial de Tráfego, descritos no Plano Diretor Municipal. A igreja tem área construída de 1068 m² .



Ficha de lançamento antiga – Igreja do Carmo – Fonte: PMSA (03.09.2018)



Dados do lote da Igreja do Carmo – Fonte: BDM (03.09.2018)



Quadra Fiscal da Igreja do Carmo. - Fonte: Geoweb (03.09.2018)

As residências dos padres



Casa Canônica (Paroquial) – 1930 – Praça do Carmo, 36

(Fonte: http://catedraldocarmo.org.br/site/?page_id=15)

Segundo as leis da Igreja o pároco deve residir próximo à sua paróquia. No entanto, até então, não havia uma residência fixa para o padre. Assim, em 1928, foi alugada uma casa, do Sr. Bernardino Queiroz dos Santos, na Rua Cezário Motta, nº 6, onde o padre. Carlos Porrini residiu durante 18 meses.

Em seguida, pensou em erigir a Casa Canônica em terreno adquirido “ad hoc” pela Prefeitura que recebeu em troca o largo da Matriz.

O Revmo. Pe. Carlos contratou para administrar a construção o Sr. José Pessolo e o Sr. Arverino Novella. O Sr. Saladino C. Franco doou 10 mil tijolos para construção da Casa, as ofertas alcançaram a soma de 2:257.100 contos de réis; o total de gastos foi de 50:522.600 contos de réis. Ao apresentar o balancete à Sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Arcebispo de São Paulo, percebendo a motivação e empenho da Comissão Executiva, ordenou que se unisse em uma só administração a Construção da nova Igreja e da Casa Canônica, na Praça do Carmo.

Quase 25 anos depois da construção da residência do Pároco, foi criada a Diocese de Santo André.

Com a chegada do primeiro Bispo da Diocese, Dom Jorge Marcos de Oliveira, que tomou posse no dia 12 de setembro de 1954, foi feita a transferência da residência para uso da

diocese. A casa paroquial em absoluto abandono, mostrava-se sem mobília, necessitando uma grande reforma para poder servir como residência. A casa canônica passa a ser residência episcopal, em 1954.

Parte do salão paroquial, um pavilhão de 15 metros de altura, foi dividida em dois pisos: um salão de teatro no primeiro e salas no segundo. À Cúria caberia o segundo piso com uma área de 181 metros quadrados. Suas paredes de cimento bruto caiado de branco e caiação coberta de pó, o chão de cimento grosso, poroso e esburacado. Tudo havia sido aproveitado de outros lugares, janelas e portas vieram dos consertos da futura Catedral.

O pároco da catedral morou por algum tempo junto com o Bispo, enquanto se construía alguns cômodos em cima da sacristia, nos fundos da igreja. Daí em diante, o pároco passou a residir na própria igreja até novembro de 2005. Tendo em vista a necessidade de uma residência digna, o Conselho Administrativo Paroquial, com incentivo do então pároco, o Revmo. Pe. Manuel Parrado Carral, no ano 2000, começou a constituir um fundo financeiro para a compra de um apartamento próximo à catedral. O imóvel situado à Rua Siqueira Campos foi adquirido cinco anos depois, pelo Revmo. Pe. Décio Rocco Gruppi, atual Cúria da catedral, com a aprovação do Conselho Administrativo Paroquial.

A mitra

Com o intuito de ser um local para reunir as pastorais e demais setores administrativos da igreja católica no Grande ABC, o prédio da Mitra, teve sua obra iniciada em novembro de 2006, quando um grupo de amigos da diocese de Santo André , entre eles muitos empresários voluntários, começou a captar recursos para a construção da sede. O projeto é do Arq. Francisco José Prado Ribeiro, e foi ao encontro do planejamento urbanístico de revitalização do Centro proposto pela prefeitura de Santo André



Prédio da Mitra

Fonte : DGABC – 05.09.2011 – Matéria: Sede da igreja será inaugurada até dezembro.

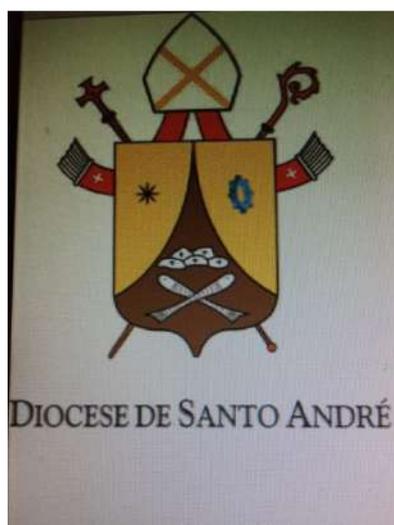
O prédio tem 14 andares, sendo 11 para os setores administrativos, e dois subsolos para 30 vagas de garagem, arquivo diocesano (com livros, registros e documentos das paróquias, fiéis, padres e religiosos), banco de dados (com cópia de batizados e casamentos de famílias tradicionais), centro pastoral, auditório para 200 pessoas (localizado no 1º andar e com acesso externo), mini praça de alimentação com espaço verde (no 2º andar). O térreo moderno propõe-se a ser um prolongamento da tradicional Praça do Carmo. (Fonte: matéria do DGABC de 05.09.2011).

O prédio foi inaugurado em 30 de novembro de 2012, com endereço oficial na Praça do Carmo, 36 – Centro – Santo André. (Fonte : DGABC – 05.09.2011 – Matéria: Sede da igreja será inaugurada até dezembro).

O escudo da diocese de Santo André

A composição do escudo da Diocese de Santo André é bem simples, segundo as orientações de feitio dos brasões, para que os elementos sejam significativos e bem evidenciados. Ele é composto por três campos, cuja divisão se faz pela representação de uma montanha em marrom. No campo em destaque, que se abre ao centro, encontram-se os cinco pães e dois

peixes; no campo superior esquerdo, a “Estrela da Manhã” e no campo superior direito, a representação de uma engrenagem, ambos sobre o metal dourado. A diocese apresenta-se pela Mitra ornada com a Cruz de Santo André, encimada ao escudo, sinal deste Bispado, juntamente com as insígnias da Diocese: a Cruz e o Pastoral”. (Fonte:http://catedraldocarmo.org.br/site/?page_id=21)



Escudo da Diocese de Santo André

Fonte: http://catedraldocarmo.org.br/site/?page_id=21

Celebrações na Catedral

Dentre as celebrações que ocorrem na catedral do Carmo, com missas especiais, temos: o dia da padroeira Nossa Senhora do Carmo em 16 de julho; a Quaresma; Corpus Christi, festa junina e Natal. E em 22 de agosto a festa da Dedicção.

A PRAÇA DO CARMO

A construção, intervenções e algumas histórias.

No início do século 20 o terreno correspondente à Praça do Carmo dos dias atuais, era um mero prolongamento dos terrenos baldios existentes no velho Bairro da Estação, atual centro histórico de Santo André. Pertencia ao ex-carteiro Antônio Queiróz dos Santos, dono de muitas terras na cidade, que vivia de rendas e possuía várias casas de aluguel perto da estação ferroviária. Medice (2013)



Praça do Carmo - 1950

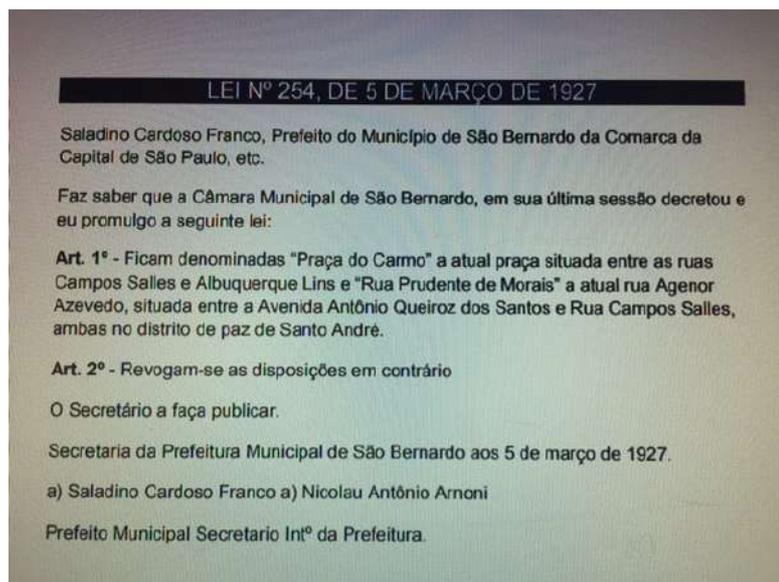
Fonte: <http://catedraldocarmo.org.br/site/wp-content/uploads/2012/07/catedral-praca-300x184.jpg> - consulta em 29.09.17

A Praça do Carmo foi construída ao redor da igreja do Carmo somente após ser erguido o templo. Medice (2013)

Tanto a Igreja do Carmo quanto a Praça representaram a descentralização urbana do centro de Santo André, que à época estava concentrada no então chamado Bairro do Ipiranguinha, que ficava no entorno da Igreja Matriz de Santo André. O crescimento urbano em torno da estação ferroviária praticamente forçou tal descentralização. Medice (2013)

A Praça do Carmo foi um local da cidade que acabou concentrando, ao seu redor, moradias de pessoas influentes na cidade. Ali moravam Saladino Cardoso Franco, Antonio Queirós dos Santos, Bernardino Queirós dos Santos, Luiz Lobo, entre outros. E a praça recebeu este nome em 3 de março de 1927, por indicação do prefeito Saladino Cardoso Franco. Suzana C. Kleeb - “Subsídios históricos sobre os setores 2 e 5 – Centro de Santo André e Bairros Vizinhos”

Em 05.03.1927, através da Lei 254, foi dada a denominação de Praça do Carmo à área doada para a construção da Igreja do Carmo, tornando-se assim a primeira praça a ser oficializada. Mirella S. Santos em “Alguns apontamentos sobre Antonio Queiroz dos Santos e família”. Esse espaço já tinha sua configuração desde os últimos anos 1920, praticamente década de 1930. O ajardinamento, no entanto, demoraria quase 20 anos. Medice (2013).



Lei 254 de 05.03.1927

Fonte : Câmara Municipal de Santo André.

Fotografias a partir de 1930 mostram o local já com características urbanísticas definidas e vocação para cartão postal. Medice (2013)

Em 1931, grupos de moças do centro de Santo André, propuseram à Prefeitura um trabalho de mutirão para executar o ajardinamento da Praça. Medice (2013). Nessa época a igreja ainda não estava concluída.

Segundo Mirella S. Santos em fls. 09-10 do PA 26035/2013-1. A Praça do Carmo teve sua primeira urbanização em 1931 e término em 1953, quando foram inaugurados, na praça, os bustos dos Padres Luiz Capra e Leonardo Nunes, colocando um de cada lado da igreja.

Ainda em 1947 a Praça do Carmo não era calçada. Quando chovia os fiéis sujavam seus sapatos e as barras das calças com lama vermelha. E as noivas sujavam seus vestidos compridos e brancos. Com pena de tantas jovens da cidade, a advogada Palmira Mota, esposa de Quirino Mota Junior, resolve intervir e procurar um dos prefeitos interinos da época, Júlio D. Guimarães, seu colega da turma de 1936 na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. O Dr. Guimarães tomou medidas administrativas para que seus sucessores assim o fizessem. Era a contribuição da jovem advogada que, à época, morava na esquina da Rua Campos Sales, muito próxima a igreja. Medice (2013)

Assim, a partir de 1947 a praça de terra e chão batido recebe o calçamento. Medice (2013)

Em seu texto “Subsídios históricos sobre os setores 2 e 5 – Centro de Santo André e Bairros Vizinhos” Suzana C. Kleeb informa que, mais adiante, em 04.06.1953 as obras foram finalizadas, com a inauguração dos bustos em homenagem ao Padre Capra e a Leonardo Nunes.” O escultor contratado foi Antonio Canever.



Casamento na Igreja Nossa Senhora do Carmo - década. 1930 (Acervo do Museu de Santo André)



Praça do Carmo : a esquerda a atual casa da Palavra e a esquerda a Igreja N. S. do Carmo –
s/d - (Acervo do Museu de Santo André – Dr. Octaviano Armando Gaiarsa)



Praça do Carmo – s/d (Acervo do Museu de Santo André – Dr. Octaviano A. Gaiarsa)

A Praça do Carmo foi local de muitas manifestações. Como exemplificado no seguinte depoimento:

[...] a gente tinha muita facilidade, de se movimentar e de movimentar o povo [...] havia uma participação popular muito grande [...] o pessoal participava mesmo, a gente via descer o pessoal das vilas para o centro da cidade, em frente a igreja do Carmo, onde conseguíamos reunir vinte e cinco mil pessoas [...] nós fazíamos um trabalho de massa mesmo. Martins (1994).

A manutenção da Praça do Carmo, também foi realizada por empresas da região, como pode ser verificada no Decreto 6900 de 09.11.1973 que permitia a empresa Rhodia à execução dos serviços de guarda, conservação do jardim e limpeza dessa praça, como colaboração gratuita.

Fonte: <http://www.cmsandre.sp.gov.br/>

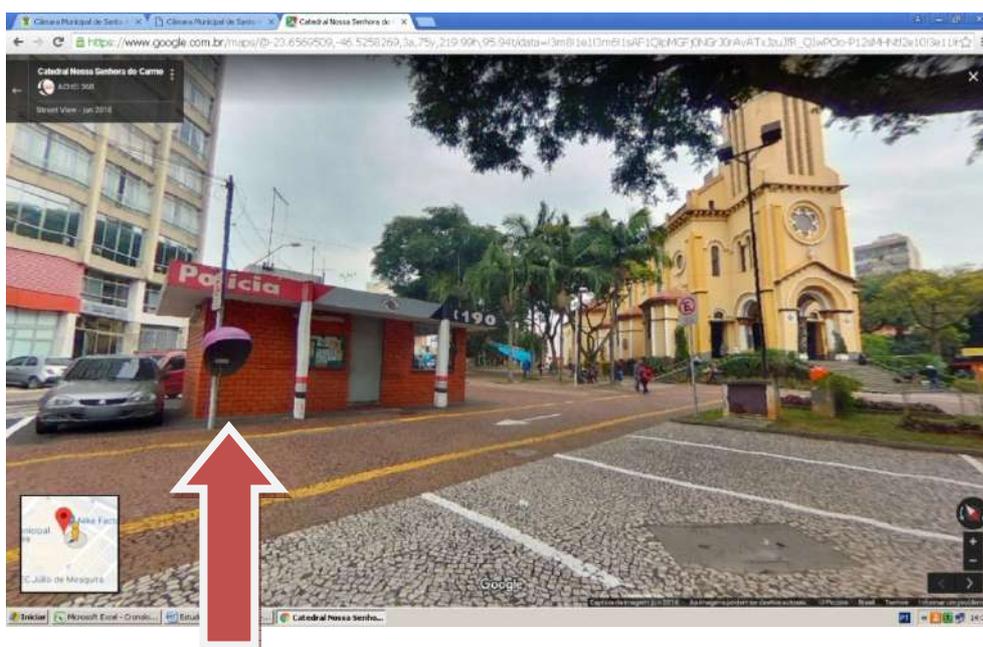
Segundo Mirella S. Santos, em fls. 09 do PA 26035/2013-1, a praça passou por várias intervenções. A primeira foi realizada em 1979/1980, quando ela foi incorporada ao calçadão da Rua Coronel Oliveira Lima, ocasião em que os bustos foram mantidos no mesmo local e com o mesmo pedestal. O projeto foi do arq. Jorge Bonfim

Na década de 1990 houve nova remodelação do espaço, e na praça foi construída a Concha Acústica, local onde acontecem manifestações culturais como shows musicais, apresentações teatrais etc. Fonte: Suzana C. Kleeb “Subsídios históricos sobre os setores 2 e 5 – Centro de Santo André e Bairros Vizinhas”

Em 1992 ocorreu outra intervenção, de autoria da empresa Maubertec. Foram retirados os espelhos d’água; a estátua de Minerva (que atualmente encontra-se no jardim frontal do Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa); os sanitários públicos; a incorporação do acesso de veículos à Praça; e foram substituídos os pedestais dos bustos. Fonte: Mirella S. Santos, em fls. 09 do PA 26035/2013-1.

A última intervenção ocorreu no início desta década, o projeto é do arquiteto Décio Tozzi nela foi modificada a posição da Concha Acústica, que passou para o outro lado da Catedral, mais perto da Rua Albuquerque Lins, e em frente à Casa da Palavra Mário Quintana. E também foi instalado um posto da policia militar. Fonte: Mirella S. Santos em fls. 09 do PA 26035/2013-1.

A autorização para a instalação do posto da policia militar veio através do decreto 13439/1994 que permitiu, a título precário e gratuito, à policia militar ,o uso do posto policial na Praça do Carmo, sob a responsabilidade manutenção do mesmo. A permissão poderá ser revogada a qualquer momento à critério da Administração.

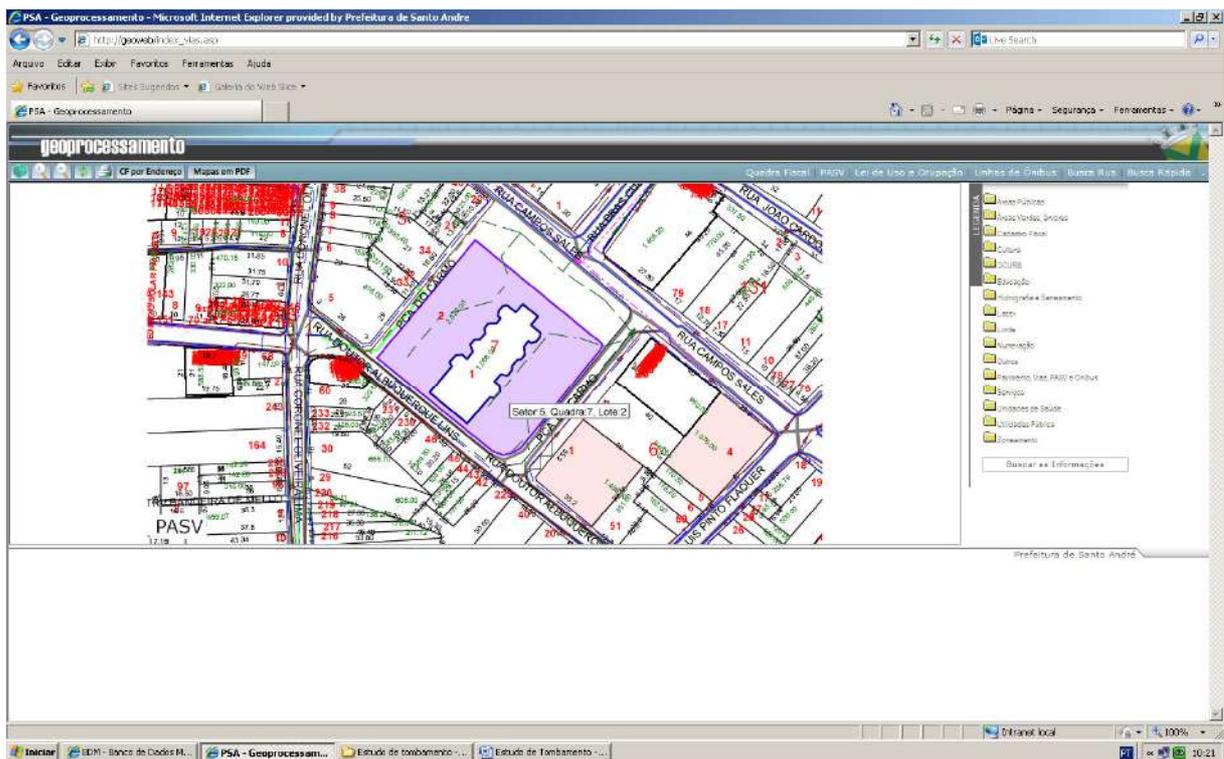


Posto Policia Militar – fonte Google Maps (04.09.2018)

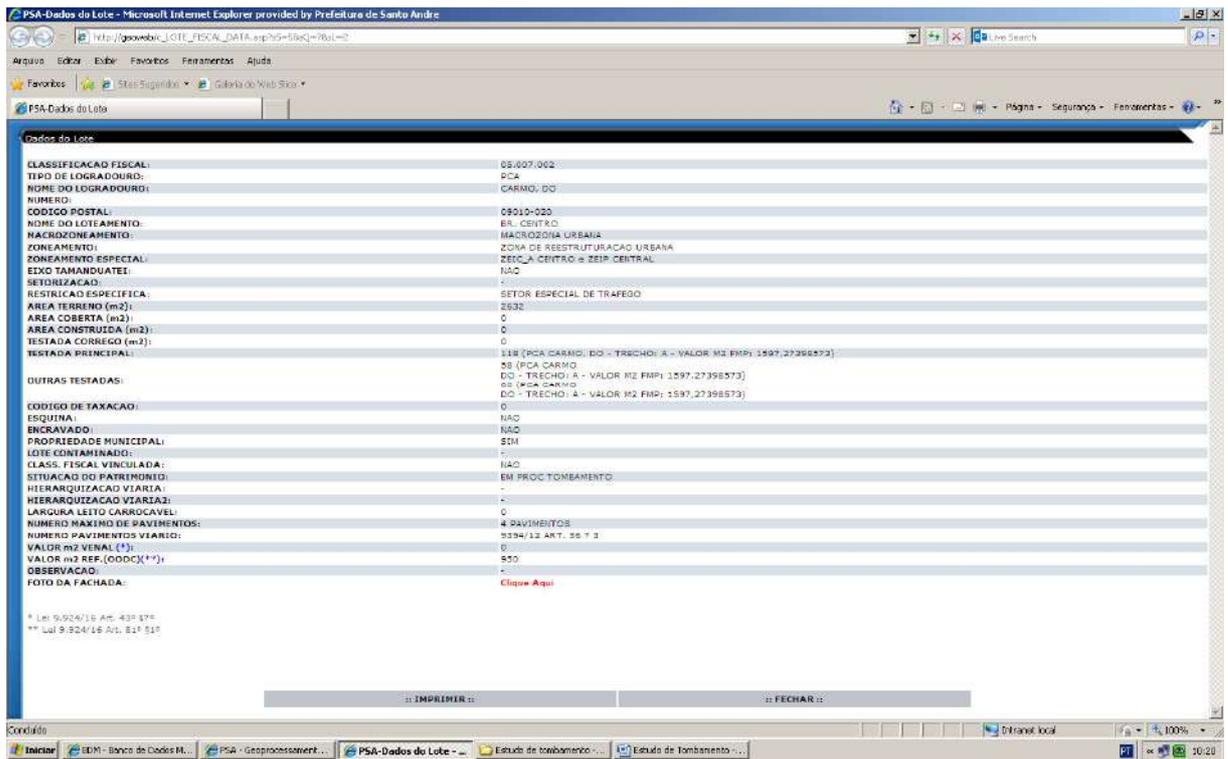
Segundo matéria, em 01.09.1991, do jornal Folha de São Paulo sob título: “Praça do Carmo será restaurada e deve ganhar cara nova até 1992”. A Praça do Carmo é um local de passagem quase que obrigatório para quem está no Centro de Santo André. Além disso, há na praça a Igreja do Carmo e ao redor da praça, bancos, cartórios, lojas e bares quase sempre lotados.

Informações de banco de dados

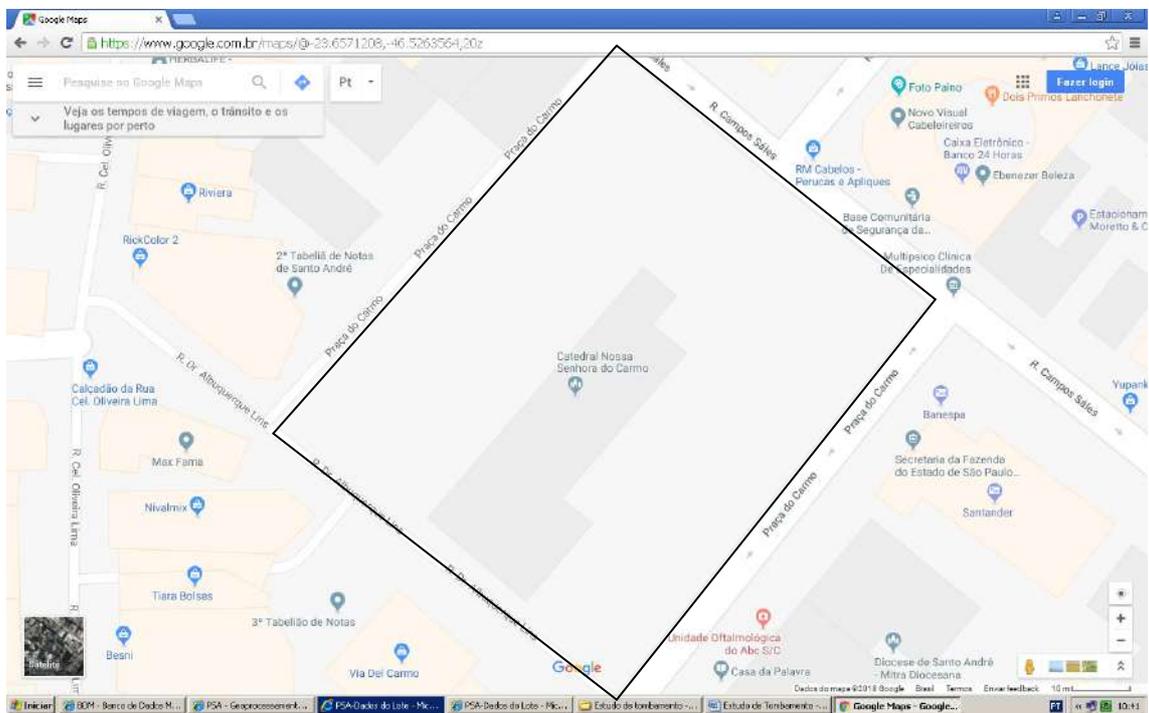
Segundo o sistema Geoweb e BDM da Prefeitura Municipal de Santo André. A Praça do Carmo é uma propriedade do Município e tem classificação fiscal 05.007.002. Está localizada em um terreno entre a Rua Albuquerque Lins e a Rua Campos Sales. Seu endereço oficial é Praça do Carmo, 58 – Centro – CEP: 09010-020. A área está em Macrozona Urbana, na Zona de Reestruturação Urbana e faz parte da Zeic A – Centro e ZEIP Central. Está localizada ainda em Zona Especial de Tráfego. O terreno tem área de 2.632 m².



Quadra Fiscal da Praça do Carmo - Fonte : Geoweb – 03.09.2018



Dados do lote da Praça do Carmo - Fonte: BDM – 03.09.2018

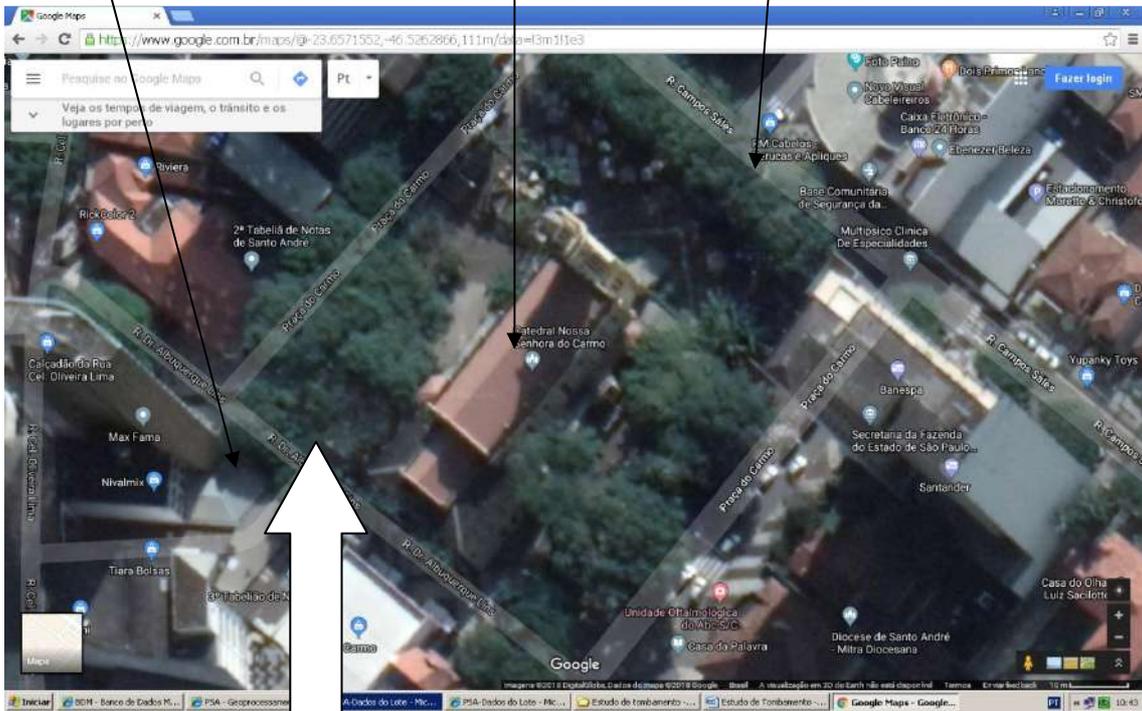


Mapa Do limite do terreno da Praça do Carmo - Fonte: Google Maps – 03.09.2018

Rua Albuquerque Lins

Igreja do Carmo

Rua Campos Sales

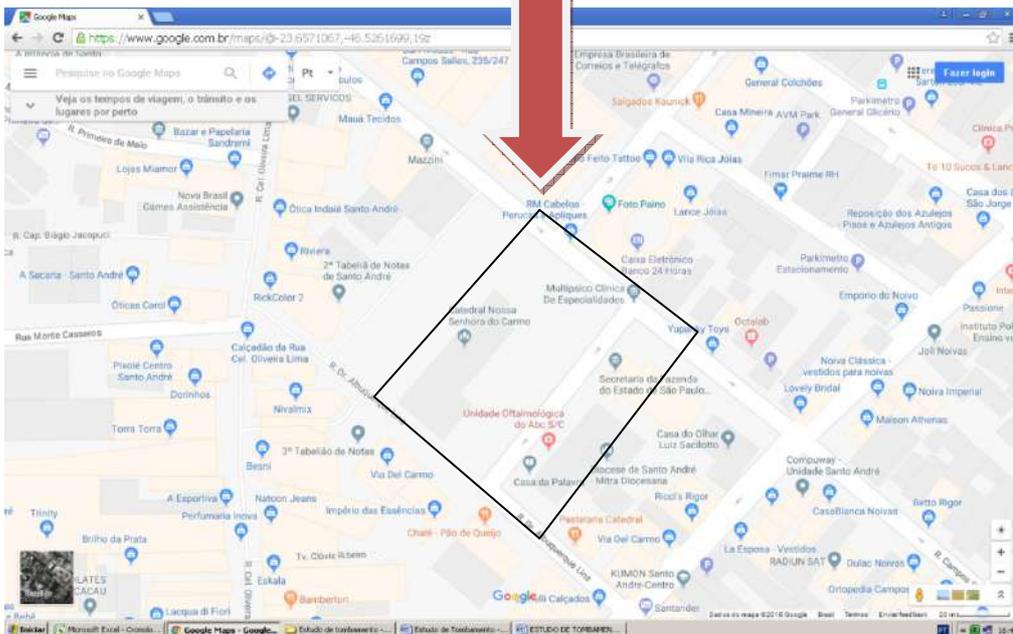


Mapa – Praça do Carmo – Fonte: Google Maps- 01.09.2018

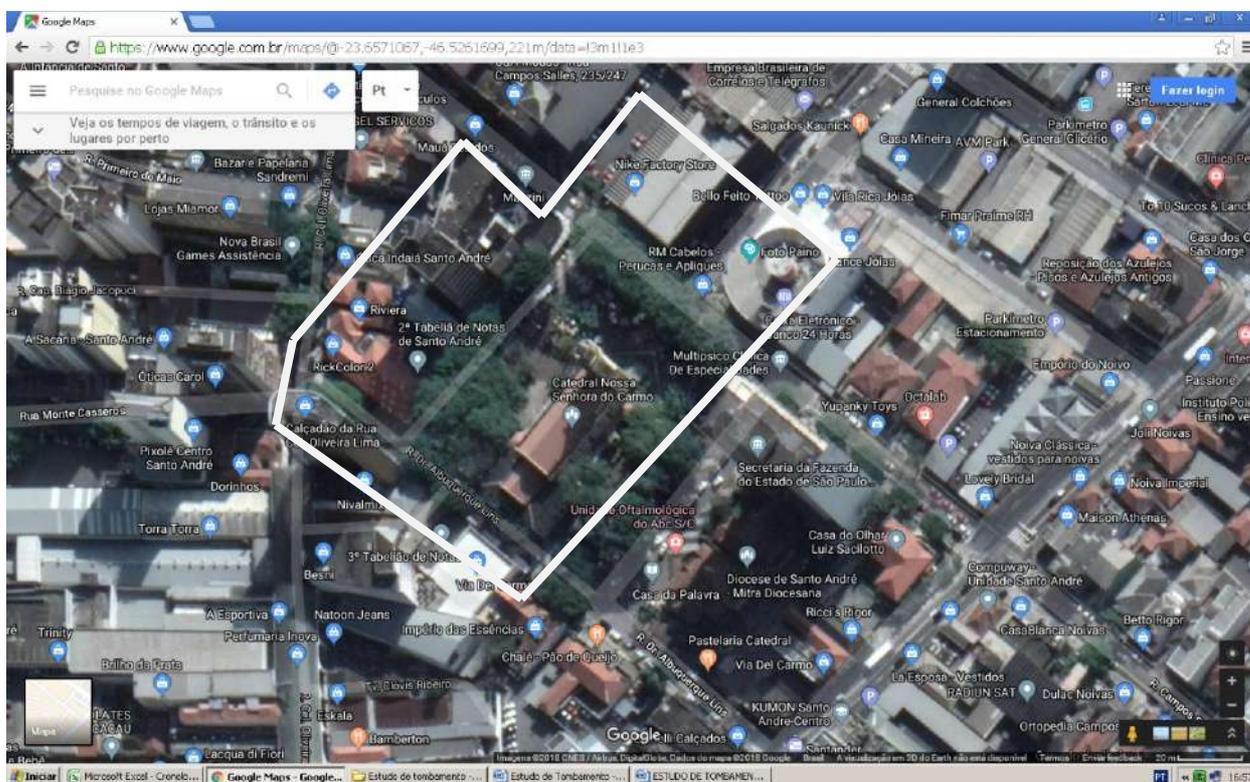
PRAÇA DO CARMO

Área envoltória

Praça do Carmo



Limites Praça do Carmo – fonte Google Maps (04.09.2018)



Área envoltória - Praça do Carmo – Google Maps (04.09.2018)

Mapas da região no entorno da Praça do Carmo – de 1919 a 1951

Segue abaixo mapas antigos de 1919, 1928 e 1951, da região central de Santo André, com indicação da área onde está localizada a Igreja Nossa Senhora do Carmo. É possível verificar também nesses mapas a propriedade de alguns lotes nas proximidades, pertencentes a famílias tradicionais da região, bem como o arruamento à época.

Propriedade de A. Queirós dos Santos Rua Gen. Glicério R. Cel.Oliveira Lima Rua Campos Sales



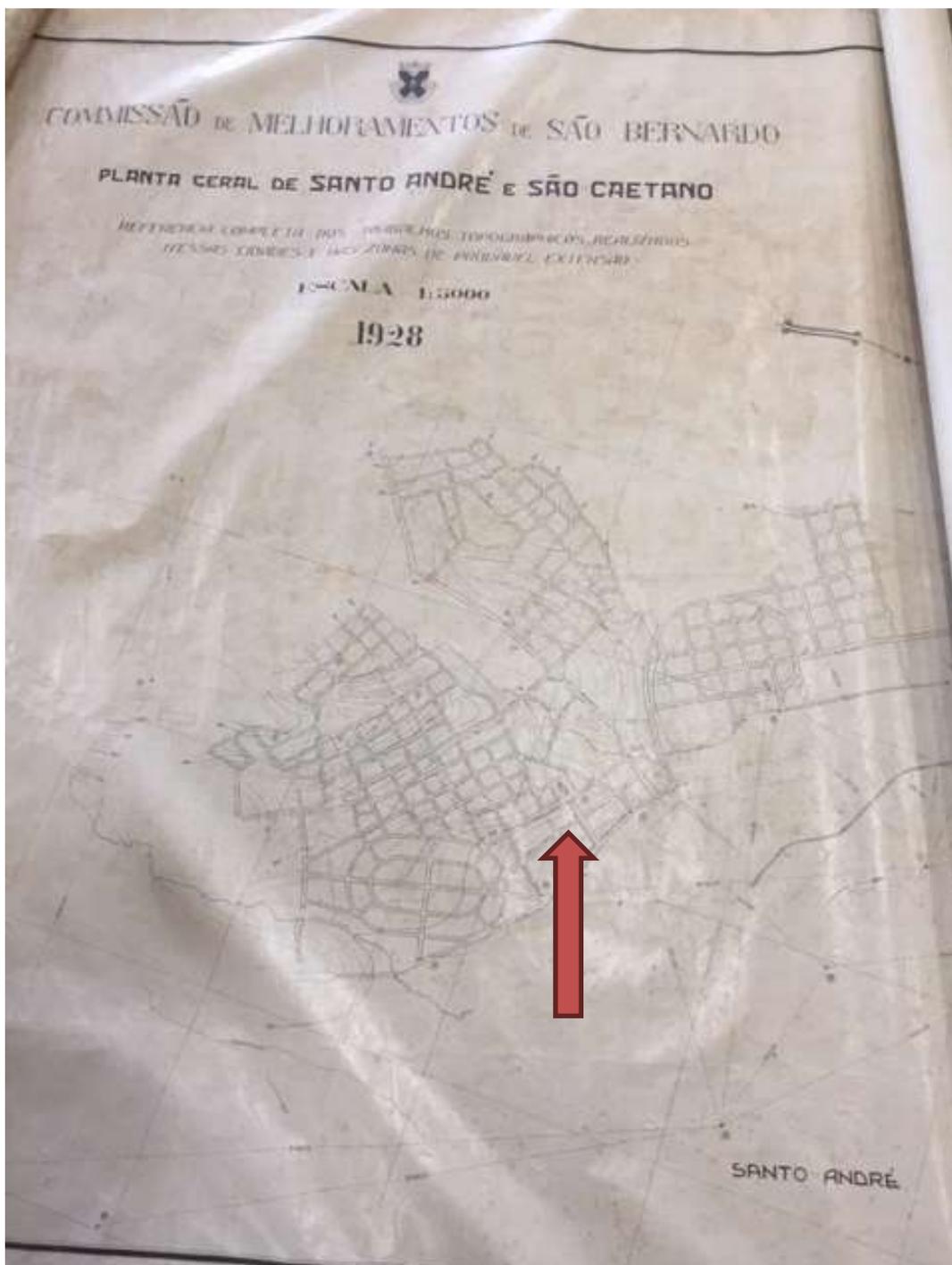
Fonte: Mapa 0 de Santo André – jul/1919 (Fonte: Acervo DDP - PSA)



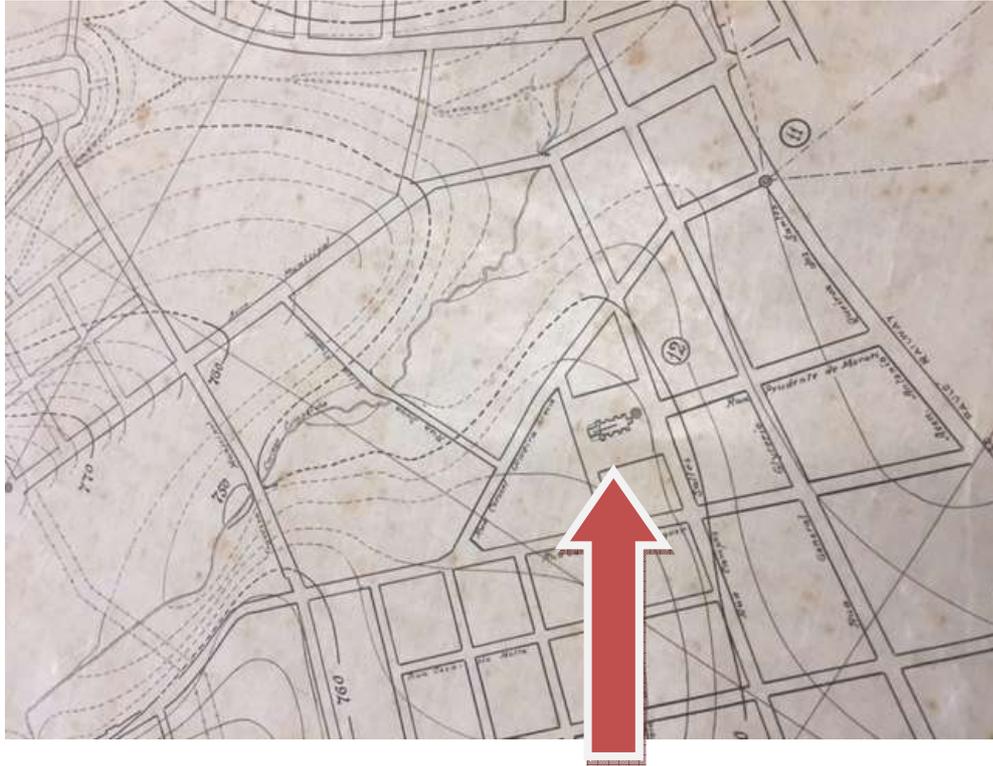
Fonte: Mapa 0 de Santo André – jul/1919 (Fonte: Acervo DDP - PSA)

No mapa há informação de que Antônio Queirós dos Santos havia vendido uma área de $605,50\text{m} \times 25\text{m} = 15.087,50\text{m}^2$ que foi adquirida pela S.P.T.L.R.P. Co Ltda The São Paulo Tramway Light & Power Co Ltda. E o mapa referia-se a mudança da linha de transmissão em São Bernardo e nova linha entre pilar e Ribeirão Pires.

No mapa há informação de que tanto Antônio Queiróz dos Santos quanto Bernardino Queiróz do Santos eram donos de vasta área de terra próximo a área demarcada como hippódromo. Fonte: Mapa 0 de Santo André – jul/1919 (Fonte: Acervo DDPU - PSA)



Mapa 0 do Centro de Santo André em 1928 – Destaque para o local da Igreja do Carmo (Fonte: Acervo DDPU – PSA)

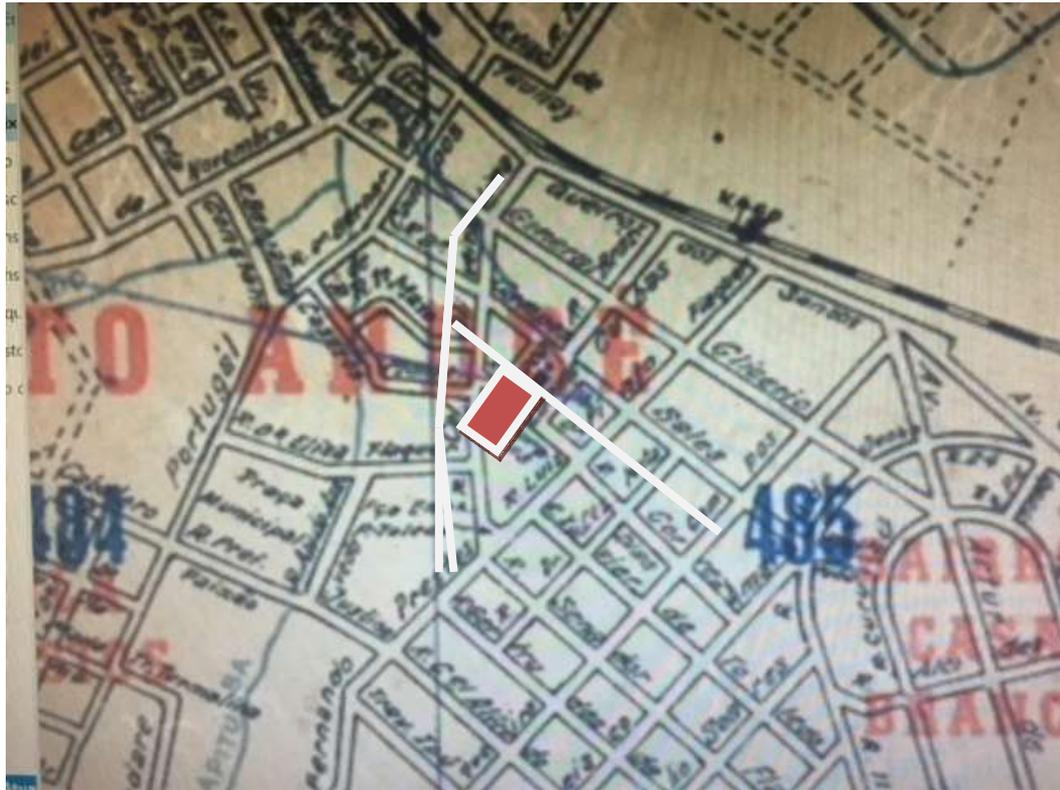


Planta topográfica 1928 – Centro de Santo André. Já com indicação da Igreja do Carmo.

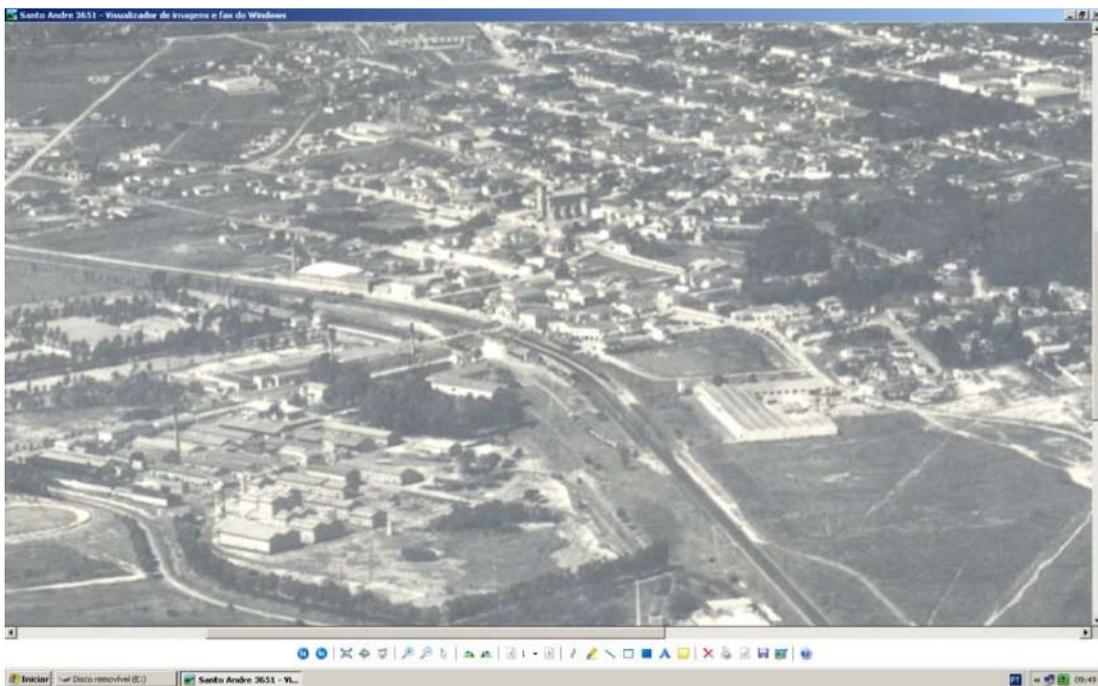


Mapa de Santo André – 1951 – Destaque local do terreno da Praça do Carmo

(Fonte: Acervo DDP - PSA)



Mapa do Centro de Santo André em 1951 – Destaque para o local da Igreja do Carmo (Fonte: Acervo DDP – PSA)



Núcleo Urbano – Santo André 1939 – Fonte: Aerofoto Obliqua IGC

A CONCHA ACÚSTICA.

Primeiramente cabe esclarecer que não localizamos muitas informações sobre esse equipamento. Dessa forma faremos uma análise considerando as informações disponíveis em matérias jornalísticas, em alguns dados disponibilizados na biblioteca e arquivos da reserva técnica do Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa e outras fontes.

No final da década de 80, início da década de 90, foi instalado na Praça do Carmo um espaço cultural denominado “Adoniran Barbosa”, uma homenagem a um ilustre morador da cidade de Santo André. Esse local tinha como finalidade ser um espaço para shows e eventos. Era como uma tenda de lona azul de circo e podia receber 700 pessoas. A prefeitura cedia o local e os aparelhos de som para as atividades. O primeiro projeto foi o “Santo de Casa”, onde se apresentaram, Cláudio Lucci, Cláudio Baeta, Bocato, Fruto da Terra. O outro projeto foi o “Trem das Onze” onde se apresentaram Zé Geraldo, Walter Franco, Arrigo Barnabé, Vânia Bastos e Mulheres Negras.



Fonte: Fls. 16, 26 e 29 do PA 26035/2013-1 – Reportagem da Folha de São Paulo de 01/09/1991.

Sobre Adoniram Barbosa

Adoniram Barbosa, cujo nome verdadeiro era João Rubinato, viveu em Santo André entre 1924 e início da década de 1930, na sua fase de adolescência e morou na Rua Cesário Mota. Nasceu em Valinhos, foi criado em Jundiaí e chegou à Santo André com a família quando tinha 14 anos. Era o irmão caçula de um total de seis. Foi tecelão, pintor, encanador e serralheiro, mas esses serviços lhe exigiam demais, então foi ser mascate, e vendia meias e retalhos pelas ruas andreenses, mas não obtinha lucro com esse negócio. Trabalhou ainda como garçom, foi lanterninha do Teatro Carlos Gomes. Ele descobriu a música em Santo André. Tocava bateria no Jazz Band Simão, tocava caixa na Banda Nova e flauta no Clube Germânia na Vila Gilda. Foi bandeirinha em um time chamado Carlos Gomes. No cinema participou de filmes da Cia Vera Cruz entre os quais o premiado “O cangaceiro”. “No período em que morou em Santo André realizou vários serviços. O trem marcou sua vida. Apanhava o subúrbio aqui para trabalhar em São Paulo. Mais tarde, quando compôs *Trem das Onze*, retratou sua família, as suas viagens de trem, os amores primeiros, o ir e vir daqui a São Paulo. Ocorre que Santo André não rimava com amanhã. Daí, o Jaçanã. Licença poética clara.

Fonte: Diário do Grande ABC, em 01/08/2010, em fls. 31 do PA 26035/2013-1



O cantor Adoniran Barbosa, que morou em Santo André

Fonte: Folha de São Paulo – publicado em 05/06/1993

Intervenções e eventos

A Concha Acústica, objeto deste processo, está instalada na Praça do Carmo, em frente à Casa da Palavra. Ela foi construída após a intervenção que ocorreu na Praça do Carmo em 1992, cujo projeto é do arquiteto Décio Tozzi. O local acomoda 400 pessoas e foi construída na área onde existiam banheiros públicos.

O objetivo do espaço era atrair públicos diversificados, ao oferecer uma programação cultural variada, movimentando assim a região.

O espaço foi projetado para uso cultural e de lazer como apresentações musicais, encontros, promoção de projetos artísticos, etc.

Através de matérias jornalísticas podemos observar que ocorreram apresentações artísticas na Concha Acústica, em períodos distintos, a saber:

05.05.2001 – Nuno Mindelis e Big Dual Day– Estilo Blues. Fonte: CL: 780.981.411. CA3. Hemeroteca- Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

18.05.2001 – Festival de Heavy Metal - Fonte: CL: 780.981.411. CA4 - Hemeroteca- Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Há informação de que em 2002 houve um evento chamado “Rock na Concha”, que acontecia todo o último domingo do mês, a partir das 14h, com apresentação de bandas de heavy metal, trash metal, etc. Fonte: CL: 780.981.411. CA5. Hemeroteca- Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa.

Em 2013 localizamos a informação de que a Concha Acústica tinha sofrido uma intervenção, houve a substituição da estrutura metálica e vidro pela cobertura em lona impermeável. Foi executada também a manutenção da parte elétrica e hidráulica. A reinauguração do local contou com a apresentação da Banda Lira, tradicional grupo musical da cidade.

Nesse mesmo momento, surge outro assunto na matéria jornalística, a incompatibilidade de usos e atividades entre a Catedral Nossa Senhora do Carmo e a Concha Acústica. A matéria apresenta o depoimento do então Secretário da Cultura que afirma:

Os eventos serão sempre conciliados com a agenda da igreja (Catedral Nossa Senhora do Carmo), que realiza batizados e casamentos. Quando eles acontecerem não vamos ter atividades para não atrapalhar ninguém. Raimundo Salles, Secretário da Cultura, à época.

Abordamos essa questão, da incompatibilidade de horários, junto à atual Administração que informou que há um acordo para que eventos da Concha Acústica não ocorram após as 16:30h, para não atrapalhar as atividades da Igreja.

Verificamos também que não há, atualmente, uma agenda de eventos previamente programada para a Concha Acústica. As apresentações organizadas pelo poder público são eventuais e a população pode solicitar a utilização do espaço, desde que cumpra o acordo de horário com a igreja.



Concha Acústica – Foto: David Rego Jr. (2019)

CONCLUSÃO

Trata o presente de processo de estudo de tombamento de três bens culturais localizados em um imóvel, à Praça do Carmo, nº 58 – Centro – Santo André. São eles: a Catedral Nossa Senhora do Carmo, a Praça do Carmo e a Concha Acústica.

Considerando o disposto na Lei Municipal 9071/2008 e o art. 216 da Constituição Federal de 1988, *in verbis*:

“Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico”.

Emite-se abaixo o parecer técnico de cada um desses bens, a saber:

CATEDRAL NOSSA SENHORA DO CARMO – Parecer Técnico

A Igreja de Nossa Senhora do Carmo, atual Catedral, é uma edificação que está na paisagem de Santo André há quase 100 anos e é testemunha de muitos momentos históricos. Ela foi idealizada pelos imigrantes, a maioria italiana e devota da “Madona do Carmo”, que chegaram à região para trabalhar nas fábricas que se instalaram próximas a linha férrea. Mesmo sem uma igreja, esses imigrantes celebravam a fé católica em residências locais. O Padre italiano Luiz Capra, primeiro vigário da região, concretizou o sonho dessa população e iniciou a construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Para isso contou com a colaboração de personalidades locais, além de industriais, comerciantes e população em geral. A construção, que iniciou em 29.06.19, demorou décadas para ser finalizada, e cada parte dela

teve a contribuição de uma parcela dos cidadãos. Seu interior foi frequentado por uma população além dos limites municipais. Desta forma é um local que pertence à memória de variadas pessoas, andreenses ou não, seja na sua missão de divulgar o catolicismo, sejam nos seus rituais próprios como missas, batismos, casamentos, etc., seja no acolhimento que sempre deu às causas sociais. Caracterizando o sentimento de pertencimento, memória coletiva e afetiva.

Possui em seu interior obras de artes, pinturas, vitrais e objetos, que contam a história da religião católica. Na época da ditadura, sua imagem ultrapassou as fronteiras regionais, pois seus bispos e padres participaram junto aos operários das reivindicações e manifestações por melhores condições de trabalho e vida.

A religião católica está intrinsecamente ligada a história da região, pois já na antiga Santo André da Borda do Campo haviam os padres jesuítas e seu catolicismo-luso brasileiro. A Catedral de Nossa Senhora do Carmo, por outro lado, representa outra fase do catolicismo no Brasil, o catolicismo-romano. Demonstrando a historicidade dessa religião em nossa região.

A arquitetura inicial do prédio possui a linguagem do que era produzido à época. Contudo como foi erigida em um espaço amplo de tempo, possui alguma diversidade de técnicas e matérias advindas dessa situação *sui generis*.

Mediante todo o exposto consideramos que a Catedral Nossa Senhora do Carmo é um patrimônio cultural, um bem material, que abriga bens imateriais de diferentes níveis de valorização. É um marco importante na paisagem cultural de Santo André e por tal relevância entendemos deve ser preservada.

A edificação agrega:

1. Pela permanência no tempo.
2. Pelo valor simbólico;
3. Pela manutenção da atividade;
4. Por ser exemplar de modo de viver do longo período de sua implantação.
5. Pela referência a personagens de reconhecido valor para a comunidade.
6. Por ter impacto visual na composição da paisagem.
7. Por ser referência urbana e cultural coletiva.

8. Por estar ligado à comunidade e ser elemento pertencente à memória coletiva e afetiva.
9. Por ter sido local de atividade de personagens de reconhecido valor para a comunidade.

Parecer técnico: somos favoráveis ao tombamento da Catedral Nossa Senhora do Carmo.

Indicamos como elementos a serem preservados:

Externamente:

1. A volumetria da edificação.
2. As fachadas.

Internamente propõe-se a preservação integral das seguintes áreas:

1. Nave.
2. Coro
3. Capelas
4. Altar e presbitério

A preservação não incluiria os bens móveis. Sugerimos, entretanto o registro de todas as peças, para documentação.

Propostas de diretrizes de preservação:

1. Para melhor visualização do bem, propõe-se a Praça do Carmo como área envoltória

PRAÇA DO CARMO - Parecer Técnico

A Praça do Carmo é um marco na paisagem do Centro de Santo André. Foi construída ao redor da Igreja Nossa Senhora do Carmo, só após esse templo ter sido erguido. É a primeira praça oficializada do Município de São Bernardo, o que foi oficializado através da Lei 254 de 05.03.1927.

Originalmente a praça era chamada, entre os gregos e os romanos de *ágora* ou *fórum*. E era um espaço voltado para a transmissão de conhecimento e cultura, exposição de ideias e

tomada de decisões. Na Idade Média eram utilizadas para casamentos, comércio e ritos religiosos, mas também para fins macabros como execuções e funerais.

No período renascentista e barroco as praças e jardins passaram a ter um tratamento mais elaborado compondo com o conjunto urbano de forma planejada. Passou a ser local também destinado, à vegetação, às artes, ao relaxamento e à contemplação.

A praça é um elemento urbano que abriga pessoas, portanto é um local de eventos sociais, atividades comunitárias, de lazer e de encontro.

No Brasil sua origem tem a ver com os largos construídos no período colonial. Espaços amplos e vazios – normalmente em frente de igrejas – cultura arquitetônica herdada de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses.

Antigamente, as primeiras construções de uma cidade era o mercado, a prefeitura e uma igreja e em frente a esses locais, um espaço aberto, que servia à circulação de pessoas e suas charretes.

Atualmente a praça é um local de descanso e entretenimento da população. Dessa forma deve ser livre de trânsito e veículos. Um ambiente coletivo que integre as pessoas ao meio externo.

As praças, portanto passaram por mudanças em sua configuração ao longo do tempo, muito devido aos novos usos e atividades. Como a vida, é um local dinâmico.

A Praça do Carmo tem um histórico similar, passou por quatro intervenções, desde sua configuração inicial, resultando no desenho que vemos hoje. E essas intervenções objetivaram atualizá-la às necessidades de seus usuários.

Apesar de ter sido construída ao redor da Igreja e fazer parte da sua atividade, pois através dela os fiéis adentram a Catedral, podemos afirmar que a Praça do Carmo e a Catedral Nossa Senhora do Carmo são bens imóveis independentes e ao mesmo tempo integrados, seus usos e atividades convivem em harmonia e se integram.

Estão instalados, na Praça do Carmo, os bustos do Padre Leonardo Nunes e do Padre Luiz Capra. O padre jesuíta Leonardo Nunes rezou a primeira missa na antiga Vila de Santo André da Borda do Campo e foi o primeiro evangelizador do Planalto. Já o Padre Luiz Capra foi o primeiro vigário da região e responsável pelo início da construção da Igreja Nossa Senhora do Carmo, atual Catedral.

Mediante o exposto consideramos que esse espaço é um patrimônio cultural da cidade de Santo André, é uma referência histórica, urbana e cultural, pois:

1. Pessoas de todas as classes sociais, de todas as religiões, ao longo de várias gerações a frequentam, fazendo parte de uma memória coletiva.
2. Seu espaço reuniu, ao longo do tempo, milhares de operários, em suas manifestações e reivindicações por melhorias trabalhistas.
3. Recebeu e recebe feiras que ofertam cultura e lazer aos seus usuários.
4. É uma área aberta propícia: à contemplação, ao descanso, à observação, à leitura, ao entretenimento, ao encontro, ao lazer, a alimentação, ao esporte, enfim, às atividades culturais e sociais.
5. É um local histórico, situado em região que originou a atual cidade de Santo André. Seu entorno possui edificações históricas e uma urbanização que detalham o crescimento da região.
6. É local de passagem, por quem circula na região central da cidade, e também de descanso, fato que pode ser observado diariamente, em dias úteis, na hora do almoço.

A edificação agrega:

1. Pela permanência no tempo.
2. Pela referência a personagens de reconhecido valor para a comunidade.
3. Por ter impacto visual na composição da paisagem.
4. Por ser referência urbana e cultural coletiva.
5. Por ser elemento pertencente a memória afetiva.
6. Pelo valor simbólico;
7. Pela referência a personagens de reconhecido valor para a comunidade.

Parecer técnico: A Praça do Carmo sofreu ao longo do tempo intervenções, para atualizações tecnológicas devido às necessidades de usos e atividades de seus usuários, atendendo a dinâmica da vida cotidiana. Não possui, portanto seu desenho original. Desta forma seu valor está na integração com a Catedral de Nossa Senhora do Carmo e no espaço que propicia à convivência urbana. Desta forma somos favoráveis ao tombamento da Praça do Carmo.

Indicamos como elementos a serem preservados:

1. Seu perímetro.
(obs: a ampliação da área da praça é recomendada)
2. Os bustos do Padre Capra e do Padre Leonardo Nunes

Propostas de diretrizes de preservação:

1. A proibição de construções na praça, exceto no sub-solo.
2. A proibição do acesso de veículos automotores, exceto:
 - a) Veículos automotores dos noivos.
 - b) Veículos automotores que necessitem acessar o prédio da Mitra, única edificação que possui garagem no calçadão da praça.
Deve haver, para ambos os casos, uma comunicação visual, em destaque, diferenciando área de veículos automotores da área de pedestres.
3. A criação de uma área envoltória composta pelos lotes em que uma das fachadas esteja voltada para a Praça do Carmo. Limitando às novas construções e ampliações, nesses lotes, a um gabarito (h) de no máximo 10,00 metros.
4. Qualquer intervenção paisagística, ou instalação de equipamentos, futura deverá interferir minimamente na visualização que o pedestre tem da Catedral Nossa Senhora do Carmo.

CONCHA ACÚSTICA – Parecer Técnico

Antes da existência da Concha Acústica, foi instalado em torno do final da década de 80 e início da década de 90, na Praça do Carmo, um espaço cultural batizado com o nome de “Adoniram Barbosa”. Era coberto com lona azul de circo e tinha capacidade para 700 pessoas. A prefeitura cedia os aparelhos de som para as apresentações. Esse espaço recebeu alguns projetos musicais. O primeiro projeto foi o “Santo de Casa” e depois o “Trem das Onze”, onde se apresentaram respectivamente, Cláudio Lucci, Cláudio Baeta, Bocato, Fruto da Terra e Zé Geraldo, Walter Franco, Arrigo Barnabé, Vânia Bastos e Mulheres Negras.

banheiros públicos. O objetivo era que o espaço fosse reservado para apresentações musicais, encontro, lazer e promoção de projetos artísticos e musicais, ou seja, atividades culturais. A vinda de projetos musicais seria uma forma de atrair diferentes públicos, beneficiando o local.

A atual Concha Acústica localizada na Praça do Carmo, em frente à Casa da Palavra, foi construída no último processo de revitalização da praça em 1992, cujo projeto foi do arquiteto Décio Tozzi. É um local que acomoda 400 pessoas e foi construída no local onde haviam

Tocaram na Concha Acústica: Nuno Mindelis, Irmandade do Blues, Andreas Kissler, Nação Zumbi, Banda Liquidus Ambiente, Necromancia e Return.

Inicialmente é importante destacar que não há muitas informações sobre as atividades, ao longo de todo esse tempo de existência da Concha Acústica. As informações obtidas referem-se a matérias jornalísticas disponibilizadas na hemeroteca e reserva técnica da Biblioteca do Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa, neste processo administrativo e outros canais.

O que nos foi informado é que atualmente não há uma programação permanente de shows. E que, eventualmente, o local é disponibilizado aos interessados que se propõem a fazer alguma apresentação.

A reportagem do jornal do Grande ABC do dia 25.08.2013, intitulada “Concha acústica de Santo André volta a ativa com cara nova” informa que a Administração, à época, fez um acordo com a administração da Igreja e que os eventos da Concha Acústica seriam conciliados com a agenda da igreja, pois eram conflitantes. E, em havendo atividade na Igreja não haveria atividade na Concha Acústica.

Confirmamos essa informação junto à atual Administração Municipal. Dessa forma o acordo continua válido e as apresentações na Concha Acústica só podem ocorrer até às 16:30h.

Assim concluiu-se que a Concha Acústica é um equipamento cultural importante, e faz parte de uma memória coletiva, porém não está sendo utilizado em toda sua potencialidade, pois conflita com o uso e atividade da Catedral, bem que está há mais tempo no local, e que se mantém em constante atividade.

Ante o exposto, manifestamo-nos pelo não tombamento da Concha Acústica.

Santo André, 02 de março de 2019.

Arq. Mônica Nunes Watanabe

Corpo Técnico – COMDEPHAAPASA

REFERÊNCIAS

GAIARSA, Octaviano Armando. (1968). **A cidade que dormiu três séculos: Santo André da Borda do Campo; seus primórdios e sua evolução histórica: 1553 – 1560.** Santo André: Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Santo André.

GAIARSA, Octaviano Armando.(1991). Santo André – **Ontem, hoje, amanhã.** 1ª ed.. Ed.P.M.S.A. Santo André

MEDICE, Ademir.2013. **Semente do Grande ABC 200 anos: 1812 – 2012** : Paróquia da Boa Viagem, Matriz de São Bernardo do Campo [SP]: Formag's,

SANTOS, Wanderley dos (1992). **Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550 – 1892.** Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo – Secretaria de Educação, Cultura e Esportes Departamento de Cultura – 1992

SILVA, Gustavo X. Ferreira da. **Memória Social de Participantes de Comunidades Eclesiais de Base em Santo André** (Versão Corrigida. Trabalho de Mestrado. Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo – Trabalho de Mestrado. São Paulo – 2012.

SOUZA, Ney de (organizador), **Catolicismo em São Paulo – 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo – 1554-2004** . Editora Paulinas, 2004

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Igreja e Movimento Operário no ABC :1954-1975.** São Paulo: Hucitec; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1994.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Victor Dubugras: **Precursor da arquitetura moderna na América Latina** / Anticipateur de l'architecture moderne em Amérique Latine/ Nestor Goulart Reis – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

Matérias jornalísticas – hemeroteca – biblioteca Museu de Santo André

Diário do Grande ABC – Matéria – 19.09.78 – “Volta do Pe. Luiz Capra, 58 anos após a sua morte”

O Estado de São Paulo - Matéria de 04.03.1979 – “Santo André reforma igreja”.

Diário do Grande ABC – Matéria – 26.03.1989 “Arte de vitrais: uma linguagem além da religião”

Diário do Grande ABC – Matéria de Nei Bonfim - 15.09.1990

Diário do Grande ABC - Coluna Memória, 15-5-1998 e 4-11-1998, “O dia em que a igreja do Carmo ganhou seu telhado” e “Um benfeitor chamado Bernardino”.

Diário do Grande ABC – Matéria e Fotos – 16.03.2001 – “Século XX – o século passado”

Diário do Grande ABC – Matéria – 06.02.2003 – “Grande ABC perde Dom Décio”

Diário do Grande ABC – Matéria – 29.11.2003

Jornal Catedral Informa – Ano VIII – Fevereiro/2006 – nº 35 – pasta 282 – Igreja Católica Romana

Diário do Grande ABC – Matéria – 13.09.2009 – “Dom Néilson Strupp comemora 70 anos com missa em Santo André”.

Diário do Grande ABC – Matéria – 05.09.2011 – “Sede da Igreja será inaugurada até dezembro” – de Elaine Granconato.

Diário do Grande ABC – Matéria – 05.09.2011 – “Santo André planeja revitalização do Centro – Primeiro passo é o restauro da Catedral do Carmo” – por: Elaine Granconato

Diário do Grande ABC – Matéria – 25.05.2015 – “Dom Cláudio Hummes festeja as 4 décadas de bispado que mudaram a história do país”

Diário do Grande ABC – Matéria – 26.05.2015 – “Dom Cláudio exalta Diocese andreense”

Diário do Grande ABC – Matéria – 19.09.78. “A volta do Pe. Luiz Capra, 58 anos após a sua morte”.

Folhetos:

Brasil Histórico 29 – Banco Safra S/A – Pasta 981.411 (Breve histórico de Santo André da Borda do Campo à atual Santo André)

Subsídios históricos sobre os setores 2 e 5 – Centro de Santo André e Bairros Vizinhos - Viva Cidade – PSA

Alguns apontamentos sobre Antonio Queiroz dos Santos e família – Mirella Suraci Santos p. 04 a 07 – texto de Antônio Queiróz dos Santos.

São Paulo no IV Congresso eucarístico Nacional”, agosto de 1942.

Jornal Catedral Informa – Ano VIII – Fevereiro/2006 – nº 35 – pasta 282 – Igreja Católica Romana - acervo do Museu de Santo André

Alguns apontamentos sobre Antonio Queiroz dos Santos e família – Mirella Suraci Santos.

Mensageiro Parochial – Novembro-Dezembro de 1936

Fontes na Internet:

<https://diocesesa.org.br/2014/10/28/historia-da-diocese/consulta> em 28.09.17 - Ligas Católicas do Grande ABC

<http://catedraldocarmo.org.br/site/wp-content/uploads/2012/07/nsracarmo1.jpg> - 29.09.17 (Texto: a padroeira)

<http://www.saovicente.sp.gov.br/publico/noticia.php?codigo=80> (texto: histórico da Cidade de São Vicente – consulta em 02.10.18)

<http://www.saovicente.sp.gov.br/publico/noticia.php?codigo=86> – (texto: a história da Companhia de Jesus – consulta em 02.10.2018.

<http://www.saovicente.sp.gov.br/publico/noticia.php?codigo=86>. (texto: a Companhia de Jesus em São Paulo e na região da atual Santo André

BDM – Banco de Dados Municipais da Prefeitura de Santo André.

GEOWEB – Mapas – Prefeitura Municipal de Santo André.

Google Maps – fotos de paisagens de Santo André.

<https://blogdaarquitectura.com/como-surgiram-as-pracas-e-duas-diferentes-funcoes-sociais-ao-longo-da-historia>

Fotos:

Diário do Grande ABC – Matéria – 26.05.15 (Foto de D. <http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/cardeal-dom-claudio-hummes-lanca-livro-sobre-o-pontificado-do-papa-francisco>. 26.05.15

Diário do Grande ABC – Matéria – 26.05.15 (Foto de Dom Paulo Hummes)<http://www.arquidiocesedesaopaulo.org.br/cardeal-dom-claudio-hummes-lanca-livro-sobre-o-pontificado-do-papa-francisco>. Consulta em 25/09/17 (foto de D. Cláudio Hummes)

http://catedraldocarmo.org.br/site/?page_id=23. Consulta em 29.09.17 (foto da Catedral do Carmo)

Pesquisas externas:

Biblioteca do Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa

Museu de Santo André - Dr. Octaviano Armando Gaiarsa Fundo Câmara de São Bernardo: Acervo da Câmara do extinto Município de São Bernardo.

Subsídios históricos sobre os setores 2 e 5 – Centro de Santo André e Bairros Vizinhos - Viva Cidade – PSA - KLEEB, Susana Cecília, A região central , PSA)

Departamento de Desenvolvimento de Projetos Urbanos: Mapas 01/02 – Acervo do Departamento de Projetos Urbanos (DDPU) – Mapas 1919 – 1928

Biblioteca Nair Lacerda – Paço Municipal – Prefeitura de Santo André.

Fotos da Praça do Carmo , Concha Acústica e da Catedral Nossa Senhora do Carmo - 2019

Seguem abaixo fotos da Praça do Carmo, Concha Acústica e da Catedral Nossa Senhora do Carmo, registradas pelo fotógrafo David Rego Júnior. Obs: anexo a este estudo Compact Disc com as fotos de Davi Rego Jr registradas em 2019.

PRAÇA DO CARMO - FOTOS



Praça do Carmo – Foto da Vista Lat. Esquerda da Catedral do Carmo (2019)



Praça do Carmo – Foto da Vista Lat. Direita da Catedral do Carmo (2019)



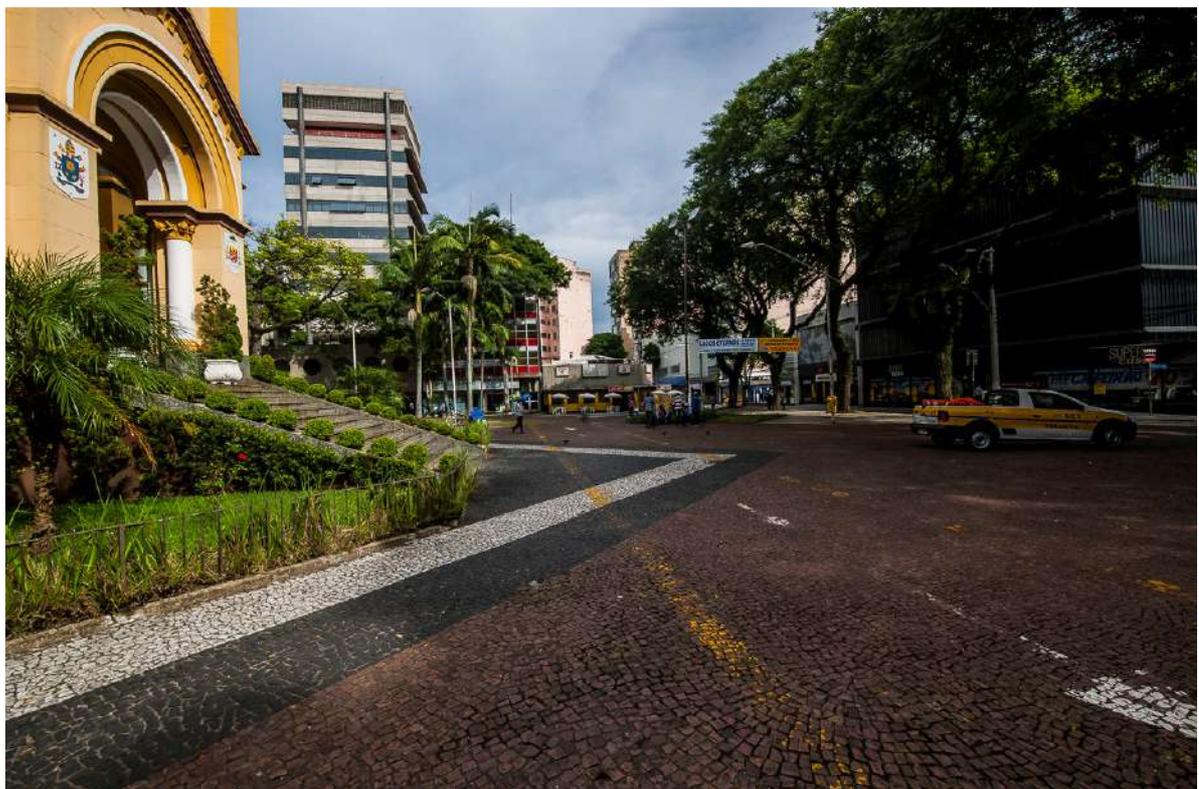
Praça do Carmo – Foto em frente a Casa da Palavra (2019)



Praça do Carmo – Foto do busto do Padre Leonardo Nunes (2019)



Praça do Carmo – Foto da área localizada próximo ao Posto Policial (2019)



Praça do Carmo – Foto em frente a Rua Campos Sales (2019)



Praça do Carmo – Foto da área ao lado direito da Catedral do Carmo (2019)



Praça do Carmo – Foto do busto do Padre Luiz Capra (2019)



Praça do Carmo – Foto da área nos fundos da Catedral de Nossa Senhora do Carmo (2019)



Praça do Carmo – Foto da área nos fundos da Catedral de Nossa Senhora do Carmo (2019)

CONCHA ACÚSTICA



Concha Acústica – Foto (2019)



Concha Acústica – Foto (2019)

CATEDRAL NOSSA SENHORA DO CARMO - FOTOS



Catedral Nossa Senhora do Carmo – Foto Fachada Frontal (2019)



Catedral Nossa Senhora do Carmo – Foto Fachada Lateral Esquerda (2019)



Catedral Nossa Senhora do Carmo – Foto Fachada Direita Esquerda (2019)



Catedral Nossa Senhora do Carmo - Fachada Fundos (2019)

FOTOS INTERNAS DA CATEDRAL DO CARMO



Foto da nave (primeiro plano); altar e presbitério (a frente); capelas nas laterais; Capela do Santíssimo (porta a frente à esquerda); e porta da Sacristia (a frente a direita) - 2019

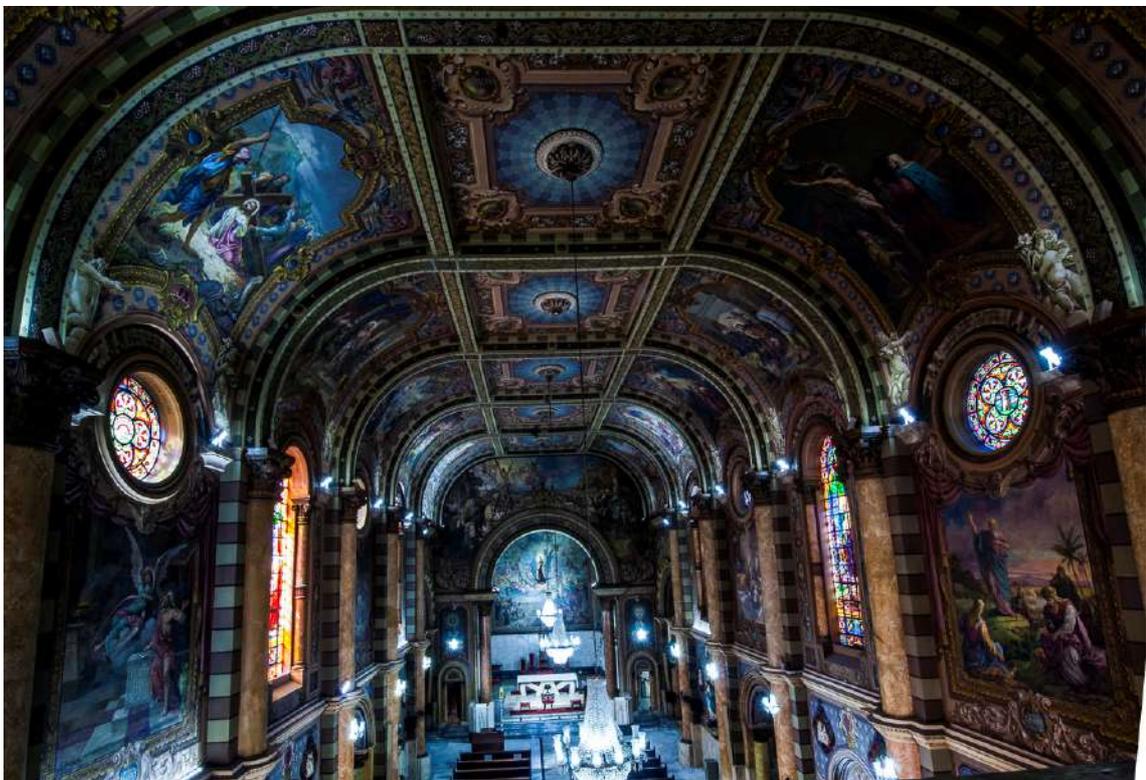


Foto do teto e paredes com pinturas artísticas – 2019



Foto do altar e presbitério – 2019



Foto do altar e presbitério – 2019

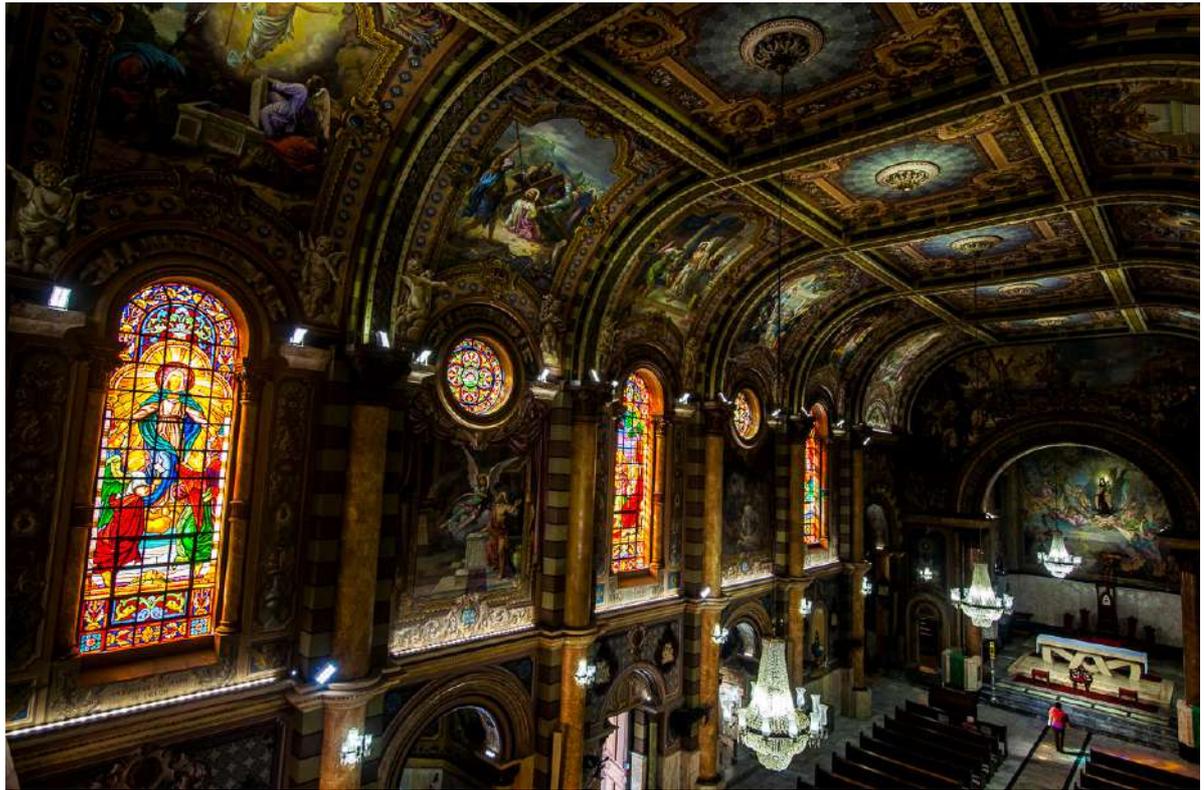


Foto da parede lateral esquerda da nave (ao fundo lado direito o altar e presbitério) – 2019

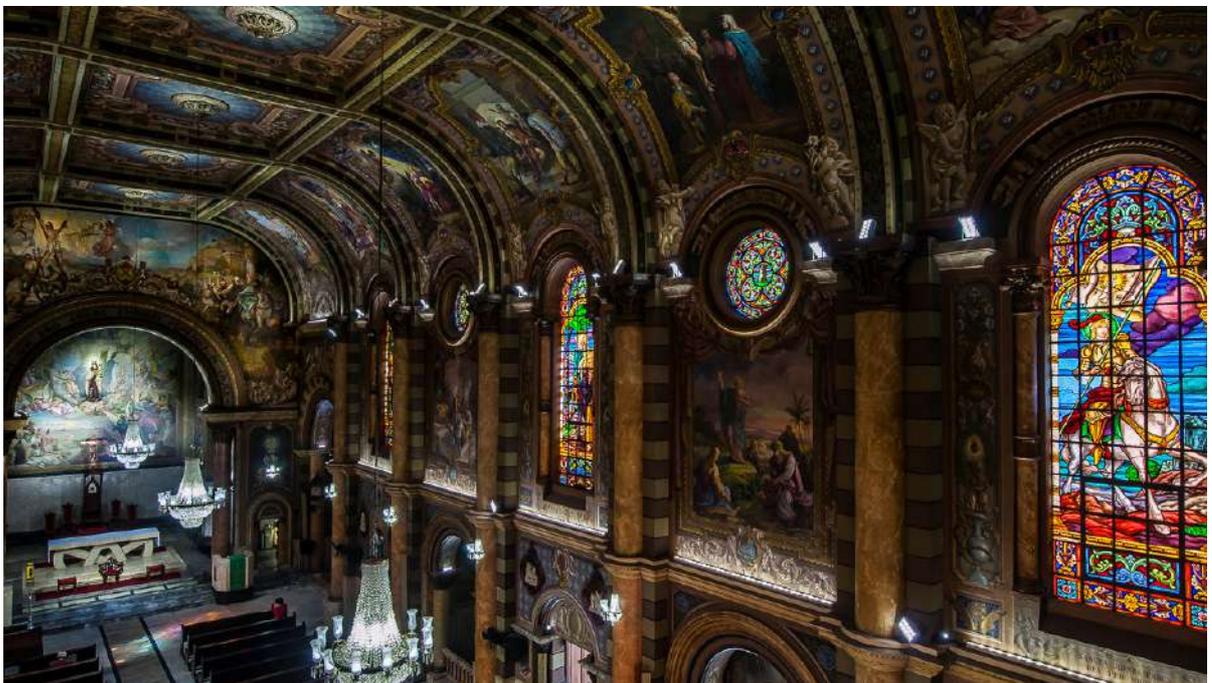


Foto da parede lateral direita da nave (ao fundo lado esquerdo o altar e presbitério) – 2019

ORATÓRIOS



Foto – Oratório de Santo André



Foto – Santa Maria Madalena



Foto – Oratório Santo Anjo da Guarda



Foto Oratório de Nossa Senhora Aparecida

VITRAIS



VITRAIS



CAPELAS LATERAIS



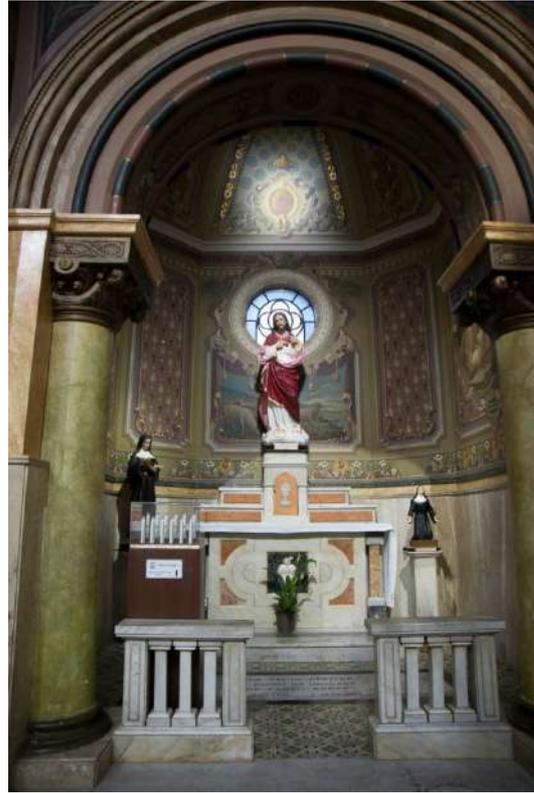
Capela de Jesus Cristo - 2019



Capela de Santo Antônio de Pádua - 2019



Capela da Imaculada Conceição - 2019

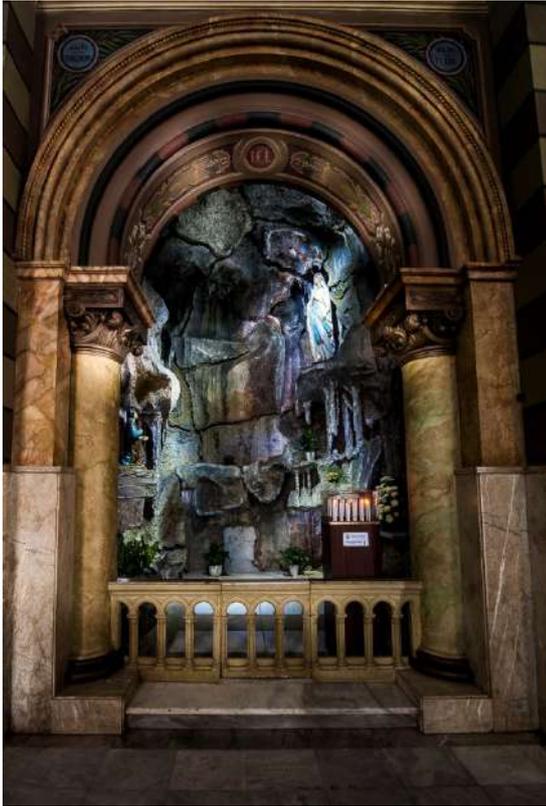


Capela do Sagrado Coração de Jesus – 2019

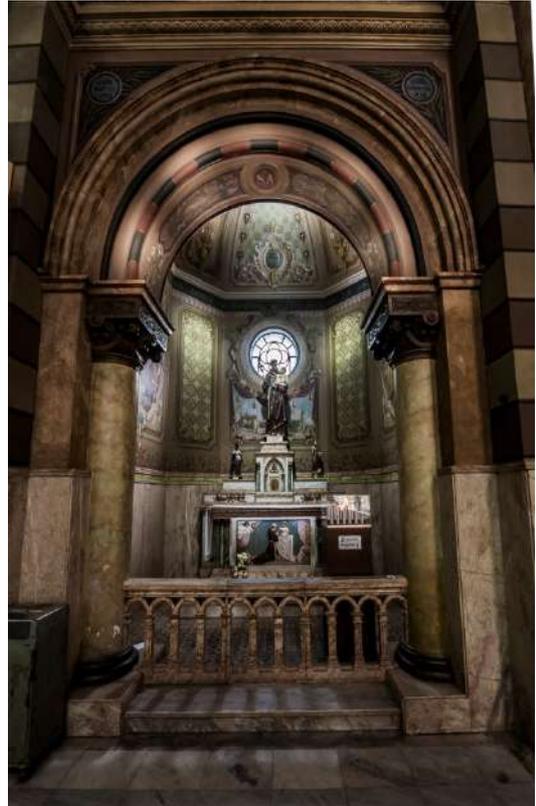
CAPELA DO SANTÍSSIMO



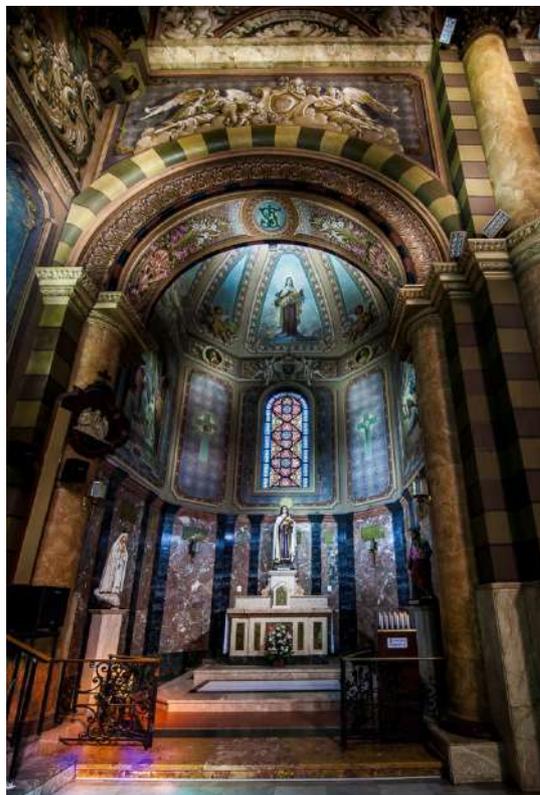
Capela do Santíssimo – 2019



Capelade Nossa Senhora de Lourdes



Capela de Santo Antônio de Pádua



Capela de Santa Teresinha do Menino Jesus

À

Sra. Secretária do COMDEPHAAPASA.

Atendendo a solicitação do COMDEPHAAPASA, e ao disposto no art. 16 da lei 9071/2008, segue estudo de tombamento dos seguintes bens, Catedral Nossa Senhora do Carmo, Praça do Carmo e Concha Acústica, para análise e deliberação do COMDEPHAAPASA.

Santo André, 02 de março de 2019.

Arq. Mônica N. Watanabe

Corpo Técnico - COMDEPHAAPASA